

A Torá e a Reencarnação



Copyright 2021 by
Thiago Toscano Ferrari (Thiago Toscano)
Vitória (ES)

Capa: Ana Luísa Barroso da Silva Neto, adaptação
das imagens:
<https://images.app.goo.gl/jHJJKFeNSf4YunnN9> e
<https://images.app.goo.gl/3zVjrcT8ouPxXVpN8>

Diagramação:

Paulo Neto

site: www.paulosnetos.net

Belo Horizonte, nov/2021.

A Torá e a Reencarnação

A paz, se possível, mas a verdade a qualquer preço. (Lutero)

A paz não pode ser mantida à força. Somente pode ser atingida pelo entendimento. (Albert Einstein)

Se vi mais longe... é por que me apoiei nos ombros de gigantes. (Isaac Newton)

Thiago Toscano

Índice

Prefácio.....	5
1 - O entendimento dos Judeus quanto à Reencarnação	9
1.1. A Torá e a análise do texto original hebraico.....	25
1.2. O Tanah e uma outra tradução hebraica	31
1.3. A Septuaginta, a primeira tradução do texto original ...	34
1.4. A Vulgata Latina e seu sentido clássico ou popular?	43
1.5. Onde o texto foi alterado no Êxodo?	51
1.6. Analisando as Traduções Bíblicas do escritor Severino Celestino	64
1.7. A tradução de um judeu ortodoxo	81
1.8. Com qual tradução ficamos?	83
1.9. O que diz o Talmud Babilônico	92
1.10. O que diz o Zohar - O Livro do Esplendor	98
1.11. O que diz Antiguidades Judaicas de Josefo.....	102
1.12. O que diz o Chumash de Rashi.....	103
1.13. A Terapia de Vidas Passadas e a análise científica ...	107
1.14. Traduções e argumentos contrários à Torá	109
2 - Passagens que sugerem a reencarnação.....	132
2.1. Analisando Ezequiel e o “vale dos ossos secos”	132
2.2. O Tanah e as profecias relativas à reencarnação	137
2.3. O Cego de Nascimento.....	148
2.4. O Homem Coxo.....	157
Considerações Finais.....	167
Fontes bibliográficas	168
SOBRE O AUTOR.....	171

Prefácio

Nesta terceira revisão, além das obras incluídas com as novas bibliografias judaicas especializadas no tema, foi inserido a posição da ciência quanto ao trato na Terapia de Vidas Passadas, tendo em vista a abrangência que esta pesquisa



tomou, acrescentou profundamente ao trabalho inicial, dando-lhe maior embasamento.

Existem traduções e traduções, onde percebi que até mesmo dentro do próprio judaísmo não é unânime algumas delas, mas a interpretação na tradição oral salta aos olhos e é a partir dela que desenvolvemos a pesquisa na revisão anterior, mas nesta atual revisão, incluímos a pesquisa de obras de Terapia de Vidas Passadas, especialmente não espíritas, onde encontramos um importante posicionamento científico de Brian Weiss.

Este é um dos temas não explorados por

Kardec que no seu tempo foi um grande erudito e lançou luzes sobre o assunto, através das mensagens espirituais analisadas por ele e registradas na codificação espírita. Ao pesquisar as obras básicas do Espiritismo, não encontramos menção sobre o tema que desenvolveremos. Muitos dos críticos apenas apontam suas observações, mas não nos apresentam o seu ponto de vista, vindo a se tornar meras cavilações.

Com as novas descobertas, é palatável que tenhamos chegado a uma conclusão razoável sobre o tema, vindo a tornar a pesquisa bem robusta e com argumentos antes defendidos, outrora ampliadas e alguns até alterados.

Este texto nasceu em uma lista de discussão protestante, onde participaram judeus, protestantes, católicos e espíritas por volta dos anos de 2005 e 2006. O registro desses debates não se encontra mais disponíveis devido ao desligamento deste fórum no ano de 2006, vindo a ser desativado e apagado todo o seu conteúdo de cunho público. Foram anos de debates e também de estudo.

Entendemos que agora, após um refinamento

de ideias, pesquisas e comparações entre os originais hebraicos, gregos, latinos e o português, é que chegamos ao entendimento de tão importante passagem do Êxodo registrada na Torá e Tanah, bem como outras mais que desenvolveremos. Iremos, porquanto, dividir com os demais leitores o fruto deste trabalho de anos a fio em pesquisas. Esperamos que apreciem.

Nossa abordagem neste estudo será o entendimento dos judeus, na época de Jesus, quanto à reencarnação, bem como documentamos em nosso artigo de pesquisa “O diálogo entre Jesus e Nicodemos” que foi desmembrado e se transformou uma de suas partes neste artigo, devido ao longo trabalho que foi desenvolvido de pesquisa na Torá, Tanah, Septuaginta, Vulgata Latina e demais traduções ocidentais da Bíblia ao qual conhecemos nos dias de hoje, bem como em alguns tratados do Talmud Babilônico.

Faremos, portanto, uma análise de algumas passagens polêmicas que dão base para a reencarnação e que se encontram no Antigo Testamento, onde entendemos que deu origem a

ideia da reencarnação, mas que com as traduções atuais, ocultam o real sentido, nos remetendo a ideia das punições hereditárias que não apregoam a essência da Torá. Abordaremos neste estudo, o entendimento dos judeus, na época de Jesus, quanto à reencarnação. Assim como fizemos na análise do diálogo entre Jesus e Nicodemos, estabelecendo de antemão que a reencarnação é uma lei natural (Jo 3:12).

Vejamos, por oportuno, se os judeus acreditavam ou não na reencarnação. Em caso positivo, como a entendiam. É importante frisarmos que dentro do próprio judaísmo existem correntes que não acreditam na reencarnação.

Thiago Toscano

1 - O entendimento dos Judeus quanto à Reencarnação

Temos como partida de nosso estudo a *Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia*, 4ª edição, volume 5, página 583. Esta Enciclopédia Bíblica é produzida pelo grande professor e Ph.D. em línguas clássicas na University of Utah (USA) e pelo pastor João Marques Bentes da igreja Batista. É ainda na página 689 e 534 do volume dois da referida coleção que encontramos a seguinte citação:

“As diferenças quanto às crenças doutrinárias, entre os fariseus e os saduceus, conforme é frisada pelo historiador Flávio Josefo, eram as seguintes (ver Guerra dos Judeus II.8.14): **Os fariseus criam na imortalidade da alma, que haveria de reencarnar-se. Isso poderia envolver uma série de reencarnações (doutrina essa muito comum naquela época, que evidentemente também era defendida pelos essênios;** ver nota em Luc. 1:80 e Mat. 3:1 no NTI), mas também incluía a ideia de que a alma haveria de animar o corpo ressurrecto”. (CHAMPLIN, R. N. e BENTES J. M., p. 689, grifo nosso)

"[...] Eles criam na preexistência e imortalidade da alma, assumindo uma espécie de ponto de vista platônico-filônico sobre a alma. **Também acreditavam na reencarnação** (que vede). A alma, a princípio, habitava na pureza; mas então, ao unir-

se com o corpo material, ficou aprisionada, e foi assim que a corrupção da alma teve início. Eles supunham que as almas boas iriam para a bem-aventurança, ao passo que as almas más seriam punidas eternamente. As influências religiosas a que estavam sujeitos, e que explicam em parte algumas de suas doutrinas e práticas, parecem ter vindo do judaísmo, especialmente do farisaísmo, do parseísmo, do paganismo sírio, do pitagoreanismo e do neoplatonismo". (CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M., p. 524, grifo nosso)

Será mesmo que a crença dos judeus na reencarnação não encontra sequer uma menção no Velho Testamento, algo incoerente se acreditasse mesmo nisto? Podemos provar por outra fonte que os judeus acreditavam na reencarnação. Para isso nada melhor do que citarmos alguns trechos do intelectual e historiador judeu contemporâneo de Jesus, Flávio Josefo (37/38 d.C. a 100 d.C.), mencionado por Champlin e Bentes:

“Ensinavam os fariseus que as almas são imortais e que as almas dos justos passam, depois desta vida, a outros corpos” (De Bello Judaico, 2,5,11, grifo nosso)

Vejam a advertência que faz aos soldados judeus que preferiram desertar, suicidando-se:

“Não vos recordais de que todos os espíritos puros que se encontram em conformidade com a vontade divina vivem nos mais humildes dos lugares celestiais, e que no decorrer do tempo eles serão novamente enviados de volta para habitar corpos inocentes? Mas as almas daqueles que cometeram suicídio serão atiradas às regiões trevosas do mundo inferior” (De Bello Judaico, 1910)

O Rabino Philip S. Berg, em “Reencarnação as Rodas da Alma”, diz que:

“A palavra hebraica para reencarnação é **Guilgul Neshamot**, que literalmente quer dizer ‘**roda da alma**’. É para esta vasta roda metafísica, com sua coroa constelada de almas, como estrelas nas bordas de uma galáxia, que devemos dirigir nosso olhar, se desejamos ver além da aparência da inocência punida e da maldade recompensada. Guilgul Neshamot é uma roda em constante movimento e, ao girar, as almas vêm e vão diversas vezes, num ciclo de nascimento, evolução e morte e novo nascimento. A mesma evolução ocorre com o corpo no decorrer de uma única vida. Ocorre o nascimento, o crescimento das células, a paternidade e a morte – novos corpos produzidos pelos antigos, dando assim continuidade à forma física. É sempre um pai que concede sua semente para que haja continuidade, num processo sem fim.” (BERG, 1998, p. 17-18)

Severino Celestino, citando o Rabino Shamai Ende, diz:

“Sobre a Reencarnação, apresentamos, aqui, para ilustrar, o depoimento do Rabino Shamai Ende, colaborador da Revista Judaica ‘**Chabad News**’, publicação de Dez a Fev 1998. Vejamos o texto na íntegra: **‘O conceito de Guilgul (Reencarnação) é originado no judaísmo, sendo que uma alma deve voltar várias vezes até cumprir todas as mistsvot da Torá. Além disso, cada alma tem uma missão específica. Caso não tenha cumprido a sua, a alma deve retornar a este mundo para preencher tal lacuna. Somente pessoas especiais sabem exatamente qual é sua missão de vida. (...).’**” (DA SILVA, 2012, p. 161, grifo do original)

Allan Kardec (1804 - 1869), na introdução da obra *O Evangelho Segundo o Espiritismo* traz uma importante informação histórica que complementar­á nosso estudo. Vejamos:

III – NOTÍCIAS HISTÓRICAS

Para bem se compreenderem algumas passagens dos Evangelhos, necessário se faz conhecer o valor de muitas palavras neles frequentemente empregadas e que caracterizam o estado dos costumes e da sociedade judia naquela época. Já não tendo para nós o mesmo sentido, essas palavras foram com frequência mal-

interpretadas, causando isso uma espécie de incerteza. A inteligência da significação delas explica, ao demais, o verdadeiro sentido de certas máximas que, à primeira vista, parecem singulares.

Escribas. - Nome dado, a princípio, aos secretários dos reis de Judá e a certos intendentes dos exércitos judeus. Mais tarde, foi aplicado especialmente aos doutores que ensinavam a lei de Moisés e a interpretavam para o povo. Faziam causa comum com os fariseus, de cujos princípios partilhavam, bem como da antipatia que aqueles votavam aos inovadores. Daí o envolvê-los Jesus na reprovação que lançava aos fariseus.

Essênios ou esseus. - Também seita judia fundada cerca do ano 150 antes de Jesus-Cristo, ao tempo dos macabeus, e cujos membros, habitando uma espécie de mosteiros, formavam entre si uma como associação moral e religiosa. Distinguiam-se pelos costumes brandos e por austeras virtudes, **ensinavam o amor a Deus e ao próximo, a imortalidade da alma e acreditavam na ressurreição.** Viviam em celibato, condenavam a escravidão e a guerra, punham em comunhão os seus bens e se entregavam à agricultura. **Contrários aos saduceus sensuais, que negavam a imortalidade;** aos fariseus de rígidas práticas exteriores e de virtudes apenas aparentes, nunca os essênios tomaram parte nas querelas que tornaram antagonistas aquelas duas outras seitas. Pelo gênero de vida que levavam, assemelhavam-se muito aos primeiros cristãos, e os princípios da moral que professavam induziram muitas pessoas a supor que Jesus, antes de dar

começo à sua missão pública, Ihes pertencera à comunidade. E certo que ele há de tê-la conhecido, mas nada prova que se Ihe houvesse filiado, sendo, pois, hipotético tudo quanto a esse respeito se escreveu. (1)

Fariseus (do hebreu *parush*, divisão, separação). - A tradição constituía parte importante da teologia dos judeus. Consistia numa compilação das interpretações sucessivamente dadas ao sentido das Escrituras e tomadas artigos de dogma. Constituía, entre os doutores, assunto de discussões intermináveis, as mais das vezes sobre simples questões de palavras ou de formas, no gênero das disputas teológicas e das sutilezas da escolástica da Idade Média. Daí nasceram diferentes seitas, cada uma das quais pretendia ter o monopólio da verdade, detestando-se umas às outras, como sói acontecer.

Entre essas seitas, a mais influente era a dos *fariseus*, que teve por chefe *Hillel* (2), doutor judeu nascido na Babilônia, fundador de uma escola célebre, onde se ensinava que só se devia depositar fé nas Escrituras. Sua origem remonta a 180 ou 200 anos antes de Jesus-Cristo. Os fariseus, em diversas épocas, foram perseguidos, especialmente sob Hircano – soberano pontífice e rei dos judeus –, Aristóbulo e Alexandre, rei da Síria. Este último, porém, Ihes deferiu honras e restituiu os bens, de sorte que eles readquiriram o antigo poderio e o conservaram até à ruína de Jerusalém, no ano 70 da era cristã, época em que se Ihes apagou o nome, em consequência da dispersão dos judeus.

Tomavam parte ativa nas controvérsias religiosas. Servis cumpridores das práticas exteriores do culto e das cerimônias; cheios de um zelo ardente de proselitismo, inimigos dos inovadores, afetavam grande severidade de princípios; mas, sob as aparências de meticulosa devoção, ocultavam costumes dissolutos, muito orgulho e, acima de tudo, excessiva ânsia de dominação. Tinham a religião mais como meio de chegarem a seus fins, do que como objeto de fé sincera. Da virtude nada possuíam, além das exterioridades e da ostentação; entretanto, por umas e outras, exerciam grande influência sobre o povo, a cujos olhos passavam por santas criaturas. Daí o serem muito poderosos em Jerusalém.

Acreditavam, ou, pelo menos, fingiam acreditar na Providência, **na imortalidade da alma, na eternidade das penas e na ressurreição dos mortos**. (Cap. IV, nº. 4.) Jesus, que prezava, sobretudo, a simplicidade e as qualidades da alma, que, na lei, preferia o *espírito, que vivifica, a' letra, que mata*, se aplicou, durante toda a sua missão, a lhes desmascarar a hipocrisia, pelo que tinha neles encarniçados inimigos. Essa a razão por que se ligaram aos príncipes dos sacerdotes para amotinar contra ele o povo e eliminá-lo.

Nazarenos. - Nome dado, na antiga lei, aos judeus que faziam voto, ou perpétuo ou temporário, de guardar perfeita pureza. Eles se comprometiam a observar a castidade, a abster-se de bebidas alcoólicas e a conservar a cabeleira. Sansão, Samuel e João Batista eram nazarenos.

Mais tarde, os judeus deram esse nome aos

primeiros cristãos, por alusão a Jesus de Nazaré.

Também foi essa a denominação de uma seita herética dos primeiros séculos da era cristã, a qual, do mesmo modo que os ebionitas, de quem adotavam certos princípios, misturava as práticas do moisaísmo com os dogmas cristãos, seita essa que desapareceu no século quarto.

[...].

Saduceus. - Seita judia, que se formou por volta do ano 248 antes de Jesus-Cristo e cujo nome lhe veio do de Sadoc, seu fundador. **Não criam na imortalidade, nem na ressurreição, nem nos anjos bons e maus.** Entretanto, criam em Deus; nada, porém, esperando após a morte, só o serviam tendo em vista recompensas temporais, ao que, segundo eles, se limitava a providência divina. Assim pensando, tinham a satisfação dos sentidos físicos por objetivo essencial da vida. Quanto às Escrituras, atinham-se ao texto da lei antiga. Não admitiam a tradição, nem interpretações quaisquer. Colocavam as boas obras e a observância pura e simples da Lei acima das práticas exteriores do culto. **Eram, como se vê, os materialistas, os deístas e os sensualistas da época.** Seita pouco numerosa, mas que contava em seu seio importantes personagens e se tornou um partido político oposto constantemente aos fariseus.

Samaritanos. - Após o cisma das dez tribos, Samaria se constituiu a capital do reino dissidente de Israel. Destruída e reconstruída várias vezes, tomou-se, sob os romanos, a cabeça da Samaria, uma das quatro divisões da Palestina. Herodes, chamado o Grande, a embelezou de suntuosos

monumentos e, para lisonjear Augusto, lhe deu o nome de *Augusta*, em grego *Sebaste*.

Os samaritanos estiveram quase constantemente em guerra com os reis de Judá. Aversão profunda, datando da época da separação, perpetuou-se entre os dois povos, que evitavam todas as relações recíprocas. Aqueles, para tornarem maior a cisão e não terem de vir a Jerusalém pela celebração das festas religiosas, construíram para si um templo particular e adotaram algumas reformas. Somente admitiam o Pentateuco, que continha a lei de Moisés, e rejeitavam todos os outros livros que a esse foram posteriormente anexados. Seus livros sagrados eram escritos em caracteres hebraicos da mais alta antiguidade. Para os judeus ortodoxos, eles eram heréticos e, portanto, desprezados, anatematizados e perseguidos. Ó antagonismo das duas nações tinha, pois, por fundamento único a divergência das opiniões religiosas; se bem fosse a mesma a origem das crenças de uma e outra.

Eram os *protestantes* desse tempo.

Ainda hoje se encontram samaritanos em algumas regiões do Levante, particularmente em Nablus e em Jafa. Observam a lei de Moisés com mais rigor que os outros judeus e só entre si contraem alianças.

(1) *A morte de Jesus*, supostamente escrita por um essênio, é obra inteiramente apócrifa, cujo único fim foi servir de apoio a uma opinião. Ela traz em si mesma a prova de sua origem moderna.

(2) Não confundir esse Hillel que fundou a seita dos fariseus com o seu homônimo que viveu duzentos anos mais tarde e estabeleceu os princípios religiosos e sociais de um sistema todo de tolerância e amor, sistema hoje conhecido por Hilelismo. - A Editora da FEB, 1947. (KARDEC, 1996, p. 36-42, grifo nosso)

Ressurreição e reencarnação

4. A reencarnação fazia parte dos dogmas dos judeus, sob o nome de *ressurreição*. Só os saduceus, cuja crença era a de que tudo acaba com a morte, não acreditavam nisso. As ideias dos judeus sobre esse ponto, como sobre muitos outros, não eram claramente definidas, porque apenas tinham vagas e incompletas noções acerca da alma e da sua ligação com o corpo. Criam eles que um homem que vivera podia reviver, sem saberem precisamente de que maneira o fato poderia dar-se. Designavam pelo termo *ressurreição* o que o Espiritismo, mais judiciosamente, chama *reencarnação*. Com efeito, a *ressurreição* dá ideia de voltar à vida o corpo que já está morto, o que a Ciência demonstra ser materialmente impossível, sobretudo quando os elementos desse corpo já se acham desde muito tempo dispersos e absorvidos. A *reencarnação* é a volta da alma ou Espírito à vida corpórea, mas em outro corpo especialmente formado para ele e que nada tem de comum com o antigo. A palavra *ressurreição* podia assim aplicar-se a Lázaro, mas não a Elias, nem aos outros profetas. Se, portanto, segundo a crença deles, João Batista era Elias, o corpo de João não podia ser o de Elias, pois que João fora visto criança e seus pais eram conhecidos. João, pois, podia ser Elias *reencarnado*,

porém, não *ressuscitado*. (KARDEC, 1996, p. 84, grifo nosso)

Após o esclarecimento de Kardec, quanto à crença dos judeus na reencarnação não ser unânime, tal como a ressurreição dos mortos para voltarem a viver, sem nos furtar de que acreditavam na ressurreição no fim dos dias, como uma ressurreição espiritual; percebemos que os fariseus e escribas é que tinham a crença na ressurreição dos mortos, como que poderiam retornar à vida, fato este que não era crível por parte dos saduceus. Antes de adentrar na análise do livro do Êxodo, é importante citar, de antemão as passagens abaixo que nos trazem a forma de como os Judeus entendiam a volta da essência (*ruach*) à vida corpórea, ou um novo ser (*nefesh*).

Mt 16,13-17: “Jesus tendo vindo para os lados de Cesareia de Felipes, interrogou seus discípulos e lhes disse: que dizem os homens quanto ao filho do homem? **Quem dizem que eu sou? Eles lhe responderam: Alguns dizem que sois João Batista, outros Elias, outros Jeremias ou alguns dos profetas.** Jesus lhes disse: E vós outros, quem dizíeis que eu sou? Simão Pedro, tomando a palavra, lhe disse: Vós sois o Cristo, o Filho de Deus vivo. Jesus lhe respondeu: Sois bem-aventurado, Simão, filho de Jonas, porque não foi a nem a

carne nem o sangue que vos revelaram isso, mas meu Pai que está nos céus.”

Esta passagem também se encontra registrada em Mc 8,27-33 com uma diferença de narrativa que em Marcos, não há a menção de que Jesus poderia ser o profeta Jeremias e Pedro é repreendido por Jesus, já em Mateus, há a menção de que Jesus poderia ser Jeremias e Pedro é enaltecido por Jesus, mas não será este o objetivo de nossa abordagem. É importante ficar claro que por esta narrativa a reencarnação fazia parte de um dos dogmas do Judaísmo, porém, com o nome de ressurreição, levando-se em conta esta afirmativa dos apóstolos, depois da pergunta de Jesus, de que ***Alguns dizem que sois João Batista, outros Elias, outros Jeremias ou alguns dos profetas.***

Vê-se claramente que eles criam que os que haviam morrido podiam voltar a viver, mas essa ideia era um tanto que vaga e não estava claramente definida para eles, onde não compreendiam como a alma se ligava ao corpo e voltava a viver, chamando e entendendo este processo como ressurreição de alguém que houvera

morrido e que poderia animar outro corpo. Há também a ideia da ressurreição com o espírito animando o mesmo corpo já absorvido pela natureza. Contudo, a Doutrina Espírita mais judiciosamente nos esclarece como reencarnação a primeira ideia, e quanto à segunda diz de sua impossibilidade científica.

Com efeito, a ressurreição fazia menção, ou até mesmo supunha que voltava a vida o corpo que morreu, entretanto vemos que pelos fatos científicos, ficaria algo que improvável de se ocorrer, já que os demais compostos químicos e orgânicos decompostos seriam absorvidos pelo meio ambiente; não havendo desta maneira como recompor o mesmo corpo físico, cujos elementos físico-químicos já haviam sido dispersos e que há muito foram absorvidos pelo meio naturalmente.

A reencarnação é o retorno da alma, ou Espírito, à vida corporal, mas em outro corpo gerando por um processo normal de fecundação do gameta masculino e feminino, que, desta maneira não traz a forma do corpo físico animado na encarnação passada, senão a personalidade que

permanece, porém, com a dádiva do esquecimento do passado. A palavra ressurreição pode ser entendida como para Lázaro (Jo 11,43) que por um processo natural de catalepsia, letargia, ou até o Estado de Quase Morte (EQM) que a ciência nos traz mais recentemente, “ressurgiu” e voltou a viver. Com isso, prossegue a narrativa abaixo:

Mc 6,14-15: “Entretanto Herodes, o Tetrarca, ouvindo tudo o que Jesus fazia, seu espírito estava suspenso – **porque uns diziam que João ressuscitara de entre os mortos, outros que Elias apareceu, e outros que um dos antigos profetas ressuscitara.** – Então, Herodes disse: Eu fiz cortar a cabeça a João, mas quem é este de quem ouvi falar tão grandes coisas? E ele tinha vontade de o ver.”

Os apóstolos se dirigiram ao Mestre Jesus, dizendo que ***Alguns dizem que sois João Batista.*** Importante essa afirmativa, pois demonstra que, para algumas pessoas, Jesus poderia ser João Batista. Entretanto, Jesus não poderia ser João Batista, porquanto foram contemporâneos, conhecia-se a infância e vida de João Batista e de Jesus, inclusive, puderam estar junto em certas ocasiões, o que nos leva a não haver a mínima possibilidade de João ser Jesus. Isto vem a corroborar o que dizemos

anteriormente de como que a visão do retorno à vida não era muito bem definida naquela época, já que para os Judeus a reencarnação era um processo não muito claro, vindo a nos afirmar que João Batista era Elias reencarnado, admitia-se que o espírito de Elias, ou seja, a essência (*ruach*) habitava um novo ser que era João Batista. Destarte, João só poderia vir a ser Elias reencarnado.

A outra afirmativa dos apóstolos, a respeito de quem era Jesus é que **outros** diziam ser **Elias**. Esta outra afirmativa é ainda mais importante, já que os profetas Isaiás e Malaquias previram o retorno do profeta Elias e os Fariseus e Escribas sabiam dessas profecias e as ensinavam a todos os demais Judeus.

Contudo, Jesus não poderia ser Elias, já que o profeta Elias apenas viria preparar o caminho do Messias (Ml 3,1), mas não seria o Messias, uma vez que, como João Batista era o precursor de Jesus e não o próprio Messias. Ademais, era de João Batista que as profecias anunciavam como sendo o Elias que prepararia o caminho do Messias (Mt 11,10; Jo 3,28).

Contudo, os demais apóstolos assim continuavam sobre quem seria a essência (*ruach*) de

Jesus, onde **outros** diziam ser **Jeremias ou alguns dos profetas**. Esta última afirmativa dos apóstolos nos indica ainda mais um profeta, que é Jeremias, porém, não somente ele, mas também alguns dos profetas.

Ou seja, desta maneira que os Judeus encaravam o retorno da essência (*ruach*) à vida corpórea, ou um novo ser (*nefesh*), mas que a Doutrina Espírita, mais judiciosamente postulou seu princípio científico, como reencarnação. Finalizando a passagem, assim Pedro desfecha que Jesus: **Vós sois o Cristo, o Filho de Deus vivo**, marcando a confirmação de que Jesus era o Messias que fora prometido não somente aos Judeus, mas a todo a humanidade.

Diante de nossa definição da ressurreição dos mortos que o judaísmo tinha como conceito, tal como estamos pesquisando sobre o pensamento do primeiro século da era cristã, definimos da seguinte forma os diversos conceitos judaicos para a ressurreição dos mortos.

- a) Ressurreição dos mortos de um ser que viveu e ressurgiu ainda em sua atual existência, tal

como ocorreu com Lázaro, à filha de Jairo e o filho da viúva de Naim. (Jo 11,1-45; Mc 5-22-43; Lc 8,41-56);

- b) Ressurreição como algum profeta pudesse voltar à vida, porém num outro corpo formado, tal como ocorreu nas narrativas comentadas. (Mt 16,13-17; Mc 6,14-15);
- c) Ressurreição no fim dos dias, para o Mundo Vindouro (*Haolam Habá*), tal como defendido por Paulo, que acreditava que viveria em sua época (1Co 15,1-58).

Partindo dessas definições, iremos agora adentrar na análise de onde a ideia da *Gilgul Neshmot* (Rodas das almas) ou *Gilgul Neshmá* (Rodas da personalidade) se iniciou no livro do Êxodo.

1.1. A Torá e a análise do texto original hebraico

Em nossa proposta, iremos nos ater aos originais e evoluir na pesquisa das demais traduções, onde fomos à Tora que emana dos textos originais em hebraico e aramaico a essência da mensagem do Pentateuco de Moisés, porquanto, nela encontramos em seu prefácio:

PREFÁCIO DA 1ª EDIÇÃO

[...] Analisando a literatura judaica em português, verifiquei que faltava a tradução da LEI DE MOISÉS neste idioma, isto é, uma tradução fiel às interpretações dos nossos exegetas, os quais se inspiraram na Tradição, no Talmud e no Midrash.

Esta obra, posso afirmá-lo, é a única em seu gênero, pois as traduções da Bíblia em português que examinei, quase todas se limitam a traduzir as palavras etimologicamente, deixando de lado o mais importante: o sentido que lhes deram os nossos doutores da Lei. [...].

Rio de Janeiro, Tishri 5723 – setembro 1962.

Rabino Meir Matzliah Melamed (TORÁ, VIII, grifo no original)

[...].

[...] Existem três diferentes redações do Pentateuco: a judaica, a samaritana e a grega da *Versão dos Setenta* (Septuaginta) e sua versão latina, denominada *Vulgata*. A mais próxima a judaica é a grega. A redação judaica foi vocalizada pelos rabinos massoraítas, aproximadamente no século VII depois da era comum. A redação samaritana, a mais recente das três, difere bastante da judaica e da versão grega. [...]. (TORÁ, XIII)

Passemos agora para a passagem dos textos originais que refletem a base de nossa pesquisa, de

acordo com o que encontramos na Torá. Antes, porém, cumpre-nos explicar que identificaremos os textos originais em hebraico que está à direita e os textos em aramaico que se encontra à esquerda.

A partir daí, poderá surgir à dúvida, pois a tradução que demonstraremos agora é de cunho nosso e nem a Torá oferece uma transliteração. Não é nossa a tradução, já que se encontra é do rabino judeu Meir Matzliah Melamed que traduziu diretamente do texto original demonstrado para o português de nossa fonte bibliográfica da Torá, assim como demonstramos no prefácio desta obra. Vejamos a tradução do hebraico diretamente para o português.

Texto em Hebraico de Êxodo 20,5-6

ה לא-
 תשתחוה להם ולא תעבדם כי אנכי יהוה אלהיך
 אל קנא פקד עון אבת על-בנים על-שלשים
 ועל-רבעים לשנתי: ועשה חסד לאלפים לאהבי
 ולשמרי מצותי:

Ex 20,5-6: “Não te prostrarás diante deles, nem mesmo os servirás, pois Eu sou o Eterno, teu Deus, Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos, **sobre** terceiras e **sobre** quartas gerações,

aos que Me aborrecem; e faço misericórdia até duas mil gerações aos que Me amam e aos que guardam Meus mandamentos”. (TORÁ, p. 214-215, grifo nosso)

[...] Comentários de rodapé.

5 dos pais nos filhos – Quando os filhos continuam praticando a iniquidade de seus pais, pois filhos não devem seguir os maus exemplos dos pais, depois de conhecer as consequências. **6. Até duas mil gerações.** A misericórdia de Deus estende-se pelo menos até duas mil gerações, enquanto o seu castigo é muito menor para os que o aborrecem. [...]. (TORÁ, p. 215, grifo no original)

Texto em Hebraico de Êxodo 34,6-7

וַיַּעֲבֹר
 יְהוָה | עַל-פְּנֵי וַיִּקְרָא יְהוָה | יְהוָה אֵל רַחוּם וְחַנּוּן
 אַרְךְ אַפַּיִם וְרַב-חַסֵּד וְאֱמֵת: | נֹצֵר חֶסֶד לְאַלְפִים
 נִשְׂא עֲוֹן וּפְשָׁע וְחַטָּאת וְנִקְהָ לֹא יִנְקָה פָקֵד | עֵוֹן
 אָבוֹת עַל-בְּנִים וְעַל-בְּנֵי בְנִים עַל-שְׁלֹשִׁים וְעַל-
 רַבְעִים:

Ex 34,6-7: E passou a divina presença do Eterno diante dele e proclamou: “Eterno, Eterno, Deus piedoso e misericordioso, tardio em irar-se e grande em benignidade e verdade; que guarda benignidade para duas mil gerações, que perdoa a iniquidade, rebelião e pecado, e não livra o pecado que não faz penitência; visita a iniquidade dos pais nos filhos e nos filhos dos filhos, **sobre** terceiras e quartas gerações.” (TORÁ, p. 266, grifo nosso)

[...] Comentários de rodapé.

6. Eterno, Eterno, Deus piedoso – Os versículos seis e sete contêm os 13 atributos (*Shelosh Esrê Midot*) de Deus, os quais se tornaram uma das principais orações do judaísmo. O Talmud escreve que Deus disse a Moisés: “Sempre que Israel pedir o meu perdão, que mencione estas minhas qualidades”. O Rabi lehudá acrescenta: Deus tem feito uma aliança para não deixar em vão esta prece (somente quando Israel a reza em jejum – Rashi) (*Rosh Hashaná 17b*). Essa prece pode ser rezada somente quando houver pelo menos um Minian (quórum de 10 homens). Os 13 atributos constituem a base da concepção judaica sobre a divindade.

(Eis aqui uma breve explicação deles: 1-2) **Ado-nai Ado-nai**: A repetição do nome do Eterno aqui significa que Ele é misericordioso com qualquer pessoa, no que diz respeito aos seus pecados e como pecador arrependido. 3) **EI**: Deus poderoso que age de acordo com os Seus sábios ditados. 4) **Rachum**: Misericordioso como um pai para com seus filhos, prevenindo-os para não cair. 5) **Chanún**: Benevolente e que ajuda os caídos que não podem regenerar-se por si mesmos. 6) **Érech-apáyim**: Paciente, espera que o pecador se arrependa. 7) **Verav-chéssed**: Cheio de misericórdias com a pessoa correta e também com a incorreta 8) **Emet**: Verdadeiro e direto em suas promessas. 9) **Notser-chésed lalafim**: Bondoso e misericordioso: considera os méritos dos pais nos filhos, ao menos por duas mil gerações. 10) **Nossé**

Avon: Perdoa os pecados cometidos premeditadamente. 11) **Vafesha**: Perdoa as ofensas e pecados cometidos com espírito de rebeldia. 12) **Vechataá**: Esquece os pecados cometidos involuntariamente. 13) **Venakê**: Absolve o penitente.

7. visita a iniquidade dos pais nos filhos – Quando os filhos seguem o mau caminho dos pais, o Eterno os castiga também pelos pecados dos pais. (TORÁ, p. 266-267, grifo no original)

Entendemos que a versão que abalizará a nossa pesquisa será a Torá, mas não iremos nos furtar de citar também o Tanah, ou a Bíblia hebraica que estenderá a nossa pesquisa para compararmos os textos originais, visando estabelecer o padrão que seguiremos para efeito de comparação com as demais traduções e nossas considerações acerca do tema.

1.2. O Tanah e uma outra tradução hebraica

Entraremos na análise do Tanah que é a versão da bíblia hebraica sobre as passagens do Êxodo, diferentemente da Torá que trata somente sobre o Pentateuco de Moisés, a fim de que possamos chegar à primeira comparação de

traduções. Antes, porém, citaremos o prefácio e objetivo desta obra que é oportunamente esclarecedor. Vejamos:

De acordo com o que se pôde apurar até agora, e salvo engano, esta é a primeira vez na história que um grupo de judeus se debruça sobre o cânon do TANAH – a Bíblia Hebraica – com o intuito de traduzi-lo diretamente do original hebraico para o português. Fatores externos ao judaísmo certamente pesaram e inviabilizaram a empreitada até agora, impedindo que grande parcela do público de fala portuguesa tivesse acesso a uma versão do texto bíblico mais apurada e isenta de influências externas que, por diferentes razões, **alteraram-no ou adaptaram as suas próprias conveniências e necessidades teológicas**. [...]. (TANAH, p. 8, grifo nosso)

Citamos este trecho inicial, caro leitor, somente para refletir o pensamento judaico exarado na intenção de resgatar a essência da mensagem bíblica contida no antigo testamento, oportunizado pela tradução fiel aos originais hebraicos, assim como percebemos logo nas considerações gerais desta grande obra traduzida por diversos judeus.

As considerações gerais que não comentaremos é justamente sobre a explicação do

texto padrão, a divisão capitular, os estilos de tradução, a visão educacional, nomes próprios, inovações e a grafia, pois julgamos que somente de início, percebemos o peso desta obra e as demais citações que faremos do Tanah refletirá este monumental trabalho. Vamos à citação no livro de Êxodo.

Ex 20,5-6: “Não te prostrarás diante deles, nem os servirás, pois Eu sou o Eterno, teu Deus, Deus zeloso, que **cobro** a iniquidade dos pais nos filhos, **sobre** terceiras e **sobre** quartas gerações aos que Me aborrecem; e faço misericórdia até duas mil gerações aos que Me amam e aos que guardam Meus mandamentos”. (TANAH, p. 79, grifo nosso)

Neste primeiro ponto que comentaremos acerca da comparação do texto da Torá com o Tanah, percebemos que não há praticamente nenhuma alteração, salvo o verbo visitar citado na Torá e que no Tanah encontra-se o verbo cobrar, o que de fato nada altera em seu sentido, pois ambas as conjunções verbais denotam o mesmo sentido.

Entendemos que é possível de ocorrer tal ocorrência acerca do verbo ser traduzida como visitar na Torá e cobrar no Tanah, passaremos,

porquanto, a análise do ponto seguinte que nos remete o livro do Êxodo.

Ex 34,6-7: E a divina presença do Eterno passou diante dele e proclamou: “Eterno, Eterno, Deus piedoso e misericordioso, tardio em irar-Se e grande em benignidade e verdade; que guarda benignidade para duas mil gerações, que perdoa a iniquidade, rebelião e pecado, e não livra o **culpado** que não faz penitência; **cobra** a iniquidade dos pais nos filhos e nos filhos dos filhos, **sobre** terceiras e quartas gerações.” (TANAH, pag. 94, grifo nosso)

Enquanto encontramos na Torá o substantivo pecado, no Tanah vemos a tradução como culpado. Dessa forma, percebemos que estas pequenas alterações não modificarão o texto bíblico apontando para a reencarnação que iremos nos remeter ao fim de nossas comparações com as demais traduções. Passaremos agora para a Septuaginta, que é a primeira versão da tradução do hebraico para o grego.

1.3. A Septuaginta, a primeira tradução do texto original

Após a análise da Torá, a Lei de Moisés, o Tanah, a Bíblia Hebraica, iremos agora adentrar no

âmbito da Septuaginta (LXX) que é a primeira tradução que houve dos originais hebraicos para o idioma grego koiné, pedida por Ptolomeu II Filadelfo, rei do Egito, por volta do século III a.C., já que ele havia solicitado uma tradução da Torá para incluir a versão grega na biblioteca de Alexandria na época de Alexandre, o Grande.

A versão dos setenta, como também é conhecida é o que se diz respeito que foram escolhidos seis rabinos de cada uma das doze tribos, que somados eram setenta e dois rabinos, para que fizessem a tradução das escrituras hebraicas para o grego koiné. Segundo a história, estes mesmos setenta e dois rabinos terminaram a tradução em setenta e dois dias. Ainda segundo a história, a septuaginta foi amplamente usada pelos cristãos do primeiro século de língua grega, como base de tradução para a bíblia grega.

A Septuaginta possui alguns livros que não são encontrados na bíblia hebraica. Segundo pesquisas, muitas bíblias seguem o cânon judaico, tais como as que são provenientes da Reforma em 1517, acabando por excluir os livros adicionais da

Septuaginta. Contudo, os católicos romanos incluem alguns destes livros, já as igrejas ortodoxas e Anglicanas, de língua grega, utilizam todos os livros adicionais da Septuaginta, exceto o salmo 151 e a bíblia do rei Jaime. [1]

Vale ressaltar que a inspiração da Septuaginta foi mencionada no primeiro século da era cristã por Flávio Josefo e Fílon de Alexandria. [1]

Partiremos, porquanto, a análise da passagem de Ex 20,5-6; 34,6-7 encontrada numa versão interlinear da Septuaginta, constante nas páginas 107 e 130, em grego koiné e a transliteração em inglês com os respectivos strongs que nos levarão a tradução para o português. Iremos nos remeter aos strongs de cada palavra grega e ver uma tradução crítica e ao pé da letra. Posteriormente iremos nos balizar no aparato crítico da tradução em paráfrase.

Primeiramente, é preciso definir o que é um Strong que nada mais é do que um dicionário que tem os números correspondentes aos verbetes hebraicos e gregos com as respectivas traduções para o português. Esta é uma ferramenta muito confiável que foi elaborada por estudiosos da

concordância bíblica como James Strong, LL.D, S.T.D., a elaborar o dicionário bíblico strong léxico hebraico, aramaico e grego. Vejamos as passagens em lide:

		3756		4352		1473	3762.1	
	20:5	ου		προσκυνήσεις		αυτοίς	ουδέ μη	
		You shall not		do obeisance		to them,	nor	
3000		λατρεύσεις	1473	αυτοίς	1473-1063	1510.2.1	2962	3588
		shall you serve		to them.		For I	am	κύριος
								the LORD
2316-2207		θεός ζηλωτής	591	αποδιδοὺς	266	αμαρτίας	3962	1909
		a jealous God,		rendering		sins	of fathers	upon
								children
1909		ἐπί	5154	2532	5067	1074	3588	3404
		unto		the third	and fourth	generation	to the ones	detesting me;
	20:6	καὶ ποιῶν	2532	4160	1656	1519	5505	3588
		and having mercy		to thousands		loving	me,	and
3588		τοῖς	5442	φυλάσσουνσι	3588	4366.2-1473	προστάγματα	μου
				guarding		my	orders.	

(SEPTUAGINTA INTERLINEAR, p. 107)

Esta tradução segue os originais da Septuaginta e o idioma traduzido para inglês, o que denota que a preposição **ἐπί** é traduzida para *unto* que em português é a preposição *até*. Em minha pesquisa não encontrei uma Septuaginta que fosse traduzida diretamente para o português, tendo somente essa para o inglês e outras que estavam somente em grego. Ocorre que aprofundando na pesquisa, há ainda a Edição crítica da Septuaginta (LXX) feita por Alfred Rahlfs adota os seguintes

textos que denotam uma troca preposicional, mas que esta versão é somente em grego e difere da versão interlinear trazida neste artigo original, o que fez perceber que há aí uma troca preposicional já evidenciada, ao qual podemos observar:

Ex 20,5-6 (...) αμαρτίας (pecado) πατερων (dos pais) **επι (sobre)** τεκνα (filhos) **εως (até)** τριτης (terceira) και (e) τεταρτης (quarta) γενεας (geração) τοις (dos que) μισουσιν (odeiam) με (me) και (e) ποιων (faço) ελεος (misericórdia) **εις (por)** χιλιαδας (milhares) τοις (dos) αγαπωσιν (amam) με (me) και (e) τοις (estes) φυλασσουσιν (guardam) τα (os) προσταγματα (ordens) μου (minha)

Cientes desta troca preposicional na Septuaginta Interlinear e em Alfred Ralfs, vamos observando que esta ocorrência deveria haver em textos mais antigos, ao qual ainda assim vamos a passagem seguinte de Ex 34,6-7 e ver ocorre esta troca preposicional. Vejamos:

	2532	3928-2962		4253	4383-1473	
	34:6	και	παρήλθε	κύριος	προ	προσώπου αυτού
		And	the LORD	went by	before	his face,
2532	2564	2962	2962	3588	2316	3629
και	εκάλεσε	κύριος	κύριος	ο	θεός	οικτίρων
and	called out,	The LORD,	The LORD		God,	pitying
1655	3115.1	2532	4179.4	2532	228	2532
ελεήμων	μακρόθυμος	και	πολύελεος	και	αληθινός	34:7
merciful,	lenient		and full of mercy	and	true,	and
1343	1301	2532	4160	1656	1519	5505
δικαιοσύνην	διατηρών	και	ποιών	έλεος	εις	χιλιάδας
[² righteousness	¹ observing],		and doing	mercy	for	thousands,
851	458	2532	93	2532	266	2532
αφαιρών	ανομίας	και	αδικίας	και	αμαρτίας	και
removing	lawlessnesses,	and	iniquities,	and	sins;	and
1777	3756	2511	1863	458	3962	1909
ενοχον	ου	καθαριεί	επάγων	ανομίας	πατέρων	επί
liable	he will not cleanse;	bringing	the	lawlessnesses	of	the fathers
1909	5043	2532	1909	5043	5043	1909
επί	τέκνα	και	επί	τέκνα	τέκνων	επί
upon	the children,	and	upon	the children	of	the children,
5154	2532	5067	1074			
τρίτην	και	τετάρτην	γενεάν			
the third	and	fourth	generation.			

(SEPTUAGINTA INTERLINEAR, p. 130)

Na tradução da Septuaginta Interlinear há a utilização da preposição **ΕΠΙ** destacada, ao qual na versão de Alfred Rahlfs podemos verificar que ela se mantém com a mesma preposição **ΕΠΙ**. Vejamos:

Ex 34,7 (...) ανομίας (pecados) πατερων (pai) **ΕΠΙ (sobre)** τέκνα (filho) και (e) **ΕΠΙ (sobre)** τέκνα (filho) τέκνων (do filho) **ΕΠΙ (sobre)** τρίτην (terceiro) και (e) τετάρτην (quarta) γενεαν (geração)

Inicialmente havia passado despercebido esta troca preposicional no Grego Koiné, mas que em pesquisa em diversas gramáticas gregas observamos que há o sistema de cinco casos, ou seja, inflexões, sendo eles nominativo, genitivo,

dativo, acusativo e vocativo. Houve, com isso a evolução para traduções ocidentais, o dativo absorveu, com o auxílio de preposições, as funções de locativo e instrumental; o genitivo assumiu o ablativo. Após estas comparações importantes, percebemos que a preposição **ἕως** significa “até” e em alguns sites como o [Blue Letter Bible](#) e [Bíblia on-line](#) que possuem a ferramenta de tradução do grego para o português, ou quaisquer outros idiomas encontram-se a partícula “ἕως” no texto de Ex 20,5-6 que é similar ao adotado pelo Alfred Rahlfs, mas uma consulta ao dicionário Strong que a Septuaginta Interlinear, encontramos o seguinte significado. Vejamo-lo:

1909 ἐπι *epi*

uma raíz; prep

- 1) **sobre**, em cima de, em, perto de, perante
- 2) de posição, sobre, em, perto de, acima, contra
- 3) para, acima, sobre, em, através de, contra
(STRONG, J.; p. 1457, grifo nosso)

Dentro desta tradução, fomos em outras bibliografias para verificar uma importante recomendação. Vejamos:

ἐπί – tem uma gama muito grande de significados. Um tradutor deve sempre tomar cuidado para exprimir o seu significado em cada contexto. (DOBSON, 1994, p. 327)

ἐπί – sobre

com acusativo: sobre, no alto de, contra

com genitivo: sobre, em, com base em, no tempo de

com dativo: sobre, em, por, com (DOBSON, 1994, p. 327)

Numa outra gramática, encontramos.

ἐπί – Com Genitivo: sobre (super).

Com Dativo: por causa de.

Com Acusativo: para, contra. (SOUZA, p. 73)

Agora a tradução dos dois textos gregos seguindo a tradução da Septuaginta Interlinear em inglês para o português. Vejamos:

Ex 20,5-6: οὐ (não) προσκυνήσεις (prostrar-se)
 αὐτοῖς (eles) οὐδὲ (e não) μὴ λατρεύσης (servir)
 αὐτοῖς (eles) ἐγὼ (eu) γάρ (porque) εἶμι (sou)
 κύριος (senhor) ὁ (este) θεός (Deus) σου (teu)

θεὸς (Deus) **ζηλωτῆς** (zeloso) **ἀποδίδους** (retribuo/recompenso) **ἁμαρτίας** (pecado) **πατέρων** (pai) **ἐπὶ** (sobre) **τέκνα** (filho) **ἐπὶ** (até) **τρίτης** (terceiro) **καὶ** (e) **τετάρτης** (quarto) **γενεᾶς** (geração) **τοῖς** (estes) **μισοῦσιν** (detestam) **με** (me) **καὶ** (e) **ποιῶν** (faço) **ἔλεος** (misericórdia) **εἰς** (até) **χιλιάδας** (mil) **τοῖς** (aqueles) **ἀγαπῶσιν** (amam) **με** (me) **καὶ** (e) **τοῖς** (estes) **φυλάσσουσιν** (guardam) **τὰ** (os) **προστάγματά** (ordens) **μου** (minha)

Ex 34,6-7: **καὶ** (e) **παρῆλθεν** (passou) **κύριος** (senhor) **πρὸ** (antes) **προσώπου** (face) **αὐτοῦ** (minha) **καὶ** (e) **ἐκάλεσεν** (chamou) **κύριος** (senhor) **ὁ** (o) **θεὸς** (Deus) **οἰκτίρμων** (misericordioso) **καὶ** (e) **ἐλεήμων** (misericórdia) **μακρόθυμος** (tolerância) **καὶ** (e) **πολυέλεος** (múltiplo) **καὶ** (e) **ἀληθινὸς** (verdadeiro) **καὶ** (e) **δικαιοσύνην** (justiça) **διατηρῶν** (continuamente) **καὶ** (e) **ποιῶν** (fazer) **ἔλεος** (misericórdia) **εἰς** (até) **χιλιάδας** (milhares) **ἀφαιρῶν** (remove) **ἀνομίας** (desvia da lei) **καὶ** (e) **ἀδικίας** (iniquidades) **καὶ** (e) **ἁμαρτίας** (pecado) **καὶ** (e) **οὐ** (não) **καθαριεῖ** (limpa) **τὸν** (este) **ἔνοχον** (pecado) **ἐπάγων** (levar/trazer sobre) **ἀνομίας** (desvia da lei) **πατέρων** (pai) **ἐπὶ** (sobre) **τέκνα** (filho) **καὶ** (e) **ἐπὶ** (sobre) **τέκνα** (filho) **τέκνων** (do filho) **ἐπὶ** (até) **τρίτην** (terceiro) **καὶ** (e) **τετάρτην** (quarta) **γενεάν** (geração).

É fato que os primeiros cristãos falavam aramaico, não o grego, mas como a pregação apostólica foi amplamente usado o grego, bem como

Paulo que pregou aos gentios, levou aos novos fiéis um cristianismo helênico, a Septuaginta em Grego Koiné se tornou seu Antigo Testamento destes novos convertidos e foi nela que se baseou quase praticamente as traduções latinas. Mediante as observações gramaticais, **ἕως** funciona como preposição ou conjunção com o sentido básico de *até que*, regendo o caso genitivo. Analisando a preposição **ἐπι** ela pode verter a forma **ἐπ** mediante uma palavra que inicie por uma vogal não aspirada, ou ainda **ἐφ** diante de uma palavra aspirada. Esta preposição possui o significado básico de *sobre*, com contato físico, mas pode assumir exceções desse significado nos três casos que determinam, conforme a gramática de Dobson. Vejamos:

ἐπι - sobre

com acusativo: sobre, no alto de, contra

com genitivo: sobre, em, com base em, no tempo de

com dativo: sobre, em, por, com (DOBSON, 1994, p. 327)

No acusativo existe a nuance de dinamismo que a envolve e a preposição marca o local de re-

pouso final. Quando é traduzida como *sobre* com verbos que dão movimento, asseverando onde se desenvolve ou termina. Quando é traduzido como em *direção a* que é se direcionar a algo. Ou ainda quando se traduz como *contra* que será sobre um alvo e por fim, quando se traduz como *por* denotando a extensão espacial ou temporal. Já no dativo, tem de haver repouso em algum local, fazendo as vezes de um locativo. E no genitivo em geral, compartilha os usos do dativo. Havia uma certa sobreposição semântica nas duas versões pesquisadas, sendo estas entre ἔως e ἐπι de acusativo. Isso dever ter repercutido nas versões latinas.

1.4. A Vulgata Latina e seu sentido clássico ou popular?

A análise da Vulgata Latina é controversa, pois existem interpretações para a tradução nos moldes do latim clássico, outros no molde da linguagem popular, ao que o nome Vulgata sugestiona. Antes, porém, vamos à passagem do livro de Êxodo:

Ex 20,5-6: Non adorabis ea, neque coles: ego sum Dominus Deus tuus fortis, zelotes, visitans iniquitatem patrum in filios, in tertiam et quartam

generationem eorum qui oderunt me: et faciens misericordiam in millia his qui diligunt me, et custodiunt præcepta mea. (VULGATA LATINA, p. 68, grifo nosso)

Ex 34,6-7: Quo transeunte coram eo, ait: Dominator Domine Deus, misericors et clemens, patiens et multæ miserationis, ac verax, qui custodis misericordiam in millia; qui aufers iniquitatem, et scelera, atque peccata, nullusque apud te per se innocens est; qui reddis iniquitatem patrum filiis, ac nepotibus **in** tertiam et quartam progeniem. (VULGATA LATINA, p. 82, grifo nosso)

Na versão latina, a polêmica ocorre na tradução da preposição “in” destacada no texto acima ser traduzida como “até” no latim vulgar, ou popular, comum à época de Jerônimo (314 d.C. – 420 d.C.) [2] que traduziu a Vulgata Latina do grego e hebraico escrita por volta de IV d.C. a V d.C. [3], diferentemente da tradução da preposição “in” do latim clássico que alude a tradução “sobre”. Vamos agora estabelecer em termos de um dicionário paralelo para o sentido da tradução. Vejamos:

até, prep. usque ad; usque in. // Adv. etiam. et, vel. // Até que; loc. conj. donec, dum, quoad. (MAGALHÃES, p. 59)

sobre, prep. in (abl.), super (ac. ou abl.), supra (ac.) (MAGALHÃES, p. 297)

Como pudemos perceber a preposição “até” na tradução do dicionário português para o Latim de Magalhães, verificamos que provém no latim como “ad” ou “in” que é o caso apresentado como a tradução da Vulgata ser como “até”. Ocorre que para a tradução de “sobre” denota a tradução “in” no ablativo que a oração deverá ser construída. Ocorre que alguns estudiosos defendem que o texto não está no ablativo e sim no acusativo que denota o movimento e justifica a tradução de Jerônimo para a preposição “até”. Para entendermos melhor o que acabamos de fundamentar, vamos ao significado de uma construção gramatical no ablativo e no acusativo. Vejamos:

O **caso ablativo** é um caso gramatical indicador não do nome por si, mas de sua característica accidental na zona de processo do verbo. Sendo assim, sofre transferência funcional de substantivo para advérbio. O nome “ablativo” é derivado do verbo latino “ablatus”, o particípio irregular do verbo “auferreum”, que significa “levar”. Em inúmeros idiomas, tais como as línguas germânicas e latinas, o ablativo é formado por meio de preposições, como, por exemplo,

no português, em que é formado com a preposição “de”, quando essa indicar movimento. Em suma, o ablativo é o caso dos adjuntos adverbiais. (grifo no original) [4]

O **caso acusativo** ou **quarto caso** de um nome é o caso gramatical usado para marcar o objeto direto de um verbo transitivo. É o caso do nome que é mais paciente da ação verbal.

No latim *manus manum lauat*, *manus* e *manum* possuem a mesma tradução: mão.

Porém, *manus* é nominativo, ou seja, sujeito da ação *lauat*, é o agente. *Manum*, por outro lado, é o objeto direto, o acusativo. Portanto, é o termo passivo. A tradução da frase é **Uma mão lava a outra**. Uma mão – agente – exerce a função de lavar enquanto a outra – paciente – é lavada.

é **Uma mão lava a outra**. Uma mão – agente – exerce a função de lavar enquanto a outra – paciente – é lavada.

Vê-se assim: Eu tenho **um lápis**. Eu **o** tenho.

Ou então: Adoro **chocolate**. Adoro-**o**.

O acusativo está presente em todas as línguas indo-européias antigas (inclusive latim, sânscrito, grego antigo), nas línguas uralo-altáicas e em línguas semíticas (como o árabe e hebraico). Algumas línguas indo-européias modernas ainda conservam o caso acusativo, como o alemão e o russo. Ele está presente também em alguns idiomas construídos, como o Esperanto.

No português, os pronomes oblíquos átonos são declinados no caso acusativo (chamado comumente de caso oblíquo, que é uma denominação genérica para casos que não o reto) – são eles: *me* (oblíquo de *eu*), *te* (oblíquo de *tu*), *se/o(s)/a(s)* (oblíquos de *ele(s)/ela(s)*), *nos* (oblíquo de *nós*) e *vos* (oblíquo de *vós*). (grifo no original) ^[5]

Como dito anteriormente, em algumas traduções denotam que Jerônimo produziu uma Vulgata que estava distanciada do uso clássico das estruturas gramaticais, especialmente para a construção sintática efetuada por São Jerônimo, na Vulgata, é de ablativo, e não desse acusativo literário clássico e variável, como que pelo próprio nome Vulgata, cujo vulgo é popular, já diz que se trata de uma linguagem coloquial, verbal, a linguagem do jeito que o povo fala. Com base neste axioma, estas traduções do idioma latim defendem um suposto uso do ablativo por Jerônimo que, como grande latinista que era São Jerônimo, ele usou no texto uma linguagem clássica, apesar de ser na Vulgata. Ainda neste conceito que Jerônimo tenha usado um ablativo expresso como acusativo. Em linhas gerais, a frase - “*in filiis in tertiam et quartam generationem*” esteja construída em forma

acusativa, deve ser entendida como um ablativo, pois teria sido esta, a intenção de Jerônimo.

Em outras traduções no latim deve-se analisar o texto de Jerônimo de forma ampliada, onde a construção *“in filiis in tertiam et quartam generationem”* sendo que neste trecho há duas ocorrências da preposição *“in”*. Para estes tradutores, a construção *“in filiis”*, sendo esta a primeira ocorrência de *“in”* está, justamente, no ablativo, que por este motivo se traduz “sobre/nos [“in” + ablativo] filhos até [in + acusativo]”.

Ainda segundo estes tradutores do latim, se Jerônimo escreveu essa primeira ocorrência da preposição *“in”* do trecho no ablativo, porque escreveria o seguinte no acusativo querendo que seja considerado como ablativo? Argumentam ainda que por que faria isso? Pensando assim os que defendem o tempo da preposição *“in”* como ablativo na primeira construção e na segunda não há sentido algum. Na verdade, para os tradutores que defendem a forma construída da preposição *“in”* no acusativo, esta forma como ele contrasta, na frase,

os dois casos latinos como se pode facilmente perceber.

Como crítica, os tradutores que defendem a preposição “in” construída no acusativo tem valor muito próximo do ablativo. Outra gramática nos diz que com acusativo “in” pode ser traduzido.

in, prep. e prevérbio. Como prep. aparece:

I – Com acus. (indicando resultado de movimento) (ERNESTO, p. 478)

Já com ablativo “in” pode ser traduzido

in, prep. e prevérbio. Como prep. aparece:

II – com abl. (sem movimento). Sent . próprio e figurado:

a) Sentido local:

1) Em, dentro de, sobre: *in senatu litteras recitare* (Cic Farm. 3. 3, 2) “fazer a leitura de uma carta do senado”. (ERNESTO, p. 479)

Os tradutores que creem na construção da preposição “in” no sentido acusativo defendem que parece que os casos entre o ablativo e acusativo sejam tão próximos assim, a ponto de serem confundidos, muito mais quando sabemos que o

ablativo substituiu os antigos casos “locativo” e “instrumental”. Logo o ablativo se aproxima, por suprimimento, destes casos. Mas, é distinto do acusativo. Creem também que é verdade que para ser traduzida a preposição “in” por “até” teria que ser “ad”, como já demonstrado nas bibliografias, sendo as gramáticas utilizadas e mesmo o dicionário reconhecem “até” como tradução para “in” em uma construção acusativa.

Mediante este argumento das duas posições de tradutores do latim que acreditam que a preposição “in”, indicada no texto *“in filiis in tertiam et quartam generationem”*, sendo este na segunda ocorrência, denotam segundo alguns como sentido ablativo que tem a tradução como “sobre” e outros que creem que a tradução mais correta seria como “até”. Entendemos, tal como citamos a Torá, o Tanah e a Septuaginta que poderemos ter a tradução como a preposição ‘al e ‘ἐπὶ’ por “até” no sentido da Vulgata seguir uma tradução sem amparo nos originais hebraicos e gregos com a famosa troca preposicional utilizados por Jerônimo. Vamos agora analisar as demais traduções ocidentais das bíblias que temos

na biblioteca do confrade Paulo Neto.

1.5. Onde o texto foi alterado no Êxodo?

Esta fala de Moisés em Êxodo 34,7 traz alguma confusão entre os adeptos e não adeptos da reencarnação. Aliás, não faltam os que nos acusam de traduzir o texto à nossa conveniência, ao usarmos a preposição “sobre” em vez de “até”. Porém, mal-informados que são não conseguiram perceber que esse termo consta de algumas traduções bíblicas, portanto, que então acusem os tradutores e não a nós.

Vamos transcrever o passo, iniciando no versículo anterior:

Ex 34,6-7: *“Tendo o Senhor passado perante Moisés, proclamou: Jeová, Jeová, Deus misericordioso e compassivo, tardio em irar-se e grande em beneficência e verdade; que usa de beneficência com milhares; que perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado; que de maneira alguma terá por inocente o culpado; que visita a iniquidade dos pais sobre os filhos e sobre os filhos dos filhos até a terceira e quarta geração”.* (texto pela versão da Bíblia Eletrônica 3.6.0 Rksoft Sothwares)

Segundo informado, essa Bíblia tem os textos da tradução de João Ferreira de Almeida e Luiz Alonso Schökel.

Preposição	Bíblia Edição
sobre	Novo Mundo
até	Paulinas (1957, 1977 e 1980), SBTB, Vozes, Jerusalém (1987 e 2002), Santuário, Ave-Maria, Shedd, Barsa, SBB, Mundo Cristão e TEB.
nos	do Peregrino e Pastoral.

Então, se vê que há outras duas traduções que não usa preposição “até”. Entretanto, esse passo não pode ser tomado isoladamente, porquanto, devemos conciliá-lo com três outros. Vejamo-los:

Dt 24,16: “Não se farão morrer os pais pelos filhos, nem os filhos pelos pais; cada qual morrerá pelo seu próprio pecado”. (texto pela versão da Bíblia Eletrônica 3.6.0 Rksoft Sothwares)

Jr 31,29-30: “Naqueles dias não dirão mais: Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos se embotaram. Pelo contrário, cada um morrerá pela sua própria iniquidade; de todo homem que comer uvas verdes, é que os dentes se embotarão”. (texto pela versão da Bíblia Eletrônica 3.6.0 Rksoft Sothwares)

Ez 18,20: “A alma que pecar, essa morrerá; o filho não levará a iniquidade do pai, nem o pai levará a iniquidade

do filho, A justiça do justo ficará sobre ele, e a impiedade do ímpio cairá sobre ele". (texto pela versão da Bíblia Eletrônica 3.6.0 Rksoft Sothwares)

Estes três passos nos levam a concluir que a preposição latina "in", na passagem de Ex 34,7 deveria ter sido traduzida no seu sentido próprio de "em" e não no de "até", uma vez que, como "até", os filhos pagariam pelos erros dos pais, que é exatamente o que se condena nestas três passagens acima. A alternativa, então, para os que ainda, porventura, queiram defender a preposição "até" é admitir que Deus mudasse de ideia; porém, isso, por sua vez, é contrário ao que está dito em Ml 3,6: "*Pois eu, o Senhor, não mudo; [...].*"

Fora isto, temos mais um problema, é que o teor de Ex 34,7 está incoerente com o que encontramos em Ex 20,5, um dos Dez Mandamentos; transcrevemos:

Ex 20,5: "*Não te encurvarás diante delas, nem as servirás; porque eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais **nos** filhos até a terceira e quarta geração daqueles que me odeiam*". (texto pela versão da Bíblia Eletrônica 3.6.0 Rksoft Sothwares)

Observar, caro leitor, que o que era “*visito a iniquidade dos pais **sobre** os filhos*” (Ex 34,7), passou para “*visito a iniquidade dos pais **nos** filhos*” (Ex 20,5), isto na mesmíssima tradução bíblica.

Fizemos novamente uma pesquisa nas Bíblias, quanto ao que se coloca em Ex 20,5 e verificamos que, em relação ao quadro anterior, ocorreu apenas uma mudança. Na publicação Ave-Maria em vez de constar “até”, consta “nos”.

Algumas pessoas após citarem a passagem em análise, segundo o que consta na Torá, apresentam comentários antirreencarnacionistas afirmando que o “Espiritismo não retém porque convém”, devido ao fato do texto não se referir à reencarnação, pela simples evidencia da partícula ‘até’ não dá para se afirmar que, de fato, ela exista. O que foi demonstrado é que a preposição ‘sobre’ é a tradução correta que se deve aplicar ao texto, e, com isso, indubitavelmente, leva-nos a crer que o texto, com efeito, nos remete a ideia da reencarnação. Porém, como já vimos acima, e pelo entendimento dos Judeus ortodoxos sobre a reencarnação é que, a bem da verdade, o Espiritismo “não retém porque

convém”, já que o texto é harmônico com a reencarnação na visão judaica ortodoxa e na espírita.

Dando prosseguimento à análise antirreencarnacionista que diz que “Deus visita a iniquidade até, daqueles que **o odeiam**, ou como está em algumas versões, **aborrecem**”. Dessa maneira assim se expressam os antirreencarnacionistas, dizendo que “Deus alerta àquele povo rebelde que ele castigaria uma descendência apenas quando fosse desobedecido”. Desta forma, se Deus é desobedecido pela primeira geração, é certo que a terceira e quarta teriam que pagá-la, ou resgatar o débito; mas, segundo a lógica antirreencarnacionista, “uma pessoa que cumprisse com o mandamento divino não precisaria passar por reencarnação alguma, o que cairia em contradição com as demais obras codificadas por Kardec, que ensina que a reencarnação é um processo pelo qual todos devem passar para resgate de suas faltas” e progresso intelectual e moral. Entretanto, antes de citarmos as obras que os antirreencarnacionistas dizem que se contradizem; um simples raciocínio leva-nos a crer que Deus visita as atitudes que se

distanciam da justiça para com o próximo através da lei de causa e efeito e neste caso os que praticam em desacordo com a providência é que colherão os frutos plantados por eles mesmos, seria exatamente a proposta de Jesus quando disse “a cada um segundo suas obras” (Mt 16,27); por conseguinte dos pais nos filhos “**sobre**” (e não “**até**”) a terceira e quarta gerações, por um motivo muito simples: A alma culpada pode vir a retornar, nesta realidade, na terceira e quarta geração, na mesma família. Sendo assim, o Espírito pode vir como bisneto e ainda como trineto da antiga personagem que animou na Terra, não entrando em contradição com o objetivo do Pai eterno em nos dar uma oportunidade justa de resgate.

Destarte, não vêm a ser, desta forma, almas inocentes que pagam pelas culpadas, como esclarecem os profetas Ezequiel e Jeremias que citaremos este último na conclusão de nossa abordagem deste tema. Na passagem em análise, os Judeus perduraram nesta crença de que seus descendentes posteriores viriam a pagar pelos erros de seus antepassados, crença essa combatida pelos

profetas Ezequiel e Jeremias, em que a própria alma culpada é que retorna na mesma descendência física, vindo a receber o justo resgate pelos seus eventuais desvios de conduta, assim como diz o profeta Ez 18,20: *“A alma que pecar, essa morrerá; o filho não levará a maldade do pai, nem o pai levará a maldade do filho; a justiça do justo ficará sobre ele, e a impiedade do ímpio cairá sobre ele”*; ou seja, o mesmo espírito que pecou, responde pelo pecado cometido.

Havendo este salto da primeira e segunda geração, não geraria desta forma, nenhum conflito em afirmar que sendo omitidas a primeira e a segunda geração, a visita de Deus, isto é, o cumprimento da justiça divina do reto resgate, ocorre na terceira e quarta geração. O mandamento isenta da justiça divina na primeira e segunda geração pelo fato de que o espírito culpado pelos próprios atos, sendo contemporânea da geração de seus filhos e netos (primeira e segunda gerações), não poderá reencarnar como seu próprio filho e até mesmo o seu próprio neto, sendo este mesmo infrator ainda vivo, ou encarnado, tendo somente a

oportunidade de retorno na terceira e quarta geração. Sendo assim, o espírito infrator ainda não deixou o cenário terreno, ao qual este não pode retornar se ainda não partiu. São mencionadas a terceira e quarta gerações porque, pelo tempo destas mesmas gerações, esse espírito, já desencarnado, pode retornar apenas na terceira ou na quarta geração. Desta forma, esta mesma alma infratora, então, carregará suas próprias faltas, pelas quais, individualmente, responderá. E esse é um princípio tão lógico (e justo) que a justiça do homem não admite que a pena ultrapasse a pessoa do criminoso (pecador, no caso) para atingir um de seus parentes consanguíneo.

Os antirreencarnacionistas dizem que: “Aqueles que não se enquadram (que ‘O aborrecem’), estão em outra situação perante Deus, conforme nos ensina o versículo 6 do capítulo 20 em questão: *‘Mas também ajo com amor até a milésima geração para aqueles que me amam e guardam meus mandamentos’*.” Após a citação, estes se delongam em dizer que “o significado dessas passagens é de que a geração posterior será culpada e castigada **se**

continuar no pecado”; porém, como poderiam as gerações futuras pagarem por erros de seus antepassados se todos nós colhemos os frutos do que plantamos? Desta forma, estaríamos responsabilizando os nossos sucessores a responsabilidade dos nossos atos. Nisso, sim, não há lógica e é completamente controverso, para não dizer injusto. Nem a falha legislação humana permite tal coisa. O que a Torá nos transmite é que os que repetirem os atos de seus pais em desacordo com a Lei, certamente serão punidos pelo comportamento infrator, mas nas terceiras e quartas respectivas gerações, quando eles próprios já retornaram como netos ou bisnetos.

Ainda prosseguem os antirreencarnacionistas dizendo que “se os filhos, por mau exemplo familiar, seguirem os passos dos pais, adotando seus hábitos e procedimentos pecaminosos, os tais sofrerão as consequências”, no que, em parte, entendemos que estão certos, embora não usem desse senso de justiça para a questão de uma pessoa pagar pelo erro da outra; entretanto, o texto em análise diz que o resgate das faltas ocorre “**sobre terceira e**

quarta geração". Desta maneira, se o texto estiver correto em dar o sentido de "até", daí os netos e bisnetos teriam que sofrer a punição pelos atos dos seus antepassados, e não como os maus exemplos de seus pais que foram seguidos por eles próprios, segundo defendem os antirreencarnacionistas. Acontece que esse entendimento contraria o que a Bíblia diz em Jeremias 31,29-30 e Ezequiel 18,20, uma vez que estes dois profetas são taxativos dizendo que ninguém pagará pela iniquidade ou impiedade de seus antepassados; ora, se ninguém paga pelos erros de antepassado, a única dedução que resta é a de que o espírito, para poder reparar o seu mau comportamento, terá que vir, ou seja, reencarnar, na terceira e quarta geração à em que ele veio a Terra; mesmo porque, nenhum espírito (alma) poderá vir em outro corpo se não deixou o anterior (morreu), até mesmo em atendimento ao diálogo de Jesus com Nicodemos, descrito em João 3,1-21, do qual destacamos o que é dito no verso 7: "Não te maravilhes de te ter dito: Necessário vos é nascer de novo." E a função desse nascer de novo é a de, justamente, reparar os erros cometidos, no nosso entender e prosseguir na senda da evolução

intelectual e moral.

Prosseguindo na análise da passagem do livro de Êxodo, do Pentateuco Mosaico, mediante a reflexão na Torá; como, anteriormente, já foi dito esta passagem corrobora o que temos demonstrado, ou seja, conforme a citação ao dizer de que Deus, O Eterno, visita a iniquidade dos pais nos filhos, pois, segundo entendemos, no hebraico não há a inferência de palavras que têm o significado de netos e bisnetos. Sendo assim, analisemos a expressão nos “filhos dos filhos”, que, após a citação dos pais nos filhos, ou seja, os filhos referem-se à segunda geração, os netos referem-se à terceira geração e esta é complementada por “filhos dos filhos”, trazendo o real significado que é a terceira geração; mas ficaria estranho, pois o texto assim desfecha dizendo que é “até a terceira e quarta geração”; mas ficaria mais correto inserir apenas “até quarta geração”, já que as três primeiras gerações haviam sido mencionadas, senão demonstraria redundância de terceira geração até a terceira e quarta geração. Desta forma, deixa-nos a certeza de que é citada a geração dos netos e bisnetos que haveria de

resgatar as suas próprias faltas de uma encarnação passada, posteriormente “**sobre** terceira e quarta geração” que o texto se refere, para assim corroborar a reencarnação na Torá, mesmo que os antirreencarnacionistas tentem dizer que havia passagens que não citavam as primeiras e segundas gerações.

Outro fato é que se o texto se refere aos sucessores até as terceiras e quartas gerações seguirem os exemplos dos pais, ou seja, soaria ainda mais estranho, pois a expectativa de vida de um Hebreu, há 4.000 anos a.C., era muito inferior a em que vivemos e certamente para que um de nós viesse a seguir o mesmo exemplo de nosso tataravô, este deveria viver no mínimo 120 anos, para que pudéssemos engatinhar em seus atos. Sendo assim, por este motivo é que a tradução está em “**até** a terceira e quarta geração” e não “**sobre** terceira e quarta geração”, pois, mais uma vez, por uma mudança de uma simples preposição, inverte todo o sentido da essência para, assim, negar a reencarnação, mesmo que venham a corromper os originais. Em paráfrase, entendemos como o

codificador que *“É digno de nota que, de todas as religiões, a que menos oposição fez ao Espiritismo foi à judaica que, por sinal, não apelou, contra as evocações, para a Lei de Moisés, em que se apoiam as seitas cristãs. Se as prescrições bíblicas são o código da fé cristã, por que proíbem a leitura da Bíblia? Que se diria se se proibisse a um cidadão estudar o código de leis do seu país?”* (KARDEC, A. *O que é o Espiritismo*. Rio de Janeiro, 2001, p. 139).

Se considerarmos a Torá como a fonte primária dos textos bíblicos, então temos que aceitar, mesmo que isso fira nosso orgulho de seita, que a preposição “sobre” é a que deveria ser usada. Com isto a ideia reencarnacionista se evidencia, para contragosto dos antirreencarnacionistas.

Assim, podem ter razão os companheiros espíritas que afirmam que a preposição “sobre” teria sido trocada por “até”, para se camuflar a ideia reencarnacionista que se poderia tirar do texto, caso não se mudasse a preposição. Voltaremos com a conclusão de qual tradução ficamos.

1.6. Analisando as Traduções Bíblicas do escritor Severino Celestino

Como adendo à nossa pesquisa, traremos o trabalho de tradução da passagem do Ex 20,5-6; 34,6-7 do professor Severino Celestino que foi e ainda é alvo de muitas críticas, mas que num exame apurado de tudo o que já transcrevemos, o estimado professor está correto em sua tradução, vejamos:

CAPÍTULO VIII

Troca de preposição muda sentido reencarnacionista do Êxodo

על='al, significa - **sobre**.

עד='ad, significa – **até**.

A preposição ('al = **על** = sobre) trocada por ('ad = **עד** = até), no Êxodo, mudou o significado reencarnacionista do texto.

Neste capítulo, mostraremos como a simples troca de uma preposição pode mudar o sentido de um texto. Observe as citações do início deste capítulo e veja como a troca da preposição alterou o seu real significado.

No capítulo 20:5 e 6 de Êxodo, encontramos a seguinte citação: **“Não te prostrarás diante desses deuses e não os servirás porque Eu lahvéh teu Deus, sou um Deus ciumento, que**

puno a iniquidade dos pais sobre os filhos, até (preposição incorreta, deveria ser sobre) a terceira e quarta geração dos que me odeiam, mas que também ajo com amor até (preposição incorreta, deveria ser por) a milésima geração dos que me amam e guardam os meus mandamentos.” (A Bíblia de Jerusalém¹⁵-Edições Paulinas) (Tradução incorreta).

Texto Hebraico. Ex. 20:5 e 6

לֹא תִשְׁתַּחֲוֶה לָהֶם וְלֹא תַעֲבֹדֵם כִּי אֲנִי יְהוָה אֱלֹהֶיךָ
 אֵל קָנָא פֶקֶד עוֹן אָבוֹת עַל בְּנֵי עַל־שְׁלִישִׁים וְעַל־רִבְעִים
 לְשָׁנָא יַעֲשֶׂה חֶסֶד לְאֲלֹפִים לְאַהֲבֵי וּלְשֹׂמְרֵי מִצְוֹתַי:

Texto hebraico transliterado

lo tishtachavé lahém velô ta'avdem ki anochi lahvéh eloheichá el kaná pokêd 'avon avot 'ál-banin 'ál-shileshim ve'al-ribe'im leshnai. 'ossé chéssed laalafim lehovai uleshmerei mitsvotai.

Tradução literal

lo=não; **tishtachavé**= te prostrarás; **lahém**= para eles; **velô**= e não; **ta'avdem**= os servirás; **ki**= porque; **anochi**= eu sou; **lahvéh**= lahvéh; **eloheichá**= teu Deus; **el kaná**= Deus zeloso; **pokêd**= visito, para bênção ou cobrança; **'avon**= a iniquidade, culpa, pecado, castigo; **avot**= pais, plural de **av**; **'ál**= sobre; **banin**= os filhos, plural de **ben**, filho; **'ál shileshim**= sobre as terceiras, plural de shilesh, neto ou terceira geração; **v'al-ribe'im**= e sobre bisnetos ou as quartas gerações; **leshnai**= para os que me odeiam. **'ossé**= faço; **chéssed**= misericórdia, bondade, benevolência, favor; **laalafim**= por milhares de gerações; **lehovai**=

para os que me amam; **uleshmerei**= e guardam; **mitsvotai**= os meus mandamentos.

A tradução correta do texto é a seguinte:

“Não te prostrarás diante deles e não os servirás porque Eu, lahvéh teu Deus, sou um Deus zeloso, que visito a culpa dos pais sobre os filhos, na terceira e quarta geração dos que me odeiam, mas que também ajo, com benevolência ou misericórdia por milhares (infinitas) de gerações, sobre os que me amam e guardam meus mandamentos”.

Gostaríamos de chamar a atenção para o fato de que muitos tradutores colocam, em suas traduções, adjetivos que não condizem com a realidade divina. O termo hebraico (**el'kaná**) significa, entre outros atributos, Deus zeloso. No entanto, muitos traduzem estas palavras como Deus Ciumento, como se Deus fosse possuidor de uma qualidade puramente humana e de caráter tão inferior. É devido a fatos como este que a Bíblia é tão incompreendida em suas traduções.

Vejamos, no texto do capítulo 34 do Êxodo, nos versículos 6 e 7 da Bíblia de Jerusalém, a citação:

“lahvéh passou diante dele, e exclamou: lahvéh! lahvéh! Deus de compaixão e piedade, lento para a cólera e cheio de amor e fidelidade; que guarda o seu amor a milhares, tolera a falta, a transgressão e o pecado, mas a ninguém deixa impune e castiga a falta dos pais nos filhos e nos filhos dos filhos, até a terceira e quarta geração”. (A Bíblia de Jerusalém¹⁵-Edições Paulinas) (Tradução incorreta).

Veja o Texto Hebraico Ex. 34:6 e 7

וַיַּעֲבֹד יְהוָה עַל-פְּנֵי וַיִּקְרָא יְהוָה | יְהוָה אֵל רַחֻם וְחַנּוּן
 אֲרֻךְ אַפַּיִם וְרַב-חַסֵּד וְאֵמֶת: נִצַּר חַסֵּד לְאֵלִפִּים נִשְׂא עֵינַי
 וּפְשַׁע וְחַטָּאת נִקְחָה לֹא יִקַּח פֶּקֶד | עֵינַי אֲבוֹת עַל-בָּנִים
 וְעַל-בְּנֵי בָנִים עַל-שְׁלִישִׁים וְעַל-רִבְעִים:

Texto hebraico transliterado

Vaia'avôr lahvéh 'al-panaiv vaicrá lahvéh, lahvéh el rachum vechanun érech apaim verav-chéssed veémet. Notser chéssed laalfim nossê 'avon vafésha' vchataá venakê lô inaquê pôked 'avôn avôt 'al-banim ve'al-bnei banim 'al shileshim ve'al-ribe'im.

Tradução literal

Vaia'avôr= incompleto do qal de **'avar**= passar; **lahvéh**=Deus; **'al-panaiv**= sobre suas faces, significa face dele, diante dele; **vaicrá**= e disse ou exclamou; **lahvéh, lahvéh**= lahvéh, lahvéh **el**= Deus; **rachum**= compassivo piedoso; **vechanun**= e misericordioso; **érech**= construto de **árech**= longo, lento, tardio; **apaim**= dual de **áf**, narina, pode significar também cólera ou ira; **verav-chéssed**= e abundante em amor, benevolência, misericórdia, bondade; **veémet**= e verdade. **Notser**= que guarda; **chéssed**= benignidade, misericórdia; **laalfim**= por milhares de gerações; **nossê**= Qal de **nassá**, levar, perdoar; **'avon**= iniquidade, culpa, castigo; **vafésha'**= e revolta, rebelião; **vchataá**= e o pecado, o erro; **venakê**= e inocenta ou livra a culpa; **lô inaquê**= não inocenta; **pôked**= Qal de **pakar**, visitar (para castigo ou benção); **'avôn**= iniquidade, culpa, castigo; **avôt**= dos pais, plural de **av**; **'al**= sobre; **banim**= os filhos,

plural de **ben**, filho; **ve'al**= e sobre; **bnei banim**= os filhos dos filhos, genitivo construto de **ben**+ plural de **ben**; **'al shileshim**= sobre as terceiras, plural de **shilesh**, bisneto, ou terceira geração; **ve'al-ribe'im**= e sobre as quartas gerações.

O Texto com a tradução correta fica assim

“Iahvéh passou diante dele, e exclamou: IAHVÉH, IAHVÉH, Deus piedoso e misericordioso, tardio em irar-se, e grande em benignidade e verdade, que guarda a benignidade por milhares de gerações, (aqui, infinitas gerações) que perdoa a iniquidade, rebelião e pecado, e não livra o culpado que não faz penitência, visita a iniquidade dos pais nos filhos, e nos filhos dos filhos, sobre terceiras e quartas gerações ou sobre netos e bisnetos”.

Este texto (versículos 6 e 7 do Êxodo 34) contém os treze atributos (shelosh esrê midot) de Deus, os quais se tornam uma das principais orações do judaísmo. Estes treze atributos constituem a base da concepção judaica sobre Deus. O Talmude fala que Deus disse a Moisés: **“Sempre que Israel pedir o meu perdão, que mencione estas minhas qualidades”**. O Rabi Yehudá⁷⁰ acrescenta: Deus tem feito uma aliança para não deixar em vão esta prece e que deve ser rezada em jejum.

É pena que um texto tão sublime e tão importante, tenha sido deturpado em sua essência divina, inclusive com respeito ao sentido de Reencarnação que o mesmo possui, quando se refere **“às terceiras e quartas gerações”**.

Observe no texto acima, em hebraico, só aparecem as preposições grifadas **-‘al=** sobre e não tem em nenhuma passagem da **`-‘ad=** até.

No entanto, estes textos, com estas traduções, utilizando a preposição **“até”** no lugar de **“sobre”**, mostram-se frontalmente contra a hermenêutica e a exegese de outras passagens da Bíblia, pois estas preposições, que não existem no texto, além de mudarem completamente o significado e a compreensão do mesmo, trazem para aqueles que o leem, a ideia de uma só existência.

Veja também os textos de Números 14:18 e Deuteronômio 5:9 e 10, traduzidos corretamente:

“Deus é lento para a cólera e cheio de misericórdia, tolera a falta e o pecado, mas não tem por culpado o inocente, e sanciona o pecado dos pais nos filhos sobre a terceira e quarta geração” (Nm 14:18).

“Não te prostrarás diante desses deuses nem os servirás, porque eu, Iahvéh teu Deus, sou um Deus zeloso, que sanciono a iniquidade dos pais sobre os filhos sobre a terceira e quarta geração para os que me odeiam, mas que também ajo, com benevolência ou misericórdia por milhares de gerações ou infinitas gerações, sobre os que me amam e guardam meus mandamentos”.

Vamos analisar a ocorrência desta tradução com outras passagens da Bíblia.

Começemos pelo diálogo de Abraão com Iahvéh no Gênesis 18:23-33, onde vemos uma preocupação por parte deste, com a questão da

diferença de punição que deve existir entre o justo e o pecador: **“Destruirás o justo com o pecador? Talvez haja cinquenta justos dentro da cidade. Também destruirás e não perdoarás o lugar pelos cinquenta justos dentro da cidade. Longe de ti fazer tal coisa, de matar o justo com o pecador; e será assim o justo igual ao pecador; longe de ti! Aquele que é juiz de toda a terra não fará justiça?”**.

Estes são os primeiros questionamentos de Abraão que vão até o versículo 33 do texto, questionando o direito da responsabilidade individual de cada um. O direito de que não haja punição para quem não deve ou não a merece.

Acompanhemos agora, com outros textos, a concordância destes questionamentos de Abraão.

Começemos pelo Deuteronômio 7:9 e 10: **“Saberás, portanto, que Iahvéh teu Deus é o único Deus, o Deus fiel, que mantém a aliança e o amor por milhares ou infinitas gerações, em favor daqueles que o amam e observam os seus mandamentos; mas é também o que retribui pessoalmente aos que o odeiam: faz com que pereça sem demora aquele que o odeia, retribuindo pessoalmente”**.

Texto Hebraico

Texto Hebraico Deuteronômio 24:16

לאֲיוֹמְתוֹ אָבוֹת עַל־בְּנֵים וּבְנֵים לֹא־יוֹמְתוֹ עַל־אָבוֹת אִישׁ
בְּחֻטְאוֹ יוֹמְתוֹ:

Texto Hebraico Transliterado

**Lô iumentu avôt ‘al-banim uvanim lô-iumatu
‘al-ovôt ish bechetô iumatu.**

Tradução Literal

Lô= não; **iumentu=** farão morrer; **avôt=** os pais; **‘al-banim=** pelos filhos; **uvanim=** e nem os filhos; **lô-iumatu=** não morrerão; **‘al-ovôt=** pelos pais; **ish=** cada homem; **bechetô=** pelo seu pecado; **iumatu** será morto ou morrerá.

**“Não se farão morrer os pais pelos filhos,
nem os filhos morrerão pelos pais. Cada
homem será morto pelo seu pecado”.**

Capítulo 31:29 e 30 do profeta Jeremias:

Texto Hebraico: Jr. 31:29 e 30

בַּיָּמִים הָהֵם לֹא־יֹאמְרוּ עוֹד אֲבוֹת אֲכָלוּ בֶּקֶר וְשָׂנֵי בָּנִים
תִּקְהֵינָה : כִּי אִם אִישׁ בְּעוֹנֵי יָמוֹת כָּל־הָאָדָם הָאֵכֵל
הַבֶּקֶר תִּקְהֵינָה שָׂנָיו :

Texto Hebraico Transliterado

**Baiamim hahem lô-iomru ‘ôd avôt achlu
bossér veshinei banim tikheináh. Ki im-ish
ba’avonô iamut kol-haadam haochel habossér
tikheiná shinaiv.**

Tradução literal

Baiamim= nesses dias; **hahem=** eles; **lô-
iomru=** não dirão; **‘ôd=** ainda; **avôt=** os pais;
achlu= comem; **bossér=** fruta verde; **veshinei=** e
os dentes; **banim=** dos filhos; **tikheináh=**
embotaram. **Ki=** porque **im-ish=** cada homem;
ba’avonô= de sua falta, ou erro; **iamut=** morrerá;
kol-haadam= todo homem; **haochel=** que come;

habossér= fruta verde; **tikheiná=** embotará;
shinaiv= seus próprios dentes.

“Nesses dias já não se dirá mais: Os pais comeram fruta verde e os dentes dos filhos se embotaram. Mas cada um morrerá por sua própria falta. Todo homem que tenha comigo frutas verdes terá seus próprios dentes embotados”.

No livro de Ezequiel, o capítulo 14:12-20 que fala sobre a responsabilidade Pessoal se expressa assim: **“A palavra de lahvéh me foi dirigida nestes termos: Filho do Homem, se uma terra pecar contra mim, agindo com infidelidade, e eu estender a minha mão contra ela para destruir a sua ração de pão, trazendo sobre ela a fome, exterminando dela homens e animais, ainda que estejam ali estes três homens, a saber. Noé, Daniel e Jó, eles, em virtude de sua justiça, salvarão as suas almas, oráculo de lahvéh. Mas, se eu soltasse na terra animais ferozes, e a privasse dos seus filhos e ela se reduzisse a uma solidão, não havendo ninguém que pudesse passar por ela, por causa dos animais ferozes, e esses três homens se encontrassem nela, por minha vida – oráculo do Senhor lahvéh – certamente eles não conseguiriam salvar os seus filhos e as suas filhas. Antes só eles seriam salvos, enquanto a terra seria reduzida a uma solidão”.**

Em Ezequiel 18:1 e 2, há uma confirmação desta Responsabilidade Pessoal: **“A palavra do Senhor foi-me dirigida nestes termos: por que repetis continuamente este provérbio entre os**

Israelitas: Os pais comeram frutas verdes, mas são os dentes dos filhos que ficam embotados? (aqui há uma referência direta ao texto de Jeremias 31:29 e 30). Por minha vida – oráculo do Senhor IAHVÉH, não tereis mais ocasião de repetir este provérbio em Israel. É a mim que pertencem as vidas, a vida do pai e a vida do filho. Ora, é o culpado que morrerá”. ... Continuando, temos, no versículo 19, ainda do mesmo capítulo 18 de Ezequiel o seguinte: “Perguntais por que não leva o filho a iniquidade do pai! É que o filho praticou a justiça e a equidade, e, como observa e cumpre minhas leis, também viverá. É o pecador que deve perecer. Nem o filho responderá pelas faltas do pai nem o pai pelas faltas do filho. É ao justo que se imputará sua justiça, e ao mau sua malícia”.

Observe quanta lógica nesta citação de Ezequiel e agora acompanhe, na sequência as citações bíblicas que se opõem ao sentido que muitos têm dado ao texto de Êxodo 34.

Em Jó 34:11: **“Ele retribui ao homem segundo suas obras, e dá a cada um conforme o seu proceder”.**

Nos Salmos 28:4: **“Dá-lhes, Iahvéh, conforme suas obras, segundo a malícia dos seus atos”.**

Em Provérbios 12:14 e 28: **“Na senda da justiça está a vida; o caminho dos ímpios leva à morte”.**

Em Isaías 3:11: **“Mas ai do ímpio, do homem mau! Porque será tratado de acordo com sua obras”**.

Em Lamentações 3:64: **“Retribui-lhes, lahvéh, segundo a obra de suas mãos”**.

Em Eclesiástico 16:14 ou 15: **“Para todo aquele que dá uma esmola há uma recompensa, cada um é tratado segundo suas obras”**.

Todas estas declarações são contrárias a um Deus punitivo e se chocam com as declarações apresentadas na tradução do Êxodo 34, quando se usa a preposição até.

A incoerência, no entanto, desaparece, quando você analisa que a punição, apresentada no Êxodo 20:5 e 6, era temporária e referia-se aos israelitas que esperavam Moisés na planície do Sinai. Em segundo lugar, este texto no original hebraico, não corresponde ao sentido que é dado pelos tradutores que trocam o significado da preposição. A preposição correta é (**'al=sobre**), mas as traduções que analisamos, todos colocam como sendo até, (**'ad**) bem diferente do real significado e, quando colocada andas das palavras “terceiras e quartas gerações”, muda completamente o sentido do versículo e de todo o texto.

Fica evidente a diferença do significado do texto quando o traduzimos literalmente, pois nele aparece claramente a mensagem reencarnatória.

Agora vejamos o significado de cada passagem separadamente:

Detentor do bem-querer para os milhares:

O querer bem visa os outros, em quantidade. Milhares é geralmente compreendido como numerosas gerações: a declaração de amor de IAHVÉH a toda a humanidade, a Israel, aplica-se a toda duração dos tempos vindouros ou seja, eternamente.

Carregador do agravo, da carência, da falta:

Eis as três principais espécies de delitos da legislação bíblica. Segundo o Talmude, o agravo, (**'avon**), é o delito que se comete com premeditação. **Pésha'** é o delito, implica uma revolta, uma vontade de ruptura, e não apenas o ato que a manifesta; a falta. **Hêt** é o ato não cumprido, a violação de um mandamento, talvez por leviandade ou inadvertência, é o pecado venial dos antigos moralistas. A graduação vai do mais grave para o mais benigno³².

Carregador ou **suportador** significa, entre outras coisas, “**suportar as faltas sem puni-las**”. IAHVÉH carrega, ele próprio, o peso dos crimes que esmagariam a humanidade, não fossem sua graça e seu bem-querer. Ele carrega, enquanto o homem tem a oportunidade de se conscientizar, de se esclarecer e assumir seus erros em gerações futuras (futuras reencarnações).

Ele não inocenta

A graça e o bem-querer ou boa vontade não eliminam a justiça de IAHVÉH. Ele perdoa sem esquecer nem apagar o crime cometido pelo homem, até que este atinja o esclarecimento, o arrependimento e faça o que mando Jesus em

Mateus 5:24 e 25: “vai primeiro reconciliar-te com teu irmão, entra em acordo sem demora com o teu adversário, enquanto está no caminho com ele”. Só assim poderá retornar o caminho para Deus.

Sanciona o agravo

O homem que se julga perdoado não é dispensado das consequências de seus atos, mas os suportará sem desespero à medida que é esclarecido, confiante na certeza do reencontro com Deus³². As tradições cabalísticas tomam a palavra “**sancionar**” no sentido positivo em que IAHVÉH “**sanciona, Sara**” para fazê-la gerar (Gn 21:11). Deus não pune e nem perdoad, semelhantemente a um juiz, Ele sanciona as suas leis. Ele permite que cada um colha o que plantou. Para uma plantação, segundo o livre arbítrio individual, haverá também uma colheita individual. Assim IAHVÉH “sanciona” o delito do pecador para permitir-lhe purificar-se e desenvolver-se no amor. É a chance de reconciliação que todos nós recebemos através das reencarnações sucessivas. A prece de David no Salmo 51:11-19 é o pedido de uma nova chance de um coração arrependido que promete um espírito contrito pronto para recomeçar de onde falhou.

Agora vejamos ainda como a mudança na tradução da preposição com o significado correto (**‘al=sobre**) traz um sentido adequado para o entendimento do texto. Em vez de até a terceira e quarta geração, temos sobre a terceira e sobre a quarta geração. Podemos ainda dizer na terceira e na quarta geração, onde o sentido se consubstancia ainda bem melhor. Colocando-se

Até a terceira e quarta geração, subtende-se que o texto está afirmando que Deus começa a cobrar logo na primeira geração. Se Ele cobra logo a partir da primeira geração, o texto se opõe a Ezequiel 18 e aos demais textos que falam da responsabilidade individual. No entanto, cobrando na terceira e na quarta geração, Ele está cobrando o erro que foi cometido no passado, com a responsabilidade individual, na geração certa, pois eu não posso ser filho de mim mesmo. No entanto, para que eu volte ou reencarne como filho do meu filho, voltarei exatamente na terceira geração ou além dela, na quarta..., quinta ...sexta, etc. até milhares de gerações depois, onde eu posso assumir e reparar meu próprio erro do passado em gerações **(leia-se reencarnação)** subsequentes.

Nestas circunstâncias, o sentido está realmente de acordo com o texto, colocando-se a preposição correta, existente no texto hebraico original, **'al=sobre** e não **'ad=até**, como a maioria dos tradutores coloca. Neste caso, o texto fica coerente com o texto original e com os anseios de Abraão, no Gênesis, 18:23-33, as citações de Moisés no Deuteronômio 24:16, as profecias de Ezequiel nos capítulos 14 e 18, e com as profecias de Jeremias no capítulo 31:29 e 30, resgatando-se, assim, seu verdadeiro significado e ratificando-se ainda o princípio da Reencarnação.

Os textos da Septuaginta⁹⁸ apresentam, neste caso, a preposição, de acordo com o texto original, pois o grego afirma:

ἐπὶ τέκνων καὶ ἐπὶ τέκνα τέκνων ἐπὶ τρίτην καὶ τετράτην γενεάν.

“**Epi tékna kai epi tékna teknon epi triten kai tetraten guenean.**” Ou seja, a preposição “sobre” (**epi**) está de acordo com o hebraico e com o sentido gramatical, pois escreve-se **epi**, quando esta preposição vem depois do complemento”⁵³. O sentido está correto: **epi**=sobre; **triten**= terceira; **tékna**= filho; **teknon**= do filho; **kai**= e; **tetraten**= quarta; **guenean**= geração. Sobre a terceira e quarta geração, complemento da frase anterior.

Os textos latinos da Vulgata²¹ também foram fiéis ao original hebraico, senão vejamos: “**qui reddis iniquitatem patrum in filiis ac nepotibus in tertiam et quartam progeniem**”.

“**qui**= porque; **reddis**= pune; **iniquitatem**= a iniquidade; **patrum**= dos pais; (**caso genitivo plural de pater – primeira declinação**); **in**= nos; **filiis**= filhos; **ac**= é uma conjunção, pode se também atque, mas aqui é usado ac porque vem antes de consoante, significando: e até, e sobretudo, e mesmo; **nepotibus**= seus netos (filhos dos filhos); **in tertiam**= na terceira; **et quartam**= e quarta; **progeniem**= geração.”

A tradução do texto em latim fica assim: “**Porque pune a iniquidade dos pais nos filhos dos filhos na terceira e quarta geração**”.

Não sei como encontraram este sentido para a língua portuguesa, nem de onde o tiraram, pois, no hebraico, bem como, no grego e no latim, ele não existe.

É interessante notar que as traduções da Bíblia de Jerusalém, de João Ferreira de Almeida, da Bíblia Tradução Ecumênica, todas em português,

apresentem-se, esses textos, com a colocação da preposição ATÉ, antes das palavras terceira e quarta geração.

Parece não ser importante a alteração de uma simples preposição (ATÉ), mas, nestes casos, como vimos, o sentido realmente é muito alterado.

Fazemos aqui uma ressalva:

A tradução da Torá (A lei de Moisés e as Haftarots) do rabino MEIER MATZLIAH MELAMED⁷⁵ usa a preposição correta.

Uma tradução muito boa é a Tradução do Novo Mundo das escrituras Sagradas do New World Bible Translation Committee de 1961 dos nossos irmãos “Testemunhas de Jeová”. É pena que o preconceito religioso dos seus tradutores tenha encontrado as palavras “Médium” e “Espírita” em textos hebraicos, onde as mesmas não existem.

A excelente tradução de André Chouraqui também apresenta o texto correto sem o uso do ATÉ, além de não apresentar nenhum preconceito religioso.

A quem interessa o uso deste ATÉ nestes textos, mudando os seus sentidos e obscurecendo ou encobrendo a mensagem reencarnatória dos mesmos?

Texto Hebraico Ex. 34: 6 e 7

וַעֲבַד יְהוָה עַל־פְּנֵי וַיִּקְרָא יְהוָה וַיְהִי אֵל רַחוּם וְחַנּוּן
 אֲרֻךְ אַפַּיִם וְרַב־חֶסֶד וְאֱמֶת: נֹצֵר חֶסֶד לְאֵלִפִּים נֹשֵׂא עֵין
 וְפָשַׁע וְחַטָּאת וְנִקְהָה לֹא יִנְקָה פָקֶד וְעֵין אָבוֹת עַל־בְּנֵים
 וְעַל־בְּנֵי בָנִים עַל־שְׁלִשִׁים וְעַל־רִבְעִים:

Figura 3. – Texto hebraico do Êxodo 34:6 e 7: observe o grifo das preposições (**'al=sobre**), traduzidas incorretamente como **ATÉ**, modificando, assim, o sentido ou significado de Reencarnação no texto.

15 – **Bíblia de Jerusalém (A)**. São Paulo: Paulinas, 1985

70 – Koren, S.H. **Almanaque de Cabalá**. São Paulo: STS, 1996.

32 – Chouraqui, A. **A Bíblia – Nomes (Êxodo)**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

98 – **Septuaginta (A Bíblia em Grego)**. Stuttgart Germany: Deutsche Bibelgenellschaft, 1979.

53 – Freire, A.S.J. **Gramática Grega**. 6. Ed. Portugal: Faculdade de Filosofia de Braga, 1996.

(SILVA, 2012, p. 125-138).

O que temos agora a dizer diante de tantas críticas que esta obra do professor Severino Celestino se dedicou em fazer? Está destoante da Torá e do Tanah que apresentamos logo no início de nossa pesquisa? Claro que não! Portanto, está correta a tradução do professor. Ademais, trouxe-nos ainda outras importantes citações que desenvolveremos no desenrolar do próximo tópico. Apenas como adendo, o professor alude como consonante a tradução da Septuaginta e da Vulgata

Latina em convergência com a Torá e o Tanah, mas pela fonte que trouxemos da Septuaginta interlinear e da análise da Vulgata Latina, entendemos que a alteração ocorre da Vulgata em diante, mediante as fontes pesquisadas. Passemos agora para uma tradução de um judeu ortodoxo.

1.7. A tradução de um judeu ortodoxo

Participávamos em uma lista de discussão e solicitamos a um judeu ortodoxo na época, por volta de 2005 e 2006, que nos desse seu parecer quanto à correta tradução da passagem de Ex 20,5-6; 34,6-7 por termos notado o seu profundo conhecimento na língua hebraica, mas pouparemos o seu nome, por não termos a autorização de mencioná-lo neste nosso estudo. Vejamos o que ele coloca para enriquecer a nossa pesquisa:

Analizando Shemot (Êxodo) 20: 5

5. Lo-tishtachaveh lahem velo ta'ovdem ki anochi Adonay Eloheycha El qana poked avon avot al-banim al-shileshim ve'al-ribe'im leson'ay.

5. Não te prosternarás diante delas e não as servirás. Sim, eu mesmo, YHWH, teu 'Elohim, 'Êl Qanã – Divindade Ardente, sanciono o erro dos

pais sobre os filhos, sobre os terceiros e sobre os quartos ciclos para os que me odeiam,

‘AL (letras “ain” e “lamed”) = SOBRE, para que o texto rezasse ATÉ, teria que estar a palavra ‘AD (letras “ain” e “dalet”) que num segundo sentido seria relacionado ao temporal, local e se traduziria por enquanto; em direção de. Como conjunção é traduzido por: “até que”, “enquanto”.

Este é o sentido exato das palavras. [6]

Após verificarmos a análise de um judeu ortodoxo que extrai do texto original hebraico o conceito que temos fundamentado nossa pesquisa na Torá e no Tanah, cuja nossa percepção é que a tradução do professor Severino Celestino está correta e que as críticas contra ele não procedem, aliás, são até injustas, mas continuemos com a nossa solicitação ao judeu ortodoxo sobre a passagem em Ex 34,6-7. Vejamos:

Shemot (Êxodo) 34:6,7

– “7. que usa de beneficência com milhares; que perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado; que de maneira alguma terá por inocente o culpado; que visita a iniquidade dos pais sobre os filhos e sobre os filhos dos filhos (neto) sobre terceiro (bisneto) e sobre quarto (tataraneto) ciclo.”

– [6]

Acerca desta outra análise deste judeu ortodoxo em trazer a tradução correta para a passagem exegética, entendemos que se harmoniza com a Torá, o Tanah e a tradução do professor Severino Celestino. Agora, tentaremos juntar as informações e chegar a um consenso de onde o texto foi alterado e sugerir a tradução mais fiel aos originais que pesquisamos no próximo tópico.

1.8. Com qual tradução ficamos?

Caro leitor, ficou indubitavelmente claro que o texto original de Ex 20,5-6; 34,6-7 alude à reencarnação numa análise bem pormenorizada da correta tradução dos originais hebraicos que remetem a tradução da preposição **'al** como **'sobre'** e não **'até'** como muitas traduções ocidentais se encontram. Porém, informamos que diante de tanta informação, não foi fácil chegarmos a um consenso, mas recorreremos à codificação de Kardec, mais precisamente na obra *O Evangelho Segundo o Espiritismo* que traz um ponto interessante ao analisar a primeira revelação que foi Moisés. Vejamos o mestre lionês em sua análise.

CAPÍTULO I

NÃO VIM DESTRUIR A LEI

As três revelações: Moisés, Cristo, Espiritismo. Aliança da Ciência e da Religião. – **Instruções dos Espíritos:** A nova era.

1. Não penseis que eu tenha vindo destruir a lei ou os profetas: não os vim destruir, mas cumpri-los: – porquanto, em verdade vos digo que o céu e a Terra não passarão, sem que tudo o que se acha na lei esteja perfeitamente cumprido, enquanto reste um único iota e um único ponto. (S. MATEUS, cap. V, vv. 17 e 18.)

Moisés

2. Na lei mosaica, há duas partes distintas: a lei de Deus, promulgada no monte Sinai, e a lei civil ou disciplinar, decretada por Moisés. Uma é invariável; a outra, apropriada aos costumes e ao caráter do povo, se modifica com o tempo. A lei de Deus está formulada nos dez mandamentos seguintes:

I. Eu sou o Senhor, vosso Deus, que vos tirei do Egito, da casa da servidão. Não tereis, diante de mim, outros deuses estrangeiros.

– Não fareis imagem esculpida, nem figura alguma do que está em cima do céu, nem embaixo na Terra, nem do que quer que esteja nas águas sob a terra. Não os adorareis e não lhes prestareis culto soberano. ⁽¹⁾

II. Não pronunciareis em vão o nome do Senhor, vosso Deus.

III. Lembrai-vos de santificar o dia do sábado.

IV. Honrai a vosso pai e a vossa mãe, a fim de viverdes longo tempo na terra que o Senhor vosso Deus vos dará.

V. Não mateis.

VI. Não cometais adultério.

VII. Não roubeis.

VIII. Não presteis testemunho falso contra o vosso próximo.

IX. Não desejeis a mulher do vosso próximo.

X. Não cobiceis a casa do vosso próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu asno, nem qualquer das coisas que lhe pertençam.

É de todos os tempos e de todos os países essa lei e tem, por isso mesmo, caráter divino. Todas as outras são leis que Moisés decretou, obrigado que se via a conter, pelo temor, um povo de seu natural turbulento e indisciplinado, no qual tinha ele de combater arraigados abusos e preconceitos, adquiridos durante a escravidão do Egito. Para imprimir autoridade às suas leis, houve de lhes atribuir origem divina, conforme o fizeram todos os legisladores dos povos primitivos. A autoridade do homem precisava

(1) Allan Kardec cita a parte mais importante do primeiro mandamento, e deixa de transcrever as seguintes frases: "... porque eu, o Senhor vosso Deus, sou Deus zeloso, que puno a iniquidade dos pais nos filhos, na terceira e na quarta gerações

daqueles que me aborrecem, e uso de misericórdia até mil gerações daqueles que me amam e guardam os meus mandamentos." - (ÊXODO, XX, 5 e 6.)

Nas traduções feitas pelas Igrejas católica e protestantes, essa parte do mandamento foi truncada para harmonizá-la com a doutrina da encarnação única da alma. Onde está “na terceira e na quarta gerações”, conforme a tradução Brasileira da Bíblia, a Vulgata Latina (in tertiam et quartam generationem), a tradução de Zamenhof (en la tria kaj kvara generacioj), mudaram o texto para “até à terceira e quarta gerações”.

Esses textos truncados que aparecem na tradução da Igreja Anglicana, na Católica de Figueiredo, na Protestante de Almeida e outras, tornam monstruosa a justiça divina, pois que filhos, netos, bisnetos, tetranetos inocentes teriam de ser castigados pelo pecado dos pais, avós, bisavós, tetravós. Foi uma infeliz tentativa de acomodação da Lei à vida única. – A Editora da FEB, 1947.

O texto certo que, por mercê de Deus, já está reproduzido pelas edições recentíssimas a que nos referimos – traduções Brasileiras e de Zamenhof –, que conferem com S. Jerônimo, mostra que a Lei ensina veladamente a reencarnação e as expiações e provas. Na primeira e na segunda gerações, como contemporâneos de seus filhos e netos, o Espírito culpado ainda não reencarnou, mas, um pouco mais tarde – na terceira e quarta gerações – já ele voltou e recebe as consequências de suas faltas. Assim, o culpado mesmo, e não outrem, paga sua dívida.

Logo, têm-se de excluir a primeira 1ª e 2ª gerações e expressar “na” 3ª e 4ª, como realmente é o original.

Achamos conveniente acrescentar aqui esta nota, para facilitar a compreensão do estudioso que

confronte a sua tradução da Bíblia com a citação do Mestre. - A Editora da FEB, 1947. (KARDEC, p. 53-54, grifo no original)

Como pudemos perceber, assim como em nosso prefácio, Kardec não aborda esta questão da reencarnação na passagem de Ex 20,5-6; 34,6-7, mas se utiliza da tradução Le Maistre de Sacy da Bíblia que está corretamente traduzida a preposição hebraica **'al** como **'na'**.

Portanto, em nota a editora da FEB nos elucida que as traduções ocidentais que partiram da Vulgata Latina estão incorretas, denotando que o texto foi mudado na tradução da Vulgata e até onde percebemos em nossas fontes de pesquisa, mas que numa segunda revisão deste artigo, a troca preposicional pode ter ocorrido antes na Septuaginta como já demonstramos.

Assim, caro leitor, sugerimos a Torá e o Tanah como obras para se ter em sua biblioteca, pois estes refletem a mensagem bíblica na passagem do livro do Êxodo que nos propusemos a pesquisar e outras mais que desenvolveremos mais adiante. Para corroborarmos a tradução que consta na Torá logo

no início de nossa abordagem, vamos recorrer ao dicionário de Strong novamente. Vejamos:

05920 על al

procedente de **5927**; DITAT - 1624p subst

1) altura adv

2) acima, para cima, no alto

05921 על al

via de regra, o mesmo que **5920** usado como uma preposição (no sing. ou pl. frequentemente com prefixo, ou como conjunção com uma partícula que lhe segue); DITAT – 1624p; prep

1) **sobre**, com base em, de acordo com, por causa de, em favor de, concernente a, ao lado de, em adição a, junto com, além de, acima, por cima, por, em direção a, para, contra

1a) **sobre**, com base em, pela razão de, por causa de, de acordo com, portanto, em favor de, por isso, a respeito de, para, com, a despeito de, em oposição a, concernente a, quanto a, considerando

1b) acima, além, por cima (referindo-se a excesso)

1c) acima, por cima (referindo-se a elevação ou preeminência)

1d) **sobre**, para, acima de, em, em adição a, junto com, com (referindo-se a adição)

1e) **sobre** (referindo-se a suspensão ou extensão)

1f) por, adjacente, próximo, perto, sobre, ao redor (referindo-se a contiguidade ou proximidade)

1g) abaixo sobre, sobre, por cima, de, acima de, pronto a, em relação a, para, contra (com verbos de movimento)

1h) para (como um dativo) conj

2) por causa de, porque, enquanto não, embora.

(STRONG, J.; p. 844, grifo nosso)

Após a nossa constatação de que não há a inferência de a preposição **al'** pode denotar a tradução para 'até', mas que existem outras bibliografias judaicas que o traduzem como o Rifka Berezin. Embora tenhamos chegado a um consenso, vamos recorrer ao Dicionário Internacional de Teologia para maiores comentários. Vejamos:

1624p על **'al em cima de.**

'al, 'âl, 'âli. em **cima de.** Palavra usada geralmente como preposição ou conjunção, **'al**, que em geral funciona como preposição, é traduzida de mais de 30 maneiras diferentes, sendo que as mais comuns são “acima de”, “contra”, “ao lado de”, “acerca de”, “sobre”, “em cima de”. Também ocorre muitas vezes como conjunção, sendo traduzida por “porque”, “embora”. Formando palavras compostas com **ke** e **min**, proporciona sentidos mais precisos dos significados básicos.

Teologicamente, **'al** é importante no que diz respeito ao substantivo associado à palavra e do qual a preposição deriva. *BDB* e *Englishman's Hebrew Concordance* relacionam apenas seis usos de **'al** como substantivo: Gênesis 27.39; 49.25; 2 Samuel 23.1; Salmos 50.4; Oséias 7.16; 11.7. Mandelkern acrescenta Jó 36.33.

Nos trechos de Gênesis e de Salmos 50, a construção é (*hash*) *shámayim meäl*. “**os céus lá em cima**”, e **'al** é usado adjetivamente, quase como “os altos céus”.

Em 2 Samuel 23.1, **'al** aparece sozinho numa relação adverbial com o verbo, de modo que a linha diz “oráculo do jovem que foi exaltado acima” (lit.). Semelhantemente, Jó 36.33 (um texto que Pope [*Job, AB*, p. 2381] declara que é “notoriamente difícil”, conforme se vê pela variedade de traduções) é incluído com o substantivo de **'al**. Pope entende que **'äláyw**, na primeira linha, reflete o antigo nome do deus da tempestade **'Aliy** que facilmente poderia ser o Deus que controla a tempestade), mas emenda a segunda linha de um modo que prejudica o paralelismo. Delitzsch (*Job, in loc.*) também viu aí um nome divino, mas acrescentou comentando que **'al-'ôleh** também se refere a Deus. Em Oséias 7.16 e 11.7 encontra-se **'al** como o nome próprio traduzido pela IBB como “Altíssimo” (= **'elyôn** veja acima). As emendas feitas pela RSV, “Baal” em 7.16 e “jugo” em 11.7 **CöL**), são especulações interessantes, mas nada acrescentam à nossa compreensão do texto e são desnecessárias.

Agora está claro que os textos ugaríticos

empregam **'ly**, “**Altíssimo**”, como um epíteto para Baal (**Lenda de Keret** 3:6-9), especificamente num contexto de deus da tempestade (**UT** 19: nº 1 855). Os conceitos correlatos de poder, força, exaltação, *etc.*, encontram paralelo nos atributos de **'elyôn**. O que se tem aqui é mais um dos denominados epítetos semíticos padrões para a divindade (os quais eram comuns entre os povos do antigo Oriente Médio), mas, purificado de todas as nuances pagãs das religiões de fertilidade, incorporado ao vocabulário religioso hebraico.

A descoberta de **'al** ou **'ali** nesses contextos não apenas justificou a tradução “Altíssimo” nos textos de Oseias e Jó e apresentou elementos adicionais que favorecem o uso de **'elyôn** como nome divino, como também abriu a possibilidade de identificar outros casos do uso de **'al** como o nome próprio da divindade. Alguns exemplos representativos **sugeridos por** Dahood são: Gênesis 14.19; 21.33; Deuteronômio 33.12; 1 Samuel 2.10; Salmos 7.6, 8, 10 [7, 9, 11]; 10.6; 18.41 [42]; 55.22 [23]; 57.2 [33; 62.7 [8]; 68.29, 34 [30, 35]; 75.8 [9]; 106.7; 119.104, 127, 129, 136; 139.14, 15; 141.3; 144.5; 146.5; Isaías 63.7; Oséias 10.5.

Bibliografia: — ALBRIGHT, William Foxwell, **From the StoneAge to Christianity**, 2a ed. Doubleday Anchor, 1957. p. 230-6. , **Yahweh and the gods ofCanaan**, Doubleday, 1968 (especialmente capítulos 3 e 4). — DAHOOD, Mitchell, **Psalms /, II, III**, In: **AB**, Doubleday, 1965, 1968, 1970. , The divine name **'éli** in the Psalms, **Theological Studies** 14:452-7. — DELITZSCH, Franz, **Biblical commentary on the book of Job**,

reimpressão, Eerdmans, 1949. — **MAY, H.G.**, 'Al ... in the superscriptions of the Psalms, **AJSL** 58:70-83. — **REIDER, J.**, Substantive 'al' in Biblical hebrew, **JQR** 30:263-70. — **SNAITH, Norman H.**, Sacrifices in the Old Testament., **VT** 7:308-17. (Dicionário Internacional de Teologia, p. 1116, 1121-1122, grifo no original)

Com base na tradução da Tora em três obras judaicas de 'al por 'até' é palatável que a maioria dos judeus traduzem como '**sobre**', mas que há traduções que denotam até que comentaremos. Passemos, porquanto ao ponto seguinte do Talmud Babilônico.

1.9. O que diz o Talmud Babilônico

Desta maneira, tudo quanto pesquisamos sobre o assunto, iremos agora recorrer ao Talmud Babilônico e testificar o pensamento rabínico judaico desta passagem. Antes de adentrarmos no âmbito de analisar o Talmud, iremos primeiramente esclarecer o que seria e em que época foi escrito. O Talmud é dividido em duas partes: a Mishná escrita pelos Tanaítas em torno de 70-200 d.C. e a Guemará compilada pelos Amoraítas em torno de 200-500

d.C., que constituem nas interpretações e conclusões do que está na Mishná. Vejamo-la:

A **Guemará** agora explica o que quis dizer Moshé quando pediu que o Eterno lhe revelasse Seus caminhos: ***Amar lefanav: Ribonó shel olam! Mipnê má yesh tsadic vetov ló veyesh tsadic verá ló? Yesh rashá vetov ló veyesh rashá verá ló?*** [Disse Moshe diante Dele: Ó Soberano do Mundo! Qual a razão de haver, neste mundo, justos que gozam de coisas boas e justos que sofrem de muitos males? Há ímpios que gozam de boas coisas e a ímpios que sofrem muitos males? Ou seja, Moshé pediu a Deus que lhe revelasse os caminhos da Providência, o modo como Ele comanda o mundo, pois se um indivíduo é justo, por que é punido? E se dois são justos, porque um é punido e outro recompensado? E o contrário em relação aos ímpios.] ***Amar ló: Moshé, tsadic vetov ló – tsadic ben tsadic, tsadic verá ló – tsadic ben rashá, rashá vetov ló – rashá ben tsadic, rashá verá ló – rashá ben rashá.*** [Disse-lhe: Moshé, um justo que é recompensado – é um justo filho de um justo, um justo castigado – é um justo filho de um ímpio. Um ímpio recompensado – é um ímpio filho de um justo, um ímpio castigado – é um ímpio filho de um ímpio. Daqui transparece que a pessoa pode ser recompensada ou punida pelas faltas ou méritos de seus pais, o que será questionado a seguir na **Guemará**.]

Amar Mar: tsadic vetov ló – tsadic ben tsadic, tsadic verá ló – tsadic ben rashá. Ini?

Vehav ketiv: “Poked avon avot al bani”, uchvit: “uvaním ló iumtú al avot”. Veraminan kerarei avoteihem bideihem, vehá kesheem ochazim maassé avoteihem bideihem! [Disse Mar (um sábio): “um justo que é recompensado – é um justo filho de um justo, um justo castigado – é um justo filho de um ímpio”. Como pode ser isto? E eis que está escrito: “que visita a iniquidade dos pais sobre os filhos e sobre os filhos dos filhos até a terceira e quarta geração” (Shemot 34:7) e está escrito também: “Os pais não morreram pelos filhos, nem os filhos pelos pais; cada um morrerá pelo seu pecado” (Devarim 24:16). Os versículos se contradizem, e deduzimos: Não há dificuldade para conciliar os versículos! Este primeiro versículo se refere a filhos que se prendem às ações de seus pais, permanecendo em seus caminhos equivocados. E este outro versículo se refere a filhos que não se prenderam aos vícios de seus pais e retomaram o caminho correto. Portanto, de acordo com esta explicação, a resposta anterior não sustenta, pois o filho de um ímpio não recebe punição pelas falhas de seu pai!] ***Ela, hachi caamar lei: Tsadic vetov ló – tsadic gamur, tsadic verá ló – tsadic sheeinó gamur.*** [Senão, que assim lhe disse o Eterno a Moshé: um justo que é recompensado – é um justo completo, que não tem pecados a retificar, um justo castigado – é um justo incompleto. Deus faz com que um justo seja castigado nesta vida para que suas falhas sejam perdoadas através destes males, e não diminuam sua porção no Mundo Vindouro.] ***Rashá vetov ló – rashá sheeinó gamur, rashá verá ló – rashá gamur.*** [Um ímpio recompensado – não é

um ímpio completo, ou seja, é um perverso que tem o mérito de haver cumprido algumas poucas *mitsvót*. Neste caso ele recebe a recompensa por seus bons atos neste mundo e não no Mundo Vindouro. Um ímpio castigado – é um ímpio completo]. (TALMUD BAVLI – BERACHOT, Capítulo 1-3, p. 56-58, grifo no original)

Deparamo-nos com esta interpretação judaica da passagem de Ex 34,7 e Dt 24,16 que estamos analisando desde a Torá até o presente momento e temos apenas uma crítica textual a fazer, pois segundo a Torá e o Tanah a correta tradução para a preposição **al'** seria 'sobre' e o texto traz como 'até'. Certamente a tradução correta, como já vimos, seria a preposição 'sobre'. Voltaremos a este tema das duas traduções judaicas que encontramos a tradução da preposição **al'** como até.

Passando este ponto, temos a avaliar o contexto da abordagem do Talmud. Alguns opositores da reencarnação, ao ler este texto, mesmo que de forma apressada, pensam que não se trata da reencarnação, primeiramente pelo texto não ser taxativo e trazer em suas linhas a *Gilgul Neshmot*. Este seria apenas um pretexto de como poderiam refutar a reencarnação. Contudo,

subdividiremos a nossa pesquisa com ênfase nos quatro tópicos a seguir:

- a) **Um justo completo é um justo sem pecados a retificar:** Quando os sábios judeus nos dizem este conceito, percebemos que um justo poderia ser completo em suas virtudes, não necessitando de algumas expiações e provas para aprimoramento espiritual, já que completou todas as *mitsvót*. Outro ponto importante a salientarmos é que quando há pecados a retificar, é que estes pecados, ou faltas certamente são cometidos ainda numa encarnação anterior.
- b) **Um justo castigado é um justo incompleto:** Um justo castigado, ou seja, que sua encarnação está sob expiação e provas, entendemos, assim como os rabinos judeus que são ferramentas do Eterno em oportunizar aos espíritos nestas condições em adquirir as virtudes, ou completar todas as *mitsvót* na concepção judaica.
- c) **Castigado nesta vida para perdão de suas faltas:** Como refletimos anteriormente, o

Eterno oportuniza a todos na condição incompleta de suas virtudes, dando a todos estes o perdão de suas faltas através da expiação de suas imperfeições e desvio da lei divina, bem como as normas de cunho humano. O que no judaísmo é entendido como a ab-rogação de qualquer uma das 613 *mitsvót*. Esta concepção ainda implica em que não haja porção retirada de bênçãos no Mundo Vindouro na concepção judaica e na Doutrina Espírita no mundo de Regeneração.

- d) **Um ímpio recompensado não é um ímpio completo:** segundo a concepção rabínica judaica, seria como os que cumpriram algumas *mitsvót*. O que salientamos é que esta recompensa é neste mundo e não no Mundo Vindouro. Percebemos ainda que estes cumpriram algumas *mitsvót*, e não todas, cabendo ao retorno destes mesmos espíritos a cumprir todas as 613 *mitsvót*.

Esta nossa análise tem como base a nossa introdução e a necessidade das vidas sucessivas para cumprimento de todos os degraus evolutivos,

tendo em vista atingirmos a perfeição almejada. Já no judaísmo ortodoxo, percebemos em nossas pesquisas, é necessário também o conceito da reencarnação para que possam cumprir as 613 *mitsvót*. Passemos agora para o Zohar que é uma obra que iremos também analisar para chegarmos à conclusão em nossa análise sobre a reencarnação no livro do Êxodo (Shemot). Contudo voltaremos ao próximo capítulo em que desenvolveremos a questão das expiações e provas exemplificadas no Novo Testamento.

1.10. O que diz o Zohar – O Livro do Esplendor

O Zohar, ou no hebraico ‘זהר’, significa ‘esplendor’ é a mais importante obra da Cabalá no misticismo judaico. Esta obra relaciona os comentários místicos da Torá, a Lei de Moisés que serviu de base para nossa pesquisa, sendo a língua original do Zohar no aramaico e hebraico medieval. O Zohar trata de diversos temas, tais como a natureza de Deus, origem do universo, natureza das almas, pecado, redenção, bem e mal. Sua origem é datada na Espanha por volta do século XIII, publicado por um rabino judeu chamado de Moisés de León

(Moshe ben Shen-Tov) que atribuiu o seu trabalho ao rabino do século II Shimon Bar Yochai ^[8]. A obra do Zohar tem o mesmo valor que a Torá e o Talmud, pois estas mesmas obras a cita, com o intuito de relacionar algumas revelações à obra do Zohar. Vejamos:

Capítulo 1

1. No princípio – Os primeiros capítulos do Gênesis narram os primórdios da Criação. Por serem muito profundos, é difícil compreender todo seu conteúdo sem um conhecimento prévio dos ensinamentos da Torá, conforme foram revelados no Talmud e na **Cabalá**. (TORÁ, p. 1, grifo nosso)

[Quando veio Rav Dimi, de Yisrael, disse: Rabi Yehudá e Rabi Shimon, alunos de Rabi Yochanan, disseram: Não se deve interromper a *amidá* para nada, exceto para dizer ‘*yerê shemá hagadol mevorach*’, pois para responder desse modo ao *Kadish*, até mesmo aquele que se ocupa de estudar *Maassê Mercavá*¹²⁵ deve interromper o que está fazendo. Contudo, a *Guemará* acrescenta: e a *halachá* não segue de acordo com eles¹²⁶.]

125 – Trata-se de um profundo **estudo cabalístico** relacionado ao mistério da essência Divina. O nome *Maassê Mercavá* (episódio da carruagem) remete a profecia de Yechezkel, na qual o profeta descreve criaturas celestiais. Embora a palavra ‘carruagem’ não

seja mencionada pelo profeta, o fato de haver 4 seres, sugere a adoção do termo. Vide Yechezkel 1; *Mishné Torá, Hilcót Yessodê haTorá, 2:11*.

126 – E assim estabelece o *Schulcan Aruch (Orach Chaim 104:7)*: “Não deve interromper [*a amidá*] nem para [responder ao] *Kadish* e nem para *Kedushá*, mas deve permanecer em silêncio e ter a intenção [de assentir] àquilo que o *sheliach tsibur* está dizendo, e assim, é como se estivesse respondendo [ao *Kadish* ou à *Kedushá*]”. (TALMUD BAVLI – BERACHOT, Capítulo 1-3, p. 231-233, grifo nosso)

No blog “Rua da Judiaria”, encontramos a tradução direta do aramaico do Zohar da passagem que estamos analisando, uma vez que encontramos somente a versão em aramaico, inglês e espanhol da referida obra. Esta citação está no [“Diálogos Inter-Religiosos, Parte II – Os Conceitos de Julgamento e Vida Depois da Morte”](#). Vejamos:

“Está escrito: ‘visito a maldade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração’. Estes são a mesma árvore, a mesma alma voltando uma, duas, três e quatro vezes, querendo dizer que encarnou e veio em quatro corpos, sendo punido pelos primeiros pecados na quarta encarnação. Porque o pai, o filho, a terceira e quarta geração (estas quatro encarnações) são um; uma alma que não fez as suas correções nem atendeu a elas. É por isso punida pelos pecados nas primeiras encarnações. O inverso é também verdade. Uma

árvore bem estabelecida pelas encarnações permanece firme, e está escrito: 'mas mostrando clemência'..."

אדם. בפר עין אבות על בנים על שלשים ועל
רמשים. אלנא חדא, דאנוניב חדא, ותרין זמנין,
ותלת זמנין, וארבע זמנין, ואתפקר על חובי
קדמאי, אב וכן. שלישי ורביעי חד הוא בר לא
אתתקן, ולא חייש לאתתקנא, וכן בהפוכא דדא,
לאילנא דאיהו אתתקן בדקא חד, וקאים על
קיימיה ועושה חסד נתי.

(*Sefer Ha'Zohar; Parshat Yitro 30:518*
tradução do aramaico original para o hebraico
efectuada e comentada pelo rabino **Yehudah**
Ashlag, grifo nosso) ^[9]

A visão do Zohar difere da que temos apresentado, uma vez que a alma renitente no erro que transmitiu ao seu filho pelo mau exemplo retorna na terceira e quarta geração, a fim de que possa resgatar a sua falta. Entretanto, citamos para demonstrar mais uma visão desta passagem que não permite a interpretação como punições, ou mais conhecida no meio católico e protestante como maldições hereditárias transmitidas de pai para filho sem o embasamento da reencarnação para compreendê-la.

1.11. O que diz Antiguidades Judaicas de

Josefo

Buscando traçar um paralelo do Talmud Babilônico com a obra Antiquidades Judaicas de Flávio Josefo (37 d.C. a 103 d.C.), encontramos a mesma interpretação da tradição oral na obra de Josefo. Vejamo-la:

Deuteronômio 24. Deve-se ser bastante consciencioso em pagar o salário a que fazem jus os operários com o suor do rosto, pois Deus, em vez de terras e de bens, deu braços aos pobres, para ganharem a vida. Pela mesma razão, não se deve adiar para o dia seguinte o pagamento que lhes é devido. Devem ser pagos no mesmo dia, porque Deus não quer vê-los prejudicados por não receberem o que granjearam. **As crianças não devem ser castigadas pelos pecados dos pais porque, sendo elas virtuosas, são dignas de serem lamentadas por terem nascido de pessoas viciadas e não devem ser odiadas em razão das faltas cometidas por seus progenitores. Não se deve, do mesmo modo, imputar aos pais os defeitos dos filhos, e sim atribuí-los à má natureza destes, que os fez desprezar as boas lições que lhes deram aqueles e os impediu de aproveitá-las.** Deve-se fugir e ter horror aos que se tornaram eunucos voluntariamente e assim perderam o meio que Deus lhes deu de contribuir para a multiplicação dos homens. Porque além de terem procurado quanto estava neles diminuir-lhes o número e

serem de algum modo homicidas de crianças, das quais poderiam ter sido os pais, não poderiam cometer tal ação sem ter antes machucado a pureza da própria alma, pois é fora de dúvida que se ela não se tivesse efeminado eles não teriam posto o corpo num estado que os assemelha às mulheres. Assim, passar a monstruoso. Não se deve privar nem o homem nem animal algum do sinal de seu sexo. (JOSEFO, 2004, p. 187)

É importante salientar que nesta passagem, sendo a mesma do Talmud Babilônico diz respeito às duas primeiras gerações em que o erro se propaga e cada um é responsável pela própria conduta, não imputado aos filhos uma falta de seu pai. Contudo, nossa abordagem é condizendo com a tradição oral e com Josefo, o que difere é justamente no resgate das faltas na terceira e quarta geração. Com isso, passemos adiante ao Chumash de Rashi.

1.12. O que diz o Chumash de Rashi

Rashi foi um sábio judeu que nasceu na França por volta do século XI e XII e se destacou como um grande comentarista da Torá, do Talmud e da Tanah. Com isso, estamos utilizando a tradução do Rabino Shlomo Ben Itschaq que é, inclusive, uma das

traduções utilizadas por Severino Celestino em sua obra *Analisando as Traduções Bíblicas*. Vejamos:

Ex 20,5. Não te prostrarás a eles, e não os servirás; porque eu sou o Eter-no, teu D’us, D’us ciumento, que lembra o delito dos pais sobre os filhos, **sobre** terceiras e **sobre** quartas gerações, aos que me odeiam. **6.** E faz bondade para milhares de gerações, aos que me amam, e aos que guardam meus preceitos.

RASHI: CIUMENTO. Ciumenta para castigar, e não passa sobre sua qualidade para perdoar pelo serviço idólatra. Toda expressão de נִפְּו “emporment” na língua estrangeira, (significa:) coloca o coração para castigar. **OS QUE ME ODEIAM.** É como o Targum explicando que D’us castiga aos filhos quando tomaram a ação de seus pais nas suas mãos (Tratado Talmúdico Sanhedrim 27). **6. E FAZ BONDADE.** E guarda bondade para a pessoa que faz (a vontade de D’us), para pagar a recompensa até milhares de gerações (depois). E encontra-se a qualidade boa (de D’us) exceder sobre a qualidade de castigo (de D’us proporcional a) uma sobre quinhentas (1/500), porque esta é a até a quarta geração (D’us castiga), e esta é milhares (gerações) (Tratado Talmúdico Sotá. Tosafot, 4). (ITSCHAQ, 1993, p. 103, grifo nosso)

Ex 34,6-7. E passou o Eter-no sobre o seu rosto e proclamou: Eter-no, Eter-no, D’us misericordioso e clemente, tardio em irar-se, e grandioso em

bondade e verdade. 7. Guarda bondade por milhares de gerações, perdoa o delito, e a transgressão, e o pecado; e absolver não absolverá, lembra o delito dos pais sobre os filhos, e **sobre** os filhos dos filhos, **sobre** terceira, e sobre a quarta geração.

RASHI: 6. **ETER-NO. ETER-NO.** É este o atributo de misericórdia; um é antes que peque e o outro, depois que peque e se arrependa (Tratado Talmúdico Rosh Hashná 17). D'US. Este também é o atributo de misericórdia; e similarmente ele disse (o versículo disse em Salmos 22.2): “meu D'us, meu D'us, por que me abandonaste?, e não disse para o atributo de justiça: “por que me abandonaste?”, assim encontrei na Mehilta. **TARDIO EM IRAR-SE.** Atrasa a sua ira, e não apressa-se em castigar, (porque) talvez (ele) se arrependerá. **É GRANDIOSO EM BONDADÉ.** Para os que necessitam bondade, porque eles não têm eles muitos méritos. **E VERDADE.** Para retribuir uma boa recompensa para os que fazem a sua vontade. **7. GUARDA A BONDADÉ.** Que a pessoa faz diante dele. **POR MILHARES.** Para duas mil gerações. Delitos são os pecados propositais, transgressões elas são (atos de) rebeldia que a pessoa faz para provocar. **E ABSOLVER NÃO ABSOLVERÁ.** Segundo o simples significado literal (significa) que não absolve sobre o delito por completo, mas castiga por ele pouco a pouco. Nossos mestres interpretaram: absolve aos que retornam (em arrependimento pelo pecado), e não absolve (para) os que não voltam (em

arrependimento pelo pecado. Tratado Talmúdico Yomá 86). **LEMBRA O DELITO DOS PAIS SOBRE OS FILHOS.** Quando (eles) retêm o feito de seus pais nas suas mãos (ou seja continuam fazendo as mesmas coisas que os pais), porque já explicou em outro lugar (Êxodo 20.5): “para os que me odeiam” (somente eles serão castigados). **E SOBRE A QUARTA.** A quarta geração. Encontramos que o bom atributo é maior que o atributo do castigo, uma por quinhentas vezes, porque sobre o bom atributo disse (o versículo): “guarda bondade por milhares” (Tossefta do Tratado Talmúdico Sotá 4). (ITSCHAQ, 1993, p. 193, grifo nosso)

Com os comentários de Rashi que salienta as duas primeiras gerações, as dos filhos que retêm os pecados dos pais são responsabilizadas, denotam que não há maldições hereditárias e com isso derruba este dogma e lança luzes sobre a responsabilidade individual. Em Ex 34,6-7 sobre a quarta geração Rashi é superficial, mas o que nos chama à atenção é que existe mais uma tradução da preposição **'al** como **sobre** nos textos Ex 20,5-6 e Ex 34,6-7 traduzido pelo rabino Shlomo Ben Itschaq.

1.13. A Terapia de Vidas Passadas e a análise científica

Em minha pesquisa, continuo a percorrer em assuntos afins, no que diz respeito a linguística, bem como a assuntos relacionados a base doutrinária da Doutrina Espírita e ciência da Terapia de Vidas Passadas, ao qual nos últimos anos me dediquei ao autor Brian Weiss (1944 -) e suas obras, ao qual futuramente poderão surgir novos artigos sobre o tema. Com base neste quesito, ao ler a sua segunda obra em minhas metas de leitura, que se intitula: *Muitas Vidas uma só Alma*, percebemos no relato de diversos pacientes e suas respectivas curas através da Terapia de Vidas Passadas e também a Terapia de Vidas Futuras, algo que para o meio espírita é pouco explorado o campo do estudo para este último recurso de cura através das projeções de vidas futuras, mas ao pesquisarmos o relato da paciente Jennifer e Cristina, relacionado ao tema Amor, contido no capítulo 13 desta mesma obra, vemos o relato da paciente Cristina:

– **A Bíblia diz que os pecados do pai continuam até a terceira ou quarta geração.** (Fui procurar. Ela estava citando uma frase do **capítulo**

20 do Êxodo.) Mas isso não faz sentido. Nós somos nossos próprios descendentes, reencarnados ao longo de muitas vidas. E a qualquer momento podemos apagar esses pecados, **porque são pecados que não existem em outras pessoas, eles existem em nós mesmos.** Meu pai esteve presente em todas as minhas vidas. Eu o reconheci como meu pai, como o fazendeiro e o supervisor. E em cada uma dessas vidas eu o amei e o odiei. Seus pecados viajaram com ele através dos séculos.

Ela se inclinou em minha direção, inspirada.

– E os meus, também. Não eram, não são os pecados dele que eu tenho que mudar. São os *meus*. Eu o odiei durante séculos. A cada vida, o amor que eu sentia no início foi apagado pelo ódio. Mas, e se dessa vez for diferente? E se eu conseguir apagar o ódio com o amor? (WEISS, 2005, p. 189). (grifo nosso)

Continua o relato da paciente Cristina e suas dificuldades com seu pai que é o dono da empresa ao qual ela trabalha e com isso, visando a cura, o Dr. Weiss vai sugerir a sua paciente a progressão de vidas futuras como meio de tratamento terapêutico, assim como aos demais pacientes. O que julgo interessante aos leitores é conhecer esta obra, ao qual não é nosso objetivo entrar nesta vereda, mas apenas para retratar a citação do livro do Êxodo e

sua passagem no capítulo 20 e seu exemplo prático na vida real e melhor, de um psiquiatra não espírita no trato de um de seus pacientes e como disse a Cristina, *“Nós somos nossos próprios descendentes, reencarnados ao longo de muitas vidas”* e para arrematar, os *“pecados que não existem em outras pessoas, eles existem em nós mesmos”*.

1.14. Traduções e argumentos contrários à Torá

Analisaremos agora as traduções e argumentos contrários à Torá, tal como demonstramos até o momento da correta tradução de **‘al** para **‘sobre’** e não **‘até’**. Vejamos os argumentos defendidos por aqueles que empurram à Torá o significado das maldições hereditárias.

A respeito da visitação da iniquidade dos exemplos dos atos em desacordo com a providência divina, passado para a geração seguinte como exemplo a ser seguido pelos filhos, tendo como resgate na terceira e na quarta geração. Este fato é completamente condizente, principalmente quando harmonizado com Gn 15,15-16 que comentaremos no tópico seguinte. Contudo objetam os defensores

das maldições hereditárias que a argumentação espírita termina por produzir uma incongruência, pois ao dizer que se ela (a visitação) para por aí [na terceira e quarta geração] é porque se preveem satisfeitos os motivos (iniquidades) que motivaram Deus a cobrá-las nestas gerações, na terceira e na quarta. É basicamente isso mesmo, tanto que harmonizamos o texto com Gn 15,15-16. Embora, prosseguem os defensores das maldições hereditárias que a interpretação espírita termina forçando (visto que esta argumentação provém de um versículo que determina algo) o entendimento de que qualquer visitação que venha a existir ocorrerá no máximo “na quarta”, assim não há “espírito” cuja iniquidade seja “visitada” na “quinta geração” em diante! É isso mesmo, pois a medida de cobrança da iniquidade cessa com a expiação na quarta geração.

Argumentamos que em relação ao próprio culpado se [encontrar] reencarnado e a suposta previsão da satisfação dos motivos da reencarnação, também são conceitos válidos apenas dentro da concepção espírita, segundo os defensores das maldições hereditárias que acreditam nesta tese que

não tem embasamento na Torá. Contudo, com relação à partícula **'al** e seu significado, não dizem, os defensores das maldições hereditárias, que é falta de rigor gramatical traduzi-la por “até” visto que o próprio Dicionário Hebraico-Português de Rifika Berezin, EDUSP, 1995, Pg. 501, dá como seu significado: em cima; perto, junto; até, por, para, etc. Embora, trouxemos a própria Torá, o Tanah e o Chumash que estão traduzidos diretamente do hebraico para o português e sua correta tradução coincide com a exarada pelo prof. Severino Celestino como a preposição **'sobre'**. Forçar a tradução para 'até' é apenas a vontade dos defensores das maldições hereditárias, já que o texto da Torá não os favorece!

Por outro lado, para serem coerentes os adeptos das “maldições hereditárias” teriam, também, que defender a tese das “bênçãos hereditárias”, o que não fazem, portanto, este argumento que usam visa precipuamente combater a ideia da reencarnação, nada mais que isso. É ainda o caso de lhes perguntamos: como sentiriam se a

justiça humana os condenassem pelos crimes de seus pais, cometidos antes que eles nascessem?

Segundo os defensores das maldições hereditárias, já a Septuaginta nos traz "εως" (heôs) como equivalente grego desse termo no próprio versículo de Êxodo que os defensores das maldições hereditárias, cuja informação léxica é 'até, até que, etc.', em contraste com a partícula grega 'em' que significa 'em, no, na', não usada pelos "Setenta" nessa porção bíblica. Em qual Septuaginta? Pois a que trouxemos em nossa análise nos informa que diante do Grego, encontramos ἐπι, de acordo com o dicionário que dispomos, significa "**sobre**", onde até identificamos algumas falhas de alguns sites de traduções bíblicas, mas que ocorria nos códices, as trocas preposicionais.

Quanto ao trato da versão latina, ela é um tanto ambígua, diante da posição: "*in tertiam et quartam generationem*", mas, segundo os defensores das maldições hereditárias, convém observar que a preposição "*in*", em latim, é classificada como do terceiro grupo, ou seja, pode ser usada com o caso Acusativo ou com o Ablativo.

Prosseguem ainda em sua análise de que o Acusativo é empregado frequentemente para “indicar a extensão no tempo ou no espaço, bem como caracterizar o termo de um movimento” (Gramática de Língua Latina, Ernesto Faria, 2a Ed. Pg. 63) e se identifica pela terminação “M” nas palavras masculinas e femininas ou “EM” na declinação dos temas consonânticos. Assim, qualquer semelhança do acusativo latino com a expressão da Vulgata já citada, não passa de uma corroboração aos que defendem as maldições hereditárias em se traduzir a preposição latina “in” para “até”.

Continuando com a análise do latim com respeito à preposição “in”, nos dizem os defensores das maldições hereditárias, através da gramática, já citada, que seu significado quando com Acusativo é: “a, para, até”; levando em seu bojo a ideia de movimento, transição ou extensão espaço/tempo. Essa tradução para a partícula com o acusativo é confirmada pelo Dicionário Latino-Português da Porto Editora quando trata desse verbete à Pg. 577. Assim, a construção “até a terceira e quarta geração” além

da ausência de prejuízo, segundo os defensores das maldições hereditárias, é produto de sentenças construídas sob o Acusativo Latino.

Partindo desta análise, é onde tencionamos no item “1.8” que a alteração da Torá ocorre da tradução da Vulgata Latina em diante com as demais traduções ocidentais, mas que o texto grego apresenta as trocas preposicionais como nos informa os códices, mas com algumas variações, como a tradução da Bíblia Novo Mundo que corretamente segue a Torá quando traduz para a preposição ‘al como ‘sobre’, bem como as traduções da Bíblia Pastoral e do Peregrino como ‘nos’, sendo ambas as traduções para Ex 34,6-7. Contudo, será na tradução da Bíblia do Peregrino que iremos nos deter por haver um fato interessante que comentaremos mais adiante.

Já as demais traduções das Bíblias ocidentais ‘Paulinas (1957, 1977 e 1980), SBTB, Vozes, Jerusalém (1987 e 2002), Santuário, Ave-Maria, Shedd, Barsa, SBB, Mundo Cristão e TEB’ que vertem a tradução da preposição ‘al como ‘até’ fogem completamente da Torá, do Tanah e do Chumash.

Um fato interessante nos chama à atenção, no trato com a tentativa de corroborar a tradução latina, principalmente quando se trata da intenção em harmonizar com os originais hebraicos, quando os defensores das maldições hereditárias, tentam, de forma hercúlea, um perfeito casamento com o seu uso em hebraico, conforme atesta o dicionário Hebraico-Português de Luis Alonso Schökel, Paulus, 2a Edição, 1997 à Pg. 494, que nos dá com tradução “até” quando esta, de alguma forma, está relacionada a movimento (inerência do acusativo), o que vem a reforçar a posição de Rifika Berezin, indicada acima. Após esta citação, recorreremos à fonte do dicionário de Shökel para averiguarmos a afirmação. Vejamos:

על¹ Prep. Sobre, em cima, por cima de, superior a; em; junto, ao lado de, perto de; sobre, acerca de, a respeito de; por, por causa de; conforme, segundo, de acordo com, ao teor de; contra. (SCHÖKEL, 1997, p. 493)

*על² Subst. Alto, altura, cume Gn 27,39 49,25 Sl 50,4 (Ou talvez **במועל** de cima?) 2Sm 23,1 adverbial.* (SCHÖKEL, 1997, p. 495)

Após observarmos, concluímos com a tradução da preposição **'al** na visão de Luiz Alonso Schökel, pois em sua obra ele não corrobora em significar como sendo a tradução para 'até' e somente recai para a correta tradução de **'sobre'**. Por que dizemos isto? Pelo simples fato dele, Schökel, ter traduzido a preposição **'al** na Bíblia do Peregrino como **'na'** em Ex 34,6-7 no item "1.5" que apresentamos e não 'até' como advogam os que defendem as maldições hereditárias. Outro ponto a observar, é que Shökel não traduz 'al como 'até' em seu dicionário.

Embora, mesmo com a tentativa inglória em tentar harmonizar os três testemunhos das referências bibliográficas latinas e hebraicas, sendo o sentido gramatical das palavras à proposta pelos defensores das maldições hereditárias, esta tentativa que nos soa como oposta e carecedora de fundamentação sólida. Não bastasse a nossa análise demonstrando que **Schökel** alude a tradução da preposição **'al** como **'sobre'**, tanto no seu dicionário, como na Bíblia do Peregrino que ele também traduziu. Não obstante esta nossa observação, exemplificam os defensores das maldições

hereditárias que em nossa língua às vezes usamos construções semelhantes, como por exemplo: “Passarei pelos estados brasileiros, até Rio e São Paulo”. Contudo, a visita da iniquidade ocorre justamente “sobre terceiras e sobre quartas gerações”, assim como está traduzida corretamente na Torá já apresentada em nossa análise do item “1.1”.

Os defensores das maldições hereditárias reconhecem nossa posição quando se trata de que se a preposição traduzida por “até” foi vertida por “na” em algumas versões, o mesmo não podemos dizer da aditiva “et”, pois nenhuma delas nos dá como tradução possível o termo “ou”, seja em hebraico, grego, latim, português ou inglês. Faremos uma pausa nesta fundamentação, pois no texto hebraico da Torá que norteia a nossa pesquisa está traduzido como “e” realmente, mas não retira do texto a ideia da reencarnação, devido a tradução correta de **‘al** como **‘sobre’**.

Segundo a passagem de Ex 20,5-6 e 34,6-7, o que está claro no verso, segundo os defensores das maldições hereditárias, é confirmado à forma

gramatical escrita, é que não passaria da “quarta”. O que de fato é a verdade, pois a iniquidade, ou os delitos cometidos são resgatados na quarta geração, principalmente quando harmonizamos com o texto de Gn 15,15-16. Contudo, ainda advogam os defensores das maldições hereditárias que é perceptível o contabilizamos “três” e “quatro” em caráter oracular em outros momentos da história bíblica: Am. 1.3 *“Assim diz o senhor: Por três transgressões de Damasco, e por quatro, não retirarei o castigo; porque trilharam a Gileade com trilhos de ferro.”*, Am. 2.6 *“Assim diz o Senhor: Por três transgressões de Israel, e por quatro, não retirarei o castigo; porque vendem o justo por dinheiro, e o necessitado por um par de sapatos”*.

A ideia natural de adição, segundo os defensores das maldições hereditárias, é inconfundível tanto lá na citação de Ex 20,5-6 e 34,6-7 quanto aqui nas passagens de Amós. Segundo os defensores das maldições hereditárias, a quarta não exclui a terceira, nem a terceira a quarta, mas até chegar a elas passa-se pela “primeira” e “segunda”. Caberá aqui o nosso esclarecimento, pois a

iniquidade, ou o delito passa de pai para filho através dos maus exemplos da primeira geração, mas a cobrança do Eterno desta iniquidade gerada na primeira geração só é realizada na terceira e quarta geração, o que colide frontalmente com a intenção de colocar a cobrança da lei de causa e efeito à segunda geração que colidirá com os textos Dt. 24.16, Jr. 31.29,30 e Ez. 18, já que o filho não paga pelos erros dos pais e nem os pais pelos erros dos filhos, portanto, a justiça divina tem como princípio de que cada um seja responsável pelos próprios atos.

Ainda como tábua de salvação aos defensores das maldições hereditárias na brecha gramatical deixada pela Vulgata Latina em não corroborar com os originais hebraicos, segundo a Torá, a partícula aditiva “et” é, também, usada para imprimir insistência, conforme o Dicionário Latino-Português da Edições e Publicações Brasil, 1943, Pg. 192, e segundo eles isto parece está bem patente nos versículos que falam da “visitação”. Como já o dissemos antes, a visitação ocorre na terceira e quarta geração, pois o mau exemplo procedeu da

primeira geração e é esta a geração responsável em resgatar os próprios erros, não que os filhos irão se responsabilizar pelos atos de seus pais.

Ainda sobre o entendimento da defesa da tradução latina do texto hebraico, os defensores das maldições hereditárias trazem o texto de nossa apreciação em Ex 20,5-6 e 34,6-7, dizendo eles que é possível perceber com bom grau de clareza, se olharmos com imparcialidade, a ideia de sequência: “...que visito a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração...”. Segundo os defensores das maldições hereditárias, o texto sequer fala em retorno de alguém para alguma coisa, apenas cobrança em sequência, e esta em família, não como uma possibilidade, mas como certeza cristalina deste fato. O que demonstramos que os maus exemplos dos pais passados aos seus filhos são resgatados “sobre terceiras e sobre quartas gerações”, assim como se encontra na Torá.

Já em Dt. 24.16, segundo os defensores das maldições hereditárias, está escrito em um compêndio que determina pena de morte por diversos motivos Ex. 21.12, Ex. 31.14, Lv. 20.2, Lv.

24.21, etc., e é por essas transgressões que não se aceita substituto. O que não impede “visitação” nas gerações seguintes “...dos pais nos filhos”, mas refutarmos a ideias de que os pais têm culpa pelos atos dos filhos e os filhos culpa dos atos dos pais. Está aí a harmonização do texto hebraico.

Os defensores das maldições hereditárias ao analisarem Jr. 31.29,30 recomendam-nos a observar o contexto, pois este nos traz três momentos: Um momento passado, um futuro imediato e um futuro distante, e segundo eles, terminam por desfazer a intenção espírita. Momento passado v. 29 “Os pais comeram uvas...” (parte “b” do verso) Mostra que os filhos estavam pagando pelos pais na concepção dos defensores das maldições hereditárias. Contudo o fato de os pais comer uvas, não denota que os filhos estejam, nesta condição, pagando pelos erros dos pais. Infelizmente o texto não diz isto. A intenção é mais forte do que o texto pode oferecer. Em nota, a Bíblia de Jerusalém nos elucida:

A Retribuição pessoal^c

Jr 31,29: Nesses dias já não se dirá: Os pais comeram uvas verdes e os dentes dos filhos se

embotaram. Mas cada um morrerá por sua própria falta. Todo homem que tenha comido uvas verdes terá os dentes embotados.

c) Jeremias toma aqui a contrapartida de um ditado (o qual é suposto também por Ezequiel, cf 18,2) que expressava o velho princípio da responsabilidade coletiva: aqui, a solidariedade na pena dos membros de uma mesma família. Ele anuncia para o futuro a aplicação de um princípio novo, que Ezequiel reivindicará para o imediato, o princípio do castigo pessoal do pecador. (cf. Ez 14,12+;18) (Bíblia de Jerusalém, p. 1420)

Em linhas gerais, trata-se da responsabilidade individual diante dos atos em desacordo com a providência divina. Ainda prosseguem os defensores das maldições hereditárias que os “Israelitas daquela atualidade estavam cativos por culpa da transgressão de gerações anteriores daquela nação, setenta anos durou o cativeiro como nos informa o próprio Profeta em Jr. 25.11 *‘Porque assim diz o Senhor: Certamente que passados setenta anos em Babilônia, eu vos visitarei, e cumprirei sobre vós a minha boa palavra, tornando a trazer-vos a este lugar.’* Segundo os defensores das maldições hereditárias, os que nasceram no cativeiro estavam pagando pela transgressão dos pais’. Contudo, ao

verificarmos a Tanah, não vemos desta forma, pois até mesmo a Bíblia de Jerusalém, em nota, nos diz o contrário. Vejamos:

Jr 25,11: Toda esta terra será reduzida a ruína e desolação e estas nações servirão ao rei da Babilônia durante setenta anos^b.

b) Número arredondado da duração do exílio, retomado em 29,10 e numa outra forma em 27,7. O tema se encontra em 2Cr 36,21 e fundamenta Dn 9. (Bíblia de Jerusalém, p. 1409)

Com o esclarecimento da nota de rodapé da Bíblia de Jerusalém, vemos claramente na passagem abaixo que não se tratava dos filhos pagando pelos erros dos pais, mas que os filhos e os netos o pagariam. Vejamos:

Jr 27,7: (Todas as nações o servirão, bem como **seus filhos e seus netos** até que chegue o tempo determinado para sua terra; então numerosas nações e grandes reis o subjugaram). (Bíblia de Jerusalém, p. 1412, grifo nosso)

Portanto, indubitavelmente que são a geração presente que por sua idolatria (Jr 25,7) que vieram a ser cativos pela Babilônia e não que já estavam no cativeiro por estarem pagando pelos erros dos pais,

tal como argumentam os defensores das maldições hereditárias.

Não satisfeitos, ainda prosseguem os defensores das maldições hereditárias, dizendo que o “Futuro imediato v. 29 ‘Naqueles dias nunca mais dirão’ (parte ‘a’ do verso) Retorno de Israel para os seus termos e punição de quem cometer a iniquidade v.30. v.31 ‘Eis que dias vêm...’ Futuro distante, concretizado em Cristo. No Novo Pacto o Senhor promete perdão ao arrependido v.19. ‘...nunca mais me lembrarei dos seus pecados’. No NT, através do arrependimento e perdão, a ‘visitação’ deixa de existir! E o perdão da Providência Divina por ‘esquecimento’, ao que parece, é contrário a doutrina espírita”, segundo a conclusão dos defensores das maldições hereditárias. O que provamos, é que o texto não oferece esta interpretação, cabendo às gerações dos filhos e netos dos que estiveram no cativeiro babilônico por idolatria e adoração a outros deuses (Jr 25,7). Já sobre cessar o resgate das faltas nos tempos de Jesus, abordaremos com mais profundidade o caso

nos itens subsequentes ao tratarmos do “Cego de Nascimento” e o “Homem coxo”.

Já sobre o fato de Ez. 18, os defensores das maldições hereditárias dizem que é análogo ao de Jeremias, sendo que eles percebem em ambos os casos que a culpa e o possível perdão passa a recair sobre a alma mortal (ou seja, sobre a pessoa) e não em suas reencarnações. Neste ponto, temos que atentar a correção que o que pecar certamente morrerá, não sendo o pai e nem mesmo o filho que acarretará a culpa de seu pai e vice-versa, tal como tentaram passar a ideia das punições hereditárias que os textos de Jeremias e Ezequiel não defendem antes a combatem.

Segundo os defensores das maldições hereditárias é inexistente a reencarnação que é esse conceito nos relatos lidos, v. 21 *“Mas se o ímpio se converter de todos os seus pecados que cometeu, e guardar todos os meus estatutos, e preceder com retidão e justiça, certamente viverá; não morrerá.”*, uma possível reentrada na carne sequer é ventilada, ainda que indiretamente no texto sagrado, sendo os defensores das penas hereditárias. Contudo, o texto

é em combate à tese das punições hereditárias e não a favor delas! Assim, nem aqui neste texto de Ezequiel dá embasamento para as maldições hereditárias e nem no Êxodo, encontra guarida à intenção dos antirreencarnacionistas!

Não satisfeitos, objetam os antirreencarnacionistas dizendo que o filho é obviamente descendência, é impossível que não seja! Continuando em seu raciocínio, dizendo ainda que o próprio contexto bíblico se encarrega de esclarecer quando se trata de descendência sequente direta: filhos, netos, etc., ou descendentes distantes. Tentar obscurecer a clareza do arranjo “pai, filho e neto” na expressão de Ex.34.7 que diz “...pais sobre os filhos e sobre os filhos dos filhos” é pura resistência ao óbvio, segundo os defensores das maldições hereditárias. Ocorre que, se trocada à preposição ‘sobre’ por ‘até’ a visita da iniquidade sobre terceiras e quartas gerações, certamente haverá, através da preposição ‘até’ uma grande oportunidade de sequenciar as punições hereditárias, dando ao texto o que ele não pode oferecer.

Ainda dizem os antirreencarnacionistas que em Ex 20,5-6 a expressão é mais sucinta permitindo, pela via indireta, ao parcial tentar buscar sentido diferente ao que o próprio texto imprime, caso houvesse a preposição 'até' aplicada ao texto, o que a Torá demonstra de forma indubitável que não é de fato, e sim a preposição correta 'sobre' anula de forma clara as punições hereditárias. Contudo, ainda insistem os opositores da reencarnação em dizer que em EX 34.7 é onde percebemos o exagero da vontade espírita de buscar na Bíblia aquilo que ela não ensina. Este pensamento tem valia se a preposição 'até' estivesse traduzida de forma correta, o que provamos não ser a expressão da verdade!

Argumentam os defensores das maldições hereditárias que “a própria vertente do reencarnacionismo judaico, ou seja, aqueles que têm o Velho Testamento como livro doutrinário; procurando agir com imparcialidade com relação a sua crença da existência da transmigração da alma, não reivindica qualquer detalhe ou revelação de uma possível reencarnação nessas porções bíblicas que

estamos estudando, pelo contrário reconhecem de forma completa: *‘Detalhes da imortalidade não são mencionados na Torá, já que a revelação trata apenas do mundo atual’ - Revista Morasha, Ano XI, Setembro 2004, Pg. 23”*. Ocorre que ao pesquisarmos a fonte desta pequena frase, nos deparamos com algo muito mais profundo que se tenta passar. Vejamos:

A imortalidade da alma

Um dos fundamentos do judaísmo é a crença na imortalidade da alma, na vida após a morte. Se acreditamos na Justiça Divina, conseqüentemente acreditamos também na imortalidade da alma. De que outra forma poder-se-ia conciliar o fato de tantas pessoas justas sofrerem nesta vida?

Da mesma forma que, antes de seu nascimento, uma criança já possui muitas qualidades que não lhe são úteis no ventre materno, mas indicam que nascerá em um mundo onde virão a ser utilizadas, o ser humano possui muitas qualidades que lhe são de pouca valia durante esta vida. Isto indica que após sua morte física, o homem renascerá em uma dimensão superior (Sh'nei Luchot HaB'rit, BeAssará Maamarot 1:63b, nota. Ver Gesher Ha Chaim, 3:1-2).

Detalhes da imortalidade não são mencionados na Torá, já que a Revelação trata apenas do mundo atual. No entanto, quando o

profeta Isaías fala sobre o Mundo Vindouro, diz: “Porque em tempo algum se ouviu, jamais os ouvidos se aperceberam nem os olhos viram outro D'us além de Ti, que realizas em favor daqueles que em Ti acreditam” (Isaías, 64:3). Isto significa que nem mesmo aos maiores profetas foi dada permissão de antever a recompensa dos justos.^[10] (grifo nosso)

Seria estranho um artigo que trata da Cabalá não concordar com a imortalidade da alma, uma vez que trouxemos o Zohar que diz o contrário. Certamente que o autor desta matéria se equivocou. Um ponto importante que temos a esclarecer é que os antirreencarnacionistas condenam de forma veemente a Cabalá por apregoar a reencarnação, mas tomam apenas uma opinião de uma revista judaica, a fim de tentarem refutar a reencarnação na Torá. É uma completa falta de bom senso por parte dos defensores das maldições hereditárias.

Diante de tudo o que foi exposto, vemos claramente a impossibilidade do entendimento fundamentalista nas passagens que falam da “visitação” na Bíblia ser guarida para uma punição hereditária sem o resgate das faltas por aqueles que pecaram, com apenas uma troca preposicional!

Primeiro tentaram caracterizar a ideia simples e clara da sequência Pai, Filhos indo à quarta geração, caso houvesse traduzida corretamente a preposição 'até', o que de fato foi constatado que não é a expressão da verdade, uma vez que a Torá traz a correta tradução para a preposição 'sobre'!

Em seguida, os antirreencarnacionistas procuram ventilar como possibilidade o que é afirmado com certeza no texto sagrado, pois a certeza entraria em confronto com as punições hereditárias, harmonizando os textos com a correta tradução e o sentido reencarnatório. Terminam os antirreencarnacionistas, por criar dificuldade para si, pois do modo que acreditam forçam o entendimento de que as visitas não ocorreriam a partir da quarta, o que de fato cessam como demonstramos (Gn 15,15-16). Dentre outras estranhezas nascidas justamente da tentativa de se colocar um conceito de punições hereditárias em um texto que trata de outra coisa, o resgate das faltas através da reencarnação! Passaremos agora para a segunda parte de nossa abordagem que será o desenvolvimento do conceito da reencarnação no

Tanah e nos Evangelhos, onde exemplificaremos o conceito que surgiu na Torá.

2 - Passagens que sugerem a reencarnação

Iremos agora passar para as passagens do Tanah e no Novo Testamento que remetem a reencarnação e que em nossas pesquisas, percebemos que por uma alteração dos originais, passou aos leitores das traduções bíblicas o sentido equivocado em diversas passagens da primeira aliança, mas como temos uma bíblia hebraica, percebemos em nossa averiguação a tentativa de se submeter a traduções tendenciosas que visam a apregoar o sentido errado da vida única, negando assim a reencarnação na Torá.

2.1. Analisando Ezequiel e o “vale dos ossos secos”

Como dissemos, os Judeus tinham o conhecimento da *Transmigração de Almas* que em hebraico significa *Guilgul Neshamot*. Sendo que o princípio desta crença se encontra em Ez 37:1-14, acerca do vale dos ossos secos, referenciada como a Ressurreição dos últimos tempos por muitas correntes religiosas, mesmo que de forma equivocada e que demonstraremos. Haja vista que este evento se deu antes da vinda de Jesus. Esta

passagem se refere tão somente ao retorno da mesma alma em novos corpos, segundo as definições Judaicas já definidas. Portanto, segue a passagem abaixo:

Ez 37,11-14: ¹ E pousou sobre mim a mão do Eterno, e ela me transportou em espírito, me colocou no meio de um vale que estava cheio de ossos, ² e me fez passar por entre eles; eis que eram muitíssimo numerosos no grande vale, e estavam completamente secos. ³ E me perguntou: Ó filho do homem! Porventura estes ossos poderão viver? – e eu respondi: Ó Eterno Deus, somente Tu o sabes! ⁴ Então me disse: Profetiza sobre estes ossos e diz-lhes: Ó ossos secos! Ouvi a palavra do Eterno! ⁵ Assim disse o Eterno Deus a estes ossos: Eis que trarei alento em vós, e vivereis! ⁶ E porei sobre vós nervos, farei crescer sobre vós carne, vos cobrirei de pele, vos infundirei alento e vivereis; e sabereis que Eu sou o Eterno! ⁷ E profetizei conforme me fora ordenado, e quando profetizava ouvi um estrondo; houve uma grande comoção, e os ossos começaram a se unir, osso com osso. ⁸ E observei que surgiam nervos sobre eles, e a seguir surgiu a carne, e foram cobertos de pele, mas neles não havia alento. ⁹ Então Ele me disse: Profetiza ao alento! Profetiza, ó filho do homem, e diz: Assim disse o Eterno Deus: Vem dos quatro ventos, ó alento, e entra nestes mortos para que vivam! ¹⁰ E profetizei como Ele havia me ordenado, e o alento veio a eles, e viveram, e se puseram sobre os seus pés, constituindo um exército

imenso. ¹¹ E Ele me disse: Ó filho do homem! Esses ossos são toda a Casa de Israel! Eis que dizem: 'Secos estão nossos ossos, e perdida está nossa esperança! Estamos totalmente acabados!' ¹² Portanto, profetiza e dize-lhes: Assim disse o Eterno Deus: Eis que abrirei os vossos sepulcros, ó povo Meu, e vos trarei à terra de Israel! ¹³ E sabereis que Eu sou o Eterno quando tiver aberto as vossas tumbas e vos tiver feito sair dos vossos sepulcros, ó povo Meu! ¹⁴ **Porei em vós o Meu espírito e vivereis, e vos porei na vossa própria terra; e sabereis que Eu, o Eterno, assim o determinei e farei cumprir! – diz o Eterno.** (TANAH, p. 551, grifo nosso)

Observe que o Eterno fecha o sentido de renascimento, mostrando que os ossos simbolizam o povo de Israel e que ele fará reencarnar a todos, retirando-os dos seus túmulos e fazendo-os voltar reencarnados à sua terra. Deus não fala que os retiraria na ressurreição do último dia, mas que os retiraria da sepultura, fazendo-os renascer e para voltar à terra de Israel, e não aos “céus”, no qual nem acreditavam. Aqui não existe dúvida sobre a Reencarnação e esclarece sobre a inexistência de um último dia para a ressurreição, pois Deus fala: “vos porei na vossa própria terra”. Portanto, voltar a terra não é ressuscitar e sim reencarnar.

Demonstraremos esta passagem em cinco pontos de interpretação. Vejamos:

- a) Dizem os antirreencarnacionistas que “na passagem acima, o espírito voltou aos próprios corpos que estavam secos”. Se entendermos o espírito da letra, logo tencionamos no quesito de que os ossos secos são representados pela casa de Israel;
- b) Estes ossos que representavam a casa de Israel estavam sem esperança na profecia proferida por Ezequiel;
- c) Deus abriria as sepulturas dos que estivessem mortos, ou desencarnados na condição sem esperança na época do cativeiro babilônico profetizado por Ezequiel no século VI a.C. e iria repor, ou reconduzir o povo que morreu naquela condição na terra prometida, onde seriam elevados das sepulturas e voltariam a vida;
- d) Ao repor os judeus que sofreram no cativeiro babilônico, certamente que não estariam mais na condição de ossos secos. Ou seja, sem esperança, mas com um novo corpo formado e

uma nova perspectiva de futuro que, com certeza, não seria na condição de “ossos secos” mais, mas com o espírito de Deus vivificando-os e dando-os uma nova esperança, uma nova vida e um novo corpo na casa de Israel;

- e) Não significa que retornariam no mesmo corpo, mas em corpos formados de forma distinta, através do processo de reencarnação. Por este motivo que muitos judeus da época não compreendiam tão claramente o processo reencarnatório, quando vemos em (Mt 16: 13-17) e inúmeras outras passagens (João 3:1-15) e o caso João Batista e Elias por não compreenderem os oráculos das escrituras.

Sabemos que em nosso Talmud Babilônico Berachot, o Macot e Meguilá que são as únicas versões traduzidas do hebraico para o português não trazem luzes para esta passagem, mas que aguardaremos a tradução do tratado Sanhedrim que traz a menção desta passagem que entendemos se tratar da reencarnação pelos pontos já apresentados.

2.2. O Tanah e as profecias relativas à reencarnação

Ao examinarmos a codificação espírita, vemos a análise de Kardec quanto ao tema. Vejamos:

12. Aqueles do vosso povo a quem a morte foi dada viverão de novo; aqueles que estavam mortos em meio a mim ressuscitarão. Despertai do vosso sono e entoai louvores a Deus, vós que habitais no pó; porque o orvalho que cai sobre vós é um orvalho de luz e porque arruinareis a Terra e o reino dos gigantes. (ISAÍAS, cap. XXVI, v. 19.)

13. E também muito explícita esta passagem de Isaías: “Aqueles do vosso povo a quem a morte foi dada *viverão de novo*.” Se o profeta houvera querido falar da vida espiritual, se houvera pretendido dizer que aqueles que tinham sido executados não estavam mortos em Espírito, teria dito: *ainda vivem*, e não: *viverão de novo*. No sentido espiritual, essas palavras seriam um contra-senso, pois que implicariam uma interrupção na vida da alma. No sentido de *regeneração moral*, seriam a negação das penas eternas, pois que estabelecem, em princípio, que *todos os que estão mortos reviverão*.

14. Mas, quando o homem há morrido uma vez, quando seu corpo, separado de seu espírito, foi consumido, que é feito dele? – Tendo morrido uma vez, poderia o homem reviver de novo? Nesta guerra em que me acho

todos os dias da minha vida, espero que chegue a minha mutação. (JOB, cap. XIV, v. 10,14. Tradução de Le Maistre de Sacy.)

Quando o homem morre, perde toda a sua força. expira. Depois, onde está ele? - Se o homem morre, viverá de novo? Esperarei todos os dias de meu combate, até que venha alguma mutação? (ID. Tradução protestante de Osterwald.)

Quando o homem está morto, vive sempre; acabando os dias da minha existência terrestre, esperarei, porquanto a ela voltarei de novo. (ID. Versão da Igreja grega.)

15. Nessas três versões, o princípio da pluralidade das existências se acha claramente expresso. Ninguém poderá supor que Job haja querido falar da regeneração pela água do batismo, que ele de certo não conhecia. “Tendo o homem morrido *uma vez*, poderia *reviver de novo?*” A ideia de morrer uma vez, e de reviver implica a de morrer e reviver muitas vezes. A versão da Igreja grega ainda é mais explícita, se é que isso é possível: “Acabando os dias da minha existência terrena, esperarei, porquanto a ela voltarei”, ou, voltarei à existência terrestre. Isso é tão claro, como se alguém dissesse: “Saio de minha casa, mas a ela tornarei.”

“Nesta guerra em que me encontro todos os dias de minha vida, espero que se dê a minha mutação.” Job, evidentemente, pretendeu referir-se à luta que sustentava contra as misérias da vida. Espera a sua mutação, isto é, resigna-se. Na versão grega, *esperarei* parece aplicar-se,

preferentemente, a uma nova existência: “Quando a minha existência estiver acabada, *esperarei*, porquanto a ela voltarei.” Job como que se coloca, após a morte, no intervalo que separa uma existência de outra e diz que lá aguardará o momento de voltar.

16. Não há, pois, duvidar de que, sob o nome de ressurreição, o princípio da reencarnação era ponto de uma das crenças fundamentais dos judeus, ponto que Jesus e os profetas confirmaram de modo formal; donde se segue que negar a reencarnação é negar as palavras do Cristo. Um dia, porém, suas palavras, quando forem meditadas sem ideias preconcebidas, reconhecer-se-ão autorizadas quanto a esse ponto, bem como em relação a muitos outros.

17. A essa autoridade, do ponto de vista religioso, se adita, do ponto de vista filosófico, a das provas que resultam da observação dos fatos. Quando se trata de remontar dos efeitos às causas, a reencarnação surge como de necessidade absoluta, como condição inerente à Humanidade; numa palavra: como lei da Natureza. Pelos seus resultados, ela se evidencia de modo, por assim dizer, material, da mesma forma que o motor oculto se revela pelo movimento. Só ela pode dizer ao homem *donde ele vem, para onde vai, por que está na Terra*, e justificar todas as anomalias e todas as aparentes injustiças que a vida apresenta. (1)

Sem o princípio da preexistência da alma e da pluralidade das existências, são ininteligíveis, em sua maioria, as máximas do Evangelho, razão por

que não dão lugar a tão contraditórias interpretações. Está nesse princípio a chave que lhes restituirá o sentido verdadeiro. (KARDEC, 1996, p. 88-90)

Já no Tanah, vemos claramente que havia, na época da lei e dos profetas, a crença de que todos nós voltaremos à vida. Tanto é fato que verificamos como isso poderia ocorrer. Vejamos, conforme a explanação da passagem que corrobora tal sentido que emana da Torá, bem como, por exemplo, no Gênesis, numa tradução fiel ao hebraico:

Gn 15,15-16: Tu, porém, irás a teus pais em paz, será sepultado, serás sepultado após boa velhice. E a quarta geração voltará aqui, porque não se completou a medida do pecado do Emoreu, até aqui. (TANAH, p. 22)

Essa compreensão é mais do que clara, já que após quatro gerações, pessoas que já estiveram em nosso meio poderiam voltar à vida. Nesta segunda revisão, após a conclusão da pesquisa dos nove volumes do tratado de Berachot, houve ainda outra descoberta, em Gn 15,15 que remete a exegese a Ex 20,5-6. Vejamos:

O quinto ensinamento: ***Veamar rabi avin haleví***
 – E o Rabi Avin HaLeví disse: ***Haniftar min hamêt***
 – “Quem se despede de um falecido¹⁴⁵¹ ***al imomár***
ló lêch ilesalom – não deve dizer-lhe: ‘Vá à paz’
êla lêch beshalom – mas ‘vá com a paz’.¹⁴⁵²
Sheneemar – Pois está dito [em uma profecia para
 Avraham]:¹⁴⁵³ ***Veatá tavó el avotêcha beshalom*** –
 ‘E tu te juntarás a teus pais com a paz [e serás
 enterrado em boa velhice]’”.

1451 – Quando se leva um caixão de um lugar a outro para ser enterrado, é costume que as pessoas da cidade de onde ele se origina o acompanhem até a cidade seguinte, onde um grupo de habitantes locais substituirá os acompanhantes originais [e assim sucessivamente até que seja alcançado o destino final]. Antes de cada grupo voltar para casa, seus componentes se despedem do falecido com as palavras “vá com paz” (Rashi).

1452 – Pois ao desejar “vá a paz”, se estará implicando ao falecido que ele ainda não alcançou a sua paz, mas que ainda precisará passar por diversas tribulações tais como *Guehinóm* ou transmigração de alma (*guilgul neshamá*) (*Bircát Rosh*; *Guilionei Hashás* para 19a). O *Maharshá* explica que ao falecido não é preciso desejar que tenha sucesso em seu destino pois após a morte não há mais como acrescentar méritos; a ele deve-se desejar paz somente na sua trajetória final, para que não encontre obstáculos na a entrada do paraíso.

1453 – *Bereshit 15:15*. (TALMUD BAVLI – BERACHOT, Capítulo 7-9, p. 328-329, grifo no original)

Nesta passagem de Gn 15,15 os comentarias

talmúdicos aludem textualmente a reencarnação quando afirmam uma benção ao falecido quando dizem nesta recitação da reza como necessária a *guilgul neshamá* para àqueles que ainda não alcançaram a paz. Nesta passagem não há rodeios e nem a necessidade interpretativa, o Talmud Babilônico é sim taxativo em remeter a reencarnação como uma halachá, ou seja, uma lei judaica. Um ponto importante a ressaltar é o fato da tradução do tratado de Berachot ser literalmente reza e benção, que pelo fato dos comentaristas citarem a *guilgul neshamá* nos remete a ideia de que a reencarnação passa a ser uma benção e não uma maldição, pois dá ao infrator a oportunidade do resgate. Agora, se alguns judeus não seguem esta lei, respeitamos eles em seu ponto de vista. Mais adiante, é esclarecida essa ideia em Isaías:

Is 26,19: Mas reviverão teus mortos. Os cadáveres de meu povo voltarão a se erguer. Despertai e cantai, ó vós que estais no pó, porque sobre vós cai o orvalho da luz. E a terra fará reviver a sombra. (TANAH, p. 416)

Constatamos que, desde a antiguidade, já se acreditava que um dia iremos voltar a viver sobre a

Terra. Contudo, essa ideia não era muito nítida quanto a sua abrangência referente ao tempo, ou época em que ocorrerá a nossa ressurreição. Já em Daniel, capítulo 12, lemos que haverá o cumprimento de suas profecias, dando ao seu povo a ressurreição do fim dos tempos, uns para a vida eterna e outros para a condenação que não se trata da reencarnação, mas a ressurreição final em espírito, já sem mácula e atingido a plenitude moral e intelectual, totalmente espiritualizado, não havendo, porquanto, a necessidade mais do processo reencarnatório.

Os que não estivessem preparados para a ressurreição do espírito, retornariam ao ciclo das reencarnações para retomares o aprendizado moral e intelectual. Não deveríamos atribuir a Deus, um sentimento de eternidade das penas literalmente, ainda mais como uma eterna condenação por erros humanos finitos, pois onde ficaria sua misericórdia que também é eterna? Poderíamos colocar num mesmo patamar uma falta humana eterna e uma penalidade eterna também do Criador. Esta seria a única forma de encontrarmos justificativa para

ambos os casos, sendo ele o de que a criatura seria eternamente má e do Criador eternamente justo. Sabemos que a eternidade só pertence ao Criador e não a criatura, já que Este não há princípio e nem fim, assim como está registrado no Salmo 103,8-10: *Compassivo e misericordioso é o Senhor; tardio em irar-se e grande em benignidade. **Não repreenderá perpetuamente**, nem para sempre conservará a sua ira. Não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos retribui segundo as nossas iniquidades.*

O que o texto de Daniel nos remete é apenas um simbolismo: os que irão para a vida eterna são os Espíritos que não necessitam mais da reencarnação, ao passo que os que irão para a vergonha e desprezo eterno, são os que ainda permanecerão presos ao ciclo das reencarnações sucessivas, até que um dia atinjam as mesmas condições adequadas para não precisarem mais da reencarnação para o seu aprimoramento. Devemos entender que esse ciclo é eterno enquanto dure, já que o termo eterno, neste caso, significa apenas um período de longa duração. Em Oseias, capítulo 6, lemos que o profeta Oseias já nos traz a ideia de uma ressurreição próxima ao da

nossa passagem para o mundo espiritual, a fim de vivermos eternamente a serviço de Deus. Neste caso difere de Daniel que não faz nenhum tipo de exclusão, como também, não fala de nenhuma condenação eterna. Deste pensamento, entendemos e podemos concluir que todos nós recebermos o prêmio. Muito embora não seja tão imediato esse estar “vivendo a serviço Dele”, mas sim, quando nos tornarmos Espíritos puros, não necessitando mais reencarnar. Já no Novo Testamento, encontramos em Mt 14:1-2, a evolução da concepção apresentada no velho testamento, acerca das obras praticadas por Jesus e o entendimento dos antigos:

Mt 14:1-2: Por aquela mesma época, o tetrarca Herodes ouviu falar de Jesus. E disse aos seus cortesãos: **É João Batista que ressuscitou. É por isso que ele faz tantos milagres.**

Eles acreditavam que João havia retornado na pessoa de Jesus e vinha operando diversos milagres. Por este motivo que esclarecemos anteriormente que a reencarnação não era bem compreendida na época de Jesus, mas era bem difundida em Jerusalém e redondezas. Foi citado pelo professor Severino

Celestino a tradução correta para uma passagem específica no livro de Números, onde fomos a Tanah para averiguarmos. Vejamos:

Nm 14,18: “E Eterno é tardio em irar-se e grande em misericórdia; perdoa iniquidade e rebelião, e não livra o culpado que não faz penitência; cobra o delito dos pais nos filhos, **sobre** terceiras e quartas gerações”; (TANAH, p. 152, grifo nosso)

Portanto caro leitor, onde temos a preposição **sobre** destacada, nas demais traduções vemos a tradução incorreta como **até**. Abram suas bíblias e confirmem. Uma passagem que as demais traduções encobrem o sentido da reencarnação no Tanah é a de Jó 33,28-30 que iremos compará-la as traduções da Bíblia de Jerusalém que é uma tradução católica que julgamos ser uma das melhores e a Almeida Revista e Atualizada que é uma comumente utilizada por protestantes. Vejamos:

Jó 33,28-30: Ele redime a sua alma, impedindo-a de seguir para o abismo e concedendo novamente luz à sua vida. Vê que Deus pratica tudo isso duas, e mesmo três, vezes para com o ser humano, para trazer de volta da cova sua alma, para que possa ser iluminada pela luz da vida.

(TANAH, p. 726)

Jó 33,28-30: Salvou minha alma da sepultura, e minha vida se inunda de luz. Tudo isso faz Deus duas ou três vezes ao homem, para tirar sua alma da sepultura e iluminá-lo com a luz da vida. (Bíblia de Jerusalém, p. 844)

Jó 33,28-30: Deus redimiui a minha alma de ir para a cova; e a minha vida verá a luz. Eis que tudo isto é obra de Deus, duas e três vezes para com o homem, para reconduzir da cova a sua alma e o alumiar com a luz dos viventes. (Bíblia Sagrada, AFA, p. 545)

Percebemos que da tradução da bíblia hebraica para as demais traduções que citamos, encontramos uma semelhança com a Bíblia de Jerusalém, que julgamos a melhor tradução ocidental do Tanah, mas uma enorme diferença da construção do texto em lide com a Bíblia Almeida Fiel e Atualizada, onde se vê claramente a tentativa de retirar o sentido da reencarnação desta passagem.

2.3. O Cego de Nascimento

Diante da análise de passagens dos evangelhos e da Tanah em que foram abordados os fatos de reencarnação, ou como a essência (*ruach*),

volta novamente em um novo corpo segundo o entendimento dos Judeus. Assim compreendemos que sem a reencarnação, não há como entendermos os fatos e parábolas que exigem um conhecimento profundo e mais amplo. Desta maneira, veremos se realmente não há nenhuma menção à reencarnação na Bíblia como muitos alegam. Estudaremos com alguns exemplos no Evangelho, para assim verificarmos que neste caso do Cego de Nascimento, nos aproximamos mais da realidade dos fatos, a fim de que os leitores tirem as suas conclusões. Mediante o que temos apresentado, e assim faremos a análise do Cego de Nascimento. Enfim, iniciaremos o aprofundamento no assunto nas linhas abaixo e nossa conclusão deste episódio.

Se levarmos em consideração as únicas possibilidades existentes, em vista das Escrituras, é a de que aquelas pessoas atrelaram o sofrimento do cego à sua conduta ou à conduta de seus pais, em vista da passagem de Ex 20,5-6 já analisada em seus pormenores. Abriremos um parêntese para citar a passagem em análise:

Jo. 9,1-3: Quando ele ia passando, viu um

homem que era cego de nascença. Os discípulos perguntaram: **Mestre, quem pecou, para este homem nascer cego, foi ele ou seus pais?** Jesus respondeu: Nem ele nem seus pais, mas isso aconteceu para que as obras de Deus se manifestem nele.

Os Judeus temiam que as consequências dos pecados de seus pais viessem a trazer maldições para suas vidas. Mas como um cego de nascença poderia ter pecado? Se a cegueira fosse “castigo de Deus” pelos pecados daquele homem, onde estaria seu pecado, pois era cego desde quando veio ao mundo? Para ter lógica, somente poderia ter cometido suas faltas em uma existência anterior. Fato este que os discípulos acreditavam, pois só assim justificaríamos a pergunta deles para Jesus: Quem pecou para este homem ter nascido cego, foi ele ou seus pais?

Diante do princípio inquestionável da justiça divina de que *“a cada um segundo suas obras”* (Mt 16:27), mencionada pelo Mestre Jesus, pela qual ressalta que ninguém pagará pelo erro do outro, ficando a responsabilidade dos atos atribuída às próprias pessoas que os praticam, e no caso do cego

de nascença, não há como atribuir a hereditariedade do pecado, já que ele havia nascido cego e não seguiu os passos dos pais, para como isso se justificar essa suposta tese. Já que para os Judeus a reencarnação fazia parte de suas concepções.

Entendemos que se o Cego de Nascimento era responsável por seus atos diante do Senhor (Dt 24:16). Este ato, diante da concepção dos apóstolos ao questionarem Jesus, é de que ele houvera praticado em desacordo com a providência em uma existência anterior.

A resposta de Jesus: *“Nem ele nem seus pais, mas isso aconteceu para que as obras de Deus se manifestem nele”*, poderá ser explicada da seguinte forma: diante de tanta ignorância e atraso espiritual daquele povo havia a necessidade de Jesus fazer alguns “milagres” para executar a sua missão, como o fez, no sentido de despertar as criaturas para as verdades do Pai, bem como:

Jo 9,4-5: É necessário que façamos as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar. **Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo.**

Assim, com Jesus encarnaram vários espíritos que vieram com a tarefa de auxiliá-lo em sua missão e este homem cego era um deles. Aqueles que Ele escolheu como apóstolos largaram tudo para segui-lo, atendendo ao seu chamado, que funcionou como lembrete do compromisso que assumiram, quando estavam no plano espiritual.

O fato de Cristo não ter negado a reencarnação é lógico, uma vez que entre os discípulos havia a intuição sobre este assunto (Ex 20,5-6), assim como estamos vendo nesta análise. Por que Jesus não negou a reencarnação neste momento? A resposta é lógica mesmo, já que eles acreditavam que a essência (*ruach*), voltava novamente, mesmo com uma noção inata e de uma forma ainda não muito clara para eles naquele momento. Destarte, se fosse um erro os Judeus acreditarem na reencarnação, certamente Jesus os repreenderia; mas Jesus não os repreendeu, antes os esclareceu, derrubando, assim, a tese da unicidade da vida terrena, que muitos pregam erroneamente, porque não encontram subsídios nem mesmo na Bíblia para contrariar a crença dos Judeus na

reencarnação e as análises que já fizemos.

É lógico admitir que os discípulos considerassem as vidas anteriores, como sofrimento do cego e dá ao texto aquilo que ele afirma categoricamente. É justamente o que o texto diz: *‘Os discípulos perguntaram: Mestre, quem pecou, para este homem nascer cego, foi ele ou seus pais?’* Diante deste questionamento dos Apóstolos, foram sugeridas pelos discípulos duas hipóteses para explicar a cegueira daquele que foi curado: a de que o próprio cego tivesse pecado.

Ou seja, se os apóstolos sugeriram que foi o cego que houvera pecado segundo o entendimento da época, eles acreditavam em reencarnação, pois não poderia o Cego de Nascimento ter pecado sem ter sido numa encarnação anterior. Outra sugestão é a de que seus pais o tivessem feito, mas seus pais eram conhecidos e pelos relatos, estes não eram cegos e nem muito menos pagavam pelos próprios erros, já que estes ainda eram vivos, pelo entendimento dos antirreencarnacionistas não pagaria “até a terceira e quarta geração”? Ademais, por que o cego viria a pagar pelos erros que seus pais

havam cometido, sem ao menos ter a oportunidade de praticá-los, já que houvera nascido cego? O que fica claro é o pensamento de Kardec. Vejamos:

CAPÍTULO XV

Chamaram segunda vez o homem que estivera cego e lhe disseram: Glorifica a Deus; sabemos que esse homem é um pecador. Ele lhes respondeu: Se é um pecador, não sei, tudo o que sei é que estava cego e agora vejo. - Tornaram a perguntar-lhe: Que te fez ele e como te abriu os olhos? - Respondeu o homem: Já vo-lo disse e bem o ouvistes; por que quereis ouvi-lo segunda vez? Será que queirais tornar-vos seus discípulos? - Ao que eles o carregaram de injúrias e lhe disseram: Sê tu seu discípulo; quanto a nós, somos discípulos de Moisés. - Sabemos que Deus falou a Moisés, ao passo que este não sabemos donde saiu.

O homem lhes respondeu: É de espantar que não saibais donde ele é e que ele me tenha aberto os olhos. - Ora, sabemos que Deus não exalça os pecadores; mas, àquele que o honre e faça a sua vontade, a esse Deus exalça. - Desde que o mundo existe, jamais se ouviu dizer que alguém tenha aberto os olhos a um cego de nascença. - Se esse homem não fosse um enviado de Deus, nada poderia fazer de tudo o que tem feito.

Disseram-lhe os fariseus: Tu és todo pecado, desde o ventre de tua mãe, e queres ensinar-nos a nós? E o expulsaram. (S. João, cap. IX, vv. 1 a 34.)

25. – Esta narrativa, tão simples e singela, traz em si evidente o cunho da veracidade. Nada aí há de fantasista, nem de maravilhoso. É uma cena da vida real apanhada em flagrante. A linguagem do cego é exatamente a desses homens simples, nos quais o bom-senso supre a falta de saber e que retrucam com bonomia aos argumentos de seus adversários, expendendo razões a que não faltam justeza, nem oportunidade. O tom dos fariseus, por outro lado, é o dos orgulhosos que nada admitem acima de suas inteligências e que se enchem de indignação à só ideia de que um homem do povo lhes possa fazer observações. Afora a cor local dos nomes, dir-se-ia ser do nosso tempo o fato.

Ser expulso da sinagoga equivalia a ser posto fora da Igreja. Era uma espécie de excomunhão. Os espíritas, cuja doutrina é a do Cristo de acordo com o progresso das luzes atuais, são tratados como os judeus que reconheciam em Jesus o Messias. Excomungando-os, a Igreja os põe fora de seu seio, como fizeram os escribas e os fariseus com os seguidores do Cristo. Assim, aí está um homem que é expulso porque não pode admitir seja um possesso do demônio aquele que o curara e porque rende graças a Deus pela sua cura!

Não é o que fazem com os espíritas? Obter dos Espíritos salutares conselhos, a reconciliação com Deus e com o bem, curas, tudo isso é obra do diabo e sobre os que isso conseguem lança-se anátema. Não se têm visto padres declararem, do alto do púlpito, que é melhor uma pessoa conservar-se incrédula do que recobrar a fé por meio do Espiritismo? Não há os que dizem a

doentes que estes não deviam ter procurado curar-se com os espíritas que possuem esse dom, porque esse dom é satânico? Não há os que pregam que os necessitados não devem aceitar o pão que os espíritas distribuem, por ser do diabo esse pão? Que outra coisa diziam ou faziam os padres judeus e os fariseus? Aliás, fomos avisados de que tudo hoje tem que se passar como ao tempo do Cristo.

A pergunta dos discípulos: Foi algum pecado deste homem que deu causa a que ele nascesse cego? Revela que eles tinham a intuição de uma existência anterior, pois, do contrário, ela careceria de sentido, visto que um pecado somente pode ser causa de uma enfermidade de nascença, se cometido antes do nascimento, portanto, numa existência anterior. Se Jesus considerasse falsa semelhante ideia, ter-lhes-ia dito: “Como houvera este homem podido pecar antes de ter nascido?” **Em vez disso, porém, diz que aquele homem estava cego, não por ter pecado, mas para que nele se patenteasse o poder de Deus, isto é, para que servisse de instrumento a uma manifestação do poder de Deus. Se não era uma expiação do passado, era uma provação apropriada ao progresso daquele Espírito, porquanto Deus, que é justo, não lhe imporia um sofrimento sem utilidade.**

Quanto ao meio empregado para a sua cura, evidentemente aquela espécie de lama feita de saliva e terra nenhuma virtude podia encerrar, a não ser pela ação do fluido curativo de que fora impregnada. É assim que as mais insignificantes

substâncias, como a água, por exemplo, podem adquirir qualidades poderosas e efetivas, sob a ação do fluido espiritual ou magnético, ao qual elas servem de veículo, ou, se quiserem, de reservatório. (KARDEC, A. p. 324-326, grifo nosso)

Assim, é uma constatação de Kardec, com pleno amparo nas Escrituras. Jesus entendia a mentalidade da época, de que os judeus ligavam o sofrimento de uma pessoa aos da própria pessoa em vida ou dos atos de seus ascendentes, sendo esta, uma consequência que foi negada por Ezequiel (Ez 18,20), ou seja, todos pagam pelos seus próprios pecados.

Contudo, há a inferência ao questionamento dos discípulos com relação à expiação dos pecados também pelo cego. Com isso, leva-nos a crer que a possibilidade de um cego de nascença vir a pecar é inteiramente lógica ao que reza o texto:

Jo 9,2: Os discípulos perguntaram: **Mestre, quem pecou, para este homem nascer cego, foi ele ou seus pais?**

Diante esta passagem do Cego de Nascença, é certo de que seus pais não confessaram que fora

Jesus que houve curado o próprio filho, com medo de serem expulsos da sinagoga (Jo 9:22). Antes fica evidenciada a intrepidez do Cego de Nascimento que pela sua prova enfrenta os Sacerdotes do Templo, bem como podemos ver:

Jo 9,27: Ele lhes respondeu: Já vô-lo disse, e não atendestes; por que quereis ouvir outra vez? Porventura, quereis vós também tornar-vos seus discípulos?

Sendo ele até mesmo expulso da Sinagoga. A análise deste exemplo do Cego de Nascimento, com a ênfase dos Apóstolos, acerca da crença na reencarnação, bem como de que os Judeus também acreditavam. O que nos leva a crer que nesta passagem, o Cego de Nascimento veio a contrair a sua deficiência por prova e não por expiação, como alegavam os discípulos. Este era o equívoco que Jesus os esclareceu.

2.4. O Homem Coxo

Diante do que demonstramos anteriormente. Adentraremos na análise do Homem Coxo que denota uma expiação, diferentemente do cego de

nascença que era por motivo de prova. Segue a narrativa de que:

Jo 5,5: Estava ali um homem enfermo havia uns 38 anos.

Não sabemos se o homem havia nascido coxo, ou adquirido a paralisia de suas pernas na infância, para determinar se este estaria numa expiação, ou numa prova pela sua própria escolha antes de reencarnar, o mais provável é a segunda hipótese. Veremos que quando Jesus curou este homem, assim se sucedeu que:

Jo 5,14: Depois Jesus encontrou-o no templo, e disse-lhe: **Eis que já estás são; não peques mais, para que não te suceda alguma coisa pior.**

Se o homem adquiriu a sua enfermidade, esta poderia ser certamente o fruto de suas atitudes em desacordo com a providência divina numa encarnação anterior, conforme a advertência de Jesus para que não peques mais, a fim de que não te suceda alguma coisa pior, uma vez que, quando da sua infância, não teve nenhuma possibilidade de fazer algo contras à justiça divina. Uma coisa é certa,

a enfermidade do Cego de Nascimento foi por prova, enquanto por este relato do Homem Coxo, certamente foi por expiação de um ato praticado numa encarnação anterior, podendo ocorrer algo ainda mais grave numa encarnação posterior, conforme o alertara Jesus dizendo que não pecasse mais *'para que lhe sucedessem coisa pior'*.

Se Jesus advertiu o parálítico para que não pecasse mais, é porque ele estava ali purgando seus pecados anteriores. Caso voltasse a pecar teria que voltar, e em situação pior. O espírito pode reencarnar várias vezes, depende do que ele fez em cada encarnação de bom ou ruim gozará ou sofrerá as consequências de suas próprias ações. O maior exemplo disso está na citação de Jesus:

Mt 5,26: Em verdade te digo que de maneira nenhuma sairás dali enquanto não pagares o último ceutil.

Esta passagem se encontra também em Lc 12,59. Enquanto continuar pecando continuará voltando para resgatar as faltas e com isso progredir. Para os que não acreditam na visão da Cabala, o Tanah apresenta várias referências sobre a

Reencarnação, como, por exemplo, no Gênesis, numa tradução fiel ao hebraico no capítulo 15,15-16 que já apresentamos.

É importante ressaltar aos estimados leitores que a doutrina da reencarnação, também conhecida como *transmigração das almas* ou *Gilgul Neshamot*, é uma parte integrante e bastante bem documentada do Judaísmo. A doutrina é amplamente explicada no Zohar e posteriormente pelo rabino Isaac Luria no livro *Shaar Ha'Gilgulim (Os Portais das Reencarnações)*, escrito em meados do século XVI.

Com base nos exemplos citados, achamos interessante compartilhar com o tema expiação e provas dentro da visão dos rabinos judeus conforme o que encontramos no Talmud Babilônico. Vejamos:

Haolam habá? Dichtiv “Ki ner mitsvá veTorá or vederech chaim tochechot mussar”. [E o Mundo Vindouro? Com que base afirmamos que, através de sofrimentos, é dado ao povo de Yisrael? Pois está escrito: “Porque o mandamento é uma vela, e a Torá uma luz; e as repreensões da disciplina são o caminho da vida” (Mishlei 6:23). Ou seja, as representações deste mundo são o caminho da vida eterna, no Mundo Vindouro.]

Tanei Taná camei deRabi Yochanan: Cól

haossec baTorá uviguemilut chassadim
 [Ensinou esta beraitá um *Taná*, cujo nome não é lembrado diante de Rabi Yochanan: Todo aquele que se ocupa do estudo da *Torá* e de atos de *guemilut chassadim* (generosidade e caridade).]

Vecover et banav – mocholim ló al cól avonotav. [e enterra seus filhos, quer dizer, em vida os vê partir – tem todos os seus pecados perdoados] **Amar lei Rabi Yochanan: bishlama Torá uguemilut chassadim, dichtiv “bechessed veemet yechupar avon”;** ‘chessed’ zó *guemilut chassadim sheneemar: “rodef tshedacá vachessed imtsá chayim tshedacá vechavod”.* ‘emet’ zó *Torá, sheneemar “Emet kené veal timcór”.* [Disse-lhe Rabi Yochanan: Digamos que *Torá* e atos de *guemilut chassadim* sirvam para perdoar os pecados do homem, pois isto podemos concluir a partir do que está escrito: “Pela caridade (*chessed*) e pela verdade (*emet*) expia-se a iniquidade” (Mishlei 16:6). ‘*Chessed*’ se refere a *guemilut chassadim* (atos de bondade e caridade), pois está dito²⁸: “Aquele que persegue a caridade e a bondade (*chessed*) achará vida, a justiça e a honra” (Mishlei 21:21). E ‘*emet*’ (verdade) se refere a *Torá*, pois está dito: “Compra a verdade, e não a vendas” (Mishlei 23:23).] **Ela cover et banav, mináin? Taná lei hahu sava mishnum Rabi Shimon ben Yochai: Atia ‘avon’ ketiv hacha: “bechessed’ veemet yechupar avon” uchtiv hatam: “umeshalem avon avot al cheic beneihem”.** [Mas, que aquele que enterra seus filhos tem seus pecados perdoados, de onde aprendemos? Ensinou-lhe (a Rabi Yochanan) o *Taná*, um idoso, cujo nome não é lembrado, em

nome de Rabi Shimon ben Yochai: este aprendizado vem de uma guezerá shavá (que aprendemos de comparação de palavras iguais) ‘iniquidade’ e ‘iniquidade’, pois está escrito aqui: “Pela caridade (*chessed*) e pela verdade (*emet*) expia-se a iniquidade (*avon*)” (Mishlei 16:6), e lá, em outro lugar, está escrito: “E paga a iniquidade dos pais ao seio dos filhos” (Yirmiyahu 32:18). Pois o versículo utilizado por Rabi Yochanan para demonstrar que *Torá* e *Guemilut Chassadim* perdoaram os pecados do homem nos remete, através do termo ‘iniquidade’ (*avon*), a este outro versículo que faz referência aos pecados dos pais serem pagos pelos filhos.]

Amar Rabi Yochanan: neg'im uvanim einan yissurin shel ohavá. [Disse Rabi Yochanan: manchas de lepra (Nega'im) e filhos (enterrados pelos pais) não são sofrimentos que resultam do amor Divino.] ***unegaím ló? Vehatania: cól mi sheiesh bó echad mearbá marot negaim halabu – einan ela mizbach capará!*** [A *Guemará* questiona: A lepra não é enviada por amor? Mas nos é ensinado em uma *beraitá*: todo aquele que é marcado por um desses quatro tipos de mancha leprosa (que aprendemos a partir do que está descrito em Levítico 13) – não é senão um altar de expiação!] Mizbach capará havu, issurin shel ahavá lá havu. [Para resolver essa contradição, podemos dizer que as manchas de lepra são um altar de expiação, pois perdoam os pecados do homem, mas não são sofrimentos enviados por amor.] ***Vei baeit eima: Há lan veva lehu.*** [E se quiser, podemos dizer: este (‘altar de expiação’) vale para nós, na Babilônia e este (‘sofrimentos de amor’)]

vale para eles, na Terra de Yisrael. Pois, fora da Terra de Yisrael, as pessoas não se preocupam com as leis de pureza e impureza. Portanto, aquele que é afligido pela lepra na Babilônia segue vivendo entre os seus, mas, em Ysrael, o leproso é obrigado a isolar-se, o que faz com que sua agonia desperte o amor de Deus.] ***Vei baeit eima: há betsiná, há befarhessia.*** [E se quiser, podemos também dizer: este ('altar de expiação') vale para pessoas afligidas por manchas em lugares escondidos do corpo, que ficam cobertos pela roupa, e este ('sofrimentos de amor') vale para pessoas que recebem manchas em lugares expostos, onde todos podem ver, aumentando sua amargura e fazendo com que seu sofrimento desperte o amor Divino.] ***Uvanin lo? Heich damê? lleima dehavu lehu umetu – vena amar Rabi Yochanan: dein garmá dassiraá bir.*** [A *Guemará* segue questionando as palavras de Rabi Yochanan: E os filhos (quando são enterrados por seus pais) não são um sofrimento de amor? Como assim? Se dissermos que se trata de alguém que tinha filhos e faleceram – o próprio Rabi Yochanan nos traz uma evidência de que este é um sofrimento de amor! Pois Rabi Yochanan costumava levar consigo um pedaço de osso²⁹ e dizia: este osso é um osso de meu décimo filho. Rabi Yochanan tinha 10 filhos que morreram ainda durante sua vida. O Rash-bam (sobre Bava-Batra 116^a) explica que Rabi Yochanan, quando ia consolar algum enlutado, mostrava-lhe este osso e, ao ver o sofrimento que Rabi Yochanan superou, o enlutado se sentia mais confortado. Se Rabi Yochanan, que é um homem tão grande e elevado, recebeu este sofrimento,

devemos concluir que é um sofrimento resultado de amor divino (Rashi).] ***Ela, há delo havu lei kelal, veva dehavu lei umetu.*** [Então porque Rabi Yochanan disse que a perda de um filho não um sofrimento proveniente do amor Divino? Mas, somos obrigados a concluir que este (que não é sofrimento resultado de amor) se refere à dor de quem é desprovido de filhos, e este (que é um sofrimento derivado de amor) se refere à aflição daquele que teve um filho e o perdeu.]

28 – É interessante notar que, em princípio, não precisamos do segundo versículo (Mishlei 21:21) para provar que ‘*chessed*’ se refere a *Guemilut Chassadim*, pois esta conexão parece óbvia e implícita. Porque então a *Guemará* precisou mencionar este segundo trecho? O Rabino Ioshyahu Pinto, conhecido como Ríaf (Síria 1565-1648), entende que a *Guemará* aqui se refere a atos de bondade que o homem pratica e não à caridade (*tsedacá*) realizada com dinheiro. Pois o texto da *Guemará* se refere àquele que se ocupa (*ossec*) de ‘*Guemilut chassadim*’, se o texto aludisse à caridade, utilizaria o termo “faz *Guemilut Chassadim*” e não “se ocupa de”. Portanto, o segundo versículo, que menciona explicitamente ‘*tsedacá*’ e ‘*chessed*’, vem provar que são duas virtudes diferentes, e ‘*chessed*’ na *Guemará* se refere à *Guemilut Chassadim* e não a *tsedacá*. O *Éts Yossef* entende o contrário. Em sua opinião, a palavra ‘*chessed*’ é precedida pelo termo ‘*tsedacá*’ (caridade) indicando uma relação entre as duas virtudes e, portanto, quando a *Guemará* menciona *Guemilut Chassadim* se refere, principalmente, à caridade que um homem faz com seu dinheiro.

29 – É curioso que Rabi Yochanan leve consigo um osso, pois partes de um cadáver são uma fonte de

impureza. Portanto, o Rivtá explica que não se trata de um osso, mas de um dente. Rashi explica que o osso que ele carregava era muito pequeno e, portanto, não pode ser considerado como fonte de *tumá* (impureza) (TALMUD BAVLI – BERACHOT, Capítulo 1-3, p. 34-37, grifo no original)

O que depreendemos com o relato do homem coxo em paralelo ao que foi exposto no Talmud Babilônico é que as doenças, tal como a paralisia e a lepra, são formas de expiação que visam à purificação do ser que sofre tais enfermidades, e ainda tem os seus pecados perdoados. Se estas consequências provêm de expiações, certamente que são de vidas pretéritas.

Este pensamento nos leva à velha história de que muitos estão pregando um Deus que castiga, e infinitamente; mas Este nos dá segundo as nossas obras; com isso, “a cada um segundo as suas obras” e se plantarmos ventos, colheremos tempestades, se plantarmos amor, colheremos misericórdia.

Vale ressaltar que não pagamos, apenas colhemos o que plantamos; se, destruímos, teremos que construir, se amamos, seremos amados e esta é a reta justiça de Deus: **Reencarnação**, nova

oportunidade de trabalhar e reconstruir, já que:

Dt 24,16: Não se fará morrer os pais pelo testemunho dos filhos, nem os filhos pelo testemunho dos pais. Cada homem morrerá pelo seu pecado. (TANAH, p. 204)

Cabe ainda lembrar que as passagens amplamente discutidas na Torá, no Tanah e nos Evangelhos confirmam que um ser infinito não pode atingir a prática de um erro infinitamente, sendo este um golpe de morte à ideia das penas eternas.

Considerações Finais

Primeiramente agradecemos ao Eterno em nos manter firmes na pesquisa e confiantes de chegarmos à conclusão diante de tantas bibliografias pesquisadas e anos de dedicação, a fim de que pudéssemos compartilhar com os leitores que até aqui chegaram. Agradecemos também ao confrade Paulo Neto que nos ofereceu a sua ampla biblioteca que enriqueceu o nosso trabalho com as diversas traduções bíblicas que fez corpo à nossa pesquisa. Tencionamos em crer que a reencarnação está na tradução da Torá, Chumash, Tanah, Talmud Babilônico e nos Evangelhos como demonstrado, mas não queremos impor a nossa conclusão sobre o assunto, antes, porém, damos para que seja avaliada e que cada um tire suas próprias conclusões.

Thiago Toscano Ferrari

Novembro / 2013

(Revisão Novembro / 2021)

Fontes bibliográficas

- A Bíblia Anotada.** São Paulo: Mundo Cristão, 1994.
- BERG, P. S. *Reencarnação: as rodas da alma.* São Paulo: Cabala, 1998.
- Bíblia Eletrônica** 3.6.0 Rksoft Sothwares
- Bíblia Sagrada,** Brasília-DF: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.
- Bíblia Sagrada,** Edição Barsa. Rio de Janeiro: Catholic Press, 1965.
- Bíblia Sagrada,** 68ª ed. São Paulo: Ave-Maria, 1989.
- Bíblia Sagrada,** 5ª ed. Aparecida-SP: Santuário, 1984.
- Bíblia Sagrada,** 37a. ed. São Paulo: Paulinas, 1980.
- Bíblia Sagrada,** 8ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1989.
- Bíblia Sagrada,** Edição Pastoral. 43ª imp. São Paulo: Paulus, 2001.
- Bíblia de Jerusalém,** nova edição. São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia do Peregrino.** São Paulo: Paulus, 2002.
- CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. **Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia 3a. ed.,** vol. 2. São Paulo: Candeia, 1995b.
- DOBSON, J. H., **Aprenda o Grego do Novo Testamento,** Rio de Janeiro, Editora CPAD, 1994)
- Escrituras Sagradas,** Tradução do Novo Mundo das, Cesário Lange-SP: STVBT, 1986.
- ERNESTO, F. **Dicionário Escolar Latino-Português,** Rio de Janeiro, CNME, 1962.
- R. Laird Harris, Gleason L. Archer Jr. e Bruce K. Waltke. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento,** Editora Sociedade Religiosa Edições Vida Nova; São Paulo/SP; 1ª edição: 1998
- JOSEFO, Flavio, **História dos Hebreus,** Editora CPAD, 8ª Edição, Rio de Janeiro/RJ, 2004 (Versão e-book - www.ebooksgospel.com.br)

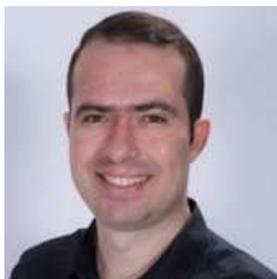
- JOSEFO, F. ***História dos Hebreus***, Rio de Janeiro, CPAD, 2003.
- KARDEC, A. ***A Gênese***, Rio de Janeiro: FEB, 1995.
- KARDEC, A. ***O Evangelho Segundo o Espiritismo***, Rio de Janeiro: FEB, 1996.
- MAGALHÃES, L. ***Dicionário Português-Latim***, São Paulo: LEP S.A., 1960.
- SCHÖKEL, L. A. ***Dicionário Hebraico Português***. São Paulo: Paulus, 1997.
- SILVA, S. C. ***Analisando as Traduções Bíblicas***. João Pessoa-PB: Ideia, 2012.
- STRONG J. LL.D, S.T.D.; ***Dicionário Bíblico Strong Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong***, Barueri/SP, Editora SBB, Ano 2002.
- TORÁ, A Lei de Moisés**, Templo Israelita Brasileiro Ohel Yaacov, São Paulo: Editora e Livraria Sêfer, 2001.
- TANAH, ***Bíblia Hebraica***, São Paulo: Editora e Livraria Sêfer, 2012.
- ITSCHAQ, S. B., ***Chumash - Shemot com comentários de Rashi***, São Paulo: Editora TREJGER, I. U., 1993.
- TALMUD BAVLI - BERACHOT**, Capítulo 1-3, São Paulo: Editora Lubavitch Yeshivá Tomchei Tmimim Lubavitch, 2013.
- TALMUD BAVLI - BERACHOT**, Capítulo 7-9, São Paulo: Editora Lubavitch Yeshivá Tomchei Tmimim Lubavitch, 2013.
- VULGATA LATINA**, *Biblia Sacra juxta Vulgatam Clementinam*, CBCEW, Londres, 2006.
- WEISS, B., ***Muitas Vidas uma só Alma***, Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2005.

Internet:

- [1] <http://pt.wikipedia.org/wiki/Septuaginta> - Consulta às 12:42 em 14/09/2013
- [2] http://pt.wikipedia.org/wiki/Jer%C3%B4nimo_de_Estrid%C3%A3o, Consulta às 11:05 em 24/10/2013

- [3] http://pt.wikipedia.org/wiki/Vulgata_latina, Consulta às 11:13 em 24/10/2013
- [4] <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ablativo>, Consulta às 13:17 em 24/10/2013
- [5] http://pt.wikipedia.org/wiki/Caso_acusativo, Consulta às 13:24 em 24/10/2013
- [6] Traduções do hebraico para português feito por um judeu ortodoxo no Fórum Evangelho em 2005/2006.
(<http://forumevangelho.com.br/>)
- [7] SEPTUAGINTA Interlinear
(Verão Eletrônica:
<http://docs9.chomikuj.pl/714609164.PL.0.0.Septuaginta-Interlinear---Old-Testament.pdf>)
- [8] <http://pt.wikipedia.org/wiki/Zohar>, Consulta às 15:30 em 20/11/2013
- [9] <http://ruadajudiarria.com/?m=200402&paged=2>, Consulta às 06:35 em 12/01/2006
- [10] http://www.morasha.com.br/conteudo/artigos/artigos_view.asp?a=479&p=2, Consulta às 15:00 em 21/11/2013
- [11] Capa: https://images-na.ssl-images-amazon.com/images/I/41Xu5x2pJML_SX337_BO1_204_203_200_.jpg

SOBRE O AUTOR



Thiago Toscano Ferrari é natural de São Mateus, ES. Formado em Técnico em Mecânica pelo IFES e Engenharia Mecânica pela Faculdade Brasileira - Multivix (Vitória-ES), bem como graduando de Teologia pela Escola de Exegese Bíblica (São Paulo-SP). Atua na área industrial desde 2002. Regressou ao movimento Espírita em Janeiro/2004.

Escreveu os e-book's ***A arte do debate, A Torá e a Reencarnação e O Espiritismo e as incoerências de um pastor***, dentre vários artigos publicados no site www.apologiaespirita.com.br (GAE - Grupo Apologética Espírita).